

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

ISABELA RIBEIRO CARRARO

**A ESCRITA DA VIDA NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS FAMILIARES: ESTUDO
DE CASO DA EDITORA LIVROS DE FAMÍLIA**

PORTO ALEGRE

2022

ISABELA RIBEIRO CARRARO

**A ESCRITA DA VIDA NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS FAMILIARES: ESTUDO
DE CASO DA EDITORA LIVROS DE FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Cida Golin

Coorientadora: Stéfani Fontanive

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria de Moura

Vice Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Chefe: Marcelo Ruschel Träsel

Chefia Substituta: Cida Golin

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Coordenadora: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Coordenadora substituta: Marcia Benetti

CIP - Catalogação na Publicação

CARRARO, Isabela Ribeiro
A ESCRITA DA VIDA NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS
FAMILIARES: estudo de caso da editora livros de
família / Isabela Ribeiro CARRARO. -- 2022.
107 f.
Orientadora: Cida GOLIN.

Coorientador: Stéfani FONTANIVE.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Biografias. 2. Jornalismo. 3. Família. 4.
Memória. I. GOLIN, Cida, orient. II. FONTANIVE,
Stéfani, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705. CEP: 90035-007

Tel.: (51) 3308.2856 / (51) 3308.5138

E-mail: dci@ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Isabela Ribeiro Carraro

A escrita da vida na produção de biografias familiares: estudo de caso da editora
Livros de Família

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Cida Golin

Coorientadora: Stéfani Fontanive

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Strelow – UFRGS Examinadora

Prof. Dr. Basílio Sartor – UFRGS Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço às trabalhadoras e trabalhadores do país, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e do curso de jornalismo, que constroem todos os dias uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço aos que vieram antes de mim e lutaram pela lei de cotas, por um país democrático, uma imprensa livre e uma universidade autônoma. Sem isso eu não estaria aqui.

Agradeço à minha orientadora, Cida Golin, pelo suporte, cuidado e empatia ao longo de toda a graduação. Os ensinamentos da professora Cida transbordaram a academia e me tornaram também uma pessoa melhor.

Agradeço à Stéfani Fontanive, minha coorientadora e amiga querida, com quem tive a honra de dividir as vitórias e derrotas dos últimos anos. E foram várias.

Agradeço à equipe da Livros de Família, em especial ao André Viana e ao Tato Coutinho, e à família Reingenheim, por generosamente me deixarem conhecer a história de *Origens* e o universo das biografias de família.

Ao Eduardo e ao Erick por, ainda antes do meu primeiro semestre letivo, me mostrarem que existe amor na universidade. E à Jacquelline e a Paola por me lembrarem que ele segue existindo.

Agradeço ao Miguel e ao Leo, com quem dividi minha casa, boa parte da minha formação, choros e risadas: “Só as manas que se amam e já se odiaram” sabem o que passamos.

Agradeço à Jéssica, Vanessa, Camila e Joseane por existirem em um mesmo mundo que eu.

Agradeço à Tia Simone, pelo carinho e apoio e à Debora e ao Rafa pela acolhida em outra pátria e outra família. Que o nosso próximo capítulo seja muito feliz.

Agradeço ao meu avô, Gervásio, por cantar para eu dormir, por me ensinar a amar histórias e a amar pessoas, por me ensinar a importância da minha família. Este trabalho é inteiramente dedicado a ele.

Agradeço à minha mãe, por me ensinar que a educação muda o mundo e pela insistência sempre e apesar de tudo. Conseguimos! Ao meu tio Henrique pelas maria-chiquinhas, a maior prova de amor que eu poderia pedir. À minha tia Sandra pelo colo e ao meu tio Rodrigo pela música. À minha dinda pelos melhores abraços de urso e a Vick pela parceria. Ao Vini, a Tatá, o Cauê e o Vitor por dividirem comigo os momentos bons e ruins. A minha vida é mais feliz com vocês.

Ao Tibet, por me amar e zelar sempre, durante 14 anos.

Agradeço à Ariel, poder te amar é minha maior sorte. Sem teu apoio isso não seria possível. Estou ansiosa para ler as próximas páginas da biografia que estamos escrevendo juntas. E ao Calvin por fazer também parte desta história.

Se tem algo que aprendi neste trabalho é que as memórias são coletivas e as biografias, mesmo que tenham apenas um personagem principal, nunca são individuais. Minha história

até aqui foi muito difícil, é verdade, mas os capítulos tristes são uma parte pequena da minha trajetória, se comparados às tantas páginas de amor e carinho que vivi com vocês.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho aborda a produção de biografias familiares, enquanto fenômeno que circula no Espaço Biográfico e auxilia na manutenção das memórias. Assim, buscou responder ao problema de pesquisa: quais são as particularidades das biografias de família em relação ao Espaço Biográfico e a práxis do biografar? Para isso, realizou um estudo de caso da editora Livros de Família, uma empresa especializada em biografias familiares feitas sob demanda e em pequena escala, localizada em São Paulo, Brasil. Elegeu como objeto empírico do trabalho da editora o livro *Origens*, publicado em 2021. O trabalho foi ancorado nas teorias referentes ao Espaço Biográfico, ao hibridismo e interdisciplinaridade do biografismo e na relação entre biografia e jornalismo. Também estudou o conceito de família e sua diversidade, presentes nos dicionários, na legislação, nos estudos das Ciências Sociais. Além de trabalhos referentes à memória sob a perspectiva da Neurociência e da memória coletiva e social, em especial no que se refere ao papel dos avós e nas estratégias de manutenção da memória familiar. Utilizou as técnicas de entrevista em profundidade e de análise de narrativa como metodologia de análise do objeto. Conclui-se, então, que no lugar de atravessamentos, que é o Espaço Biográfico, as biografias familiares servem como estratégia de manutenção da memória familiar. Ademais, os livros produzidos pela editora têm a potencialidade de colocar em discurso as memórias que não tinham registro material ou cujos registros não estivessem de alguma forma relacionados e apurados. O trabalho na área é emergente para jornalistas, que utilizam métodos da profissão para a construção das biografias, materializando as histórias das famílias biografadas, que sem o auxílio dessas técnicas não têm domínio da práxis do biografar.

Palavras-chave: **Biografias; Jornalismo; Família; Memória**

ABSTRACT

The present work approaches the production of family biographies as a phenomenon that circulates in the Biographical Space and helps in the maintenance of memories. It sought to answer the research problem: what are the particularities of family biographies in relation to the Biographical Space and the praxis of biography? It carried out a case study of the publisher "Livros de Família", a company specialized in small-scale, on-demand family biographies, located in São Paulo, Brazil. The book "Origens", published in 2021, was used as an example of the publisher's work. It brings the concept of family and its diversity, presented in dictionaries, legislation, and social science studies. It also searched for works related to memory from the perspective of neuroscience and collective and social memory, especially with regard to the role of grandparents and strategies for maintaining family memory. It used the in-depth interview and narrative analysis techniques, as a methodology for analyzing the object. It concluded, then, that as a place of crossings that is the Biographical Space, family biographies serve as a strategy for maintaining family memory. Furthermore, the books produced by the publisher have the potential to put into discourse the memories that had no material record or whose records were not in some way related and accurate. The work in the area is emerging for journalists, who use methods of the profession to build biographies, materializing the stories of the biographed families, who without the help of these techniques do not have the necessary skills for producing biographies.

Keywords: **Biographies; Journalism; Family; Memory**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOBRE BIOGRAFIAS	13
2.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO E O DILEMA TAXONÔMICO DA ESCRITA DA VIDA	13
2.2 O CARÁTER HÍBRIDO DO BIOGRAFISMO	17
2.3 AS BIOGRAFIAS E O JORNALISMO	23
3 SOBRE FAMÍLIA E MEMÓRIA	28
3.1 UMA BREVE TENTATIVA DE DELINEAR AS COMPREENSÕES DE FAMÍLIA....	28
3.2 A MEMÓRIA E O PAPEL DOS AVÓS NA MANUTENÇÃO DAS LEMBRANÇAS FAMILIARES	33
4 SOBRE LIVROS DE FAMÍLIA	38
4.1 OS PERCURSOS DE CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS	38
4.2 O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA EDITORA E OS LIVROS DE FAMÍLIA....	40
5 SOBRE ORIGENS	48
5.1 A ESCRITA DA VIDA DOS REINGENHEIM: UMA BIOGRAFIA DE FAMÍLIA	48
5.2 <i>ORIGENS</i> NO ESPAÇO BIOGRÁFICO	51
5.3 A NARRATIVA EM <i>ORIGENS</i>	59
6 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – Entrevista Viana	75
APÊNDICE B – Entrevista Coutinho	91
APÊNDICE C – Guia para entrevista	105

1 INTRODUÇÃO

“O que se verá em seguida são registros fragmentários de uma mesma trajetória. Eles seguem brotando das mais variadas fontes, sempre articulados a partir do que nós, a família, não sabemos.”

(Origens, página 12)

A palavra biografia é formada pela junção de *bios*, vida, e *graphia*, escrita, ambos oriundos do grego (MARTINEZ, 2016). Orientada pela prática da escrita da vida, me propus a estudar biografias de famílias, gerações de pessoas que se conectam por laço sanguíneo ou afetivo.

Este trabalho tem para mim, acima de tudo, uma relevância pessoal. Desde pequena vi meu avô pesquisar a história da minha família. Além da genealogia, ele buscava registrar os hábitos, as histórias orais – ou causos – e as receitas culinárias. A expectativa do meu avô era de que estes conhecimentos adquiridos ao longo de gerações fossem eternizados e, por isso, antes de falecer ele estava escrevendo um livro sobre a história da nossa família.

Assim, este trabalho é para uma forma de me aprofundar nos conhecimentos acerca das biografias, sobretudo as familiares, para que eu possa dar sentido à pesquisa e a memorabilia cultivadas pelo meu avô. É, também, uma forma de relacionar os conhecimentos e técnicas adquiridos ao longo do curso de jornalismo com os métodos empíricos utilizados por ele. Estudar a escrita da vida, família e memória são formas de estudar e homenagear uma das pessoas mais importantes para mim, de processar sua falta diária e também, de certa forma, colocar em prática seus ensinamentos.

Em setembro de 2021 a Revista *Gama* publicou uma reportagem com o jornalista André Viana, idealizador da editora Livros de Família¹. A empresa é uma das que atualmente oferecem o serviço de produzir biografias encomendadas por famílias anônimas, que querem registrar suas memórias em formato de livro. A partir desta reportagem, fui introduzida ao universo das biografias familiares e conheci a editora que viria a dar forma a este trabalho.

¹ Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/>

A Livros de Família produz biografias sob encomenda, que narram a vida de uma ou mais pessoas anônimas, em pequena escala, geralmente com público-alvo apenas de familiares e amigos. As obras, em geral conjugadas em primeira pessoa, narram histórias de vida de pessoas comuns que querem ter suas memórias e de seus familiares registradas, mas não sabem como fazê-lo.

Empresas como a Livros de Família se propõem a solucionar a necessidade humana de deixar uma marca, um registro de que estivemos aqui. Alguns exemplos deste modelo de negócio são a Memoir Editora², que atua em Lisboa; a Legacy Books³, com sede nos Estados Unidos; e a Palavra Bordada⁴, que atua no Rio Grande do Sul. Ainda que existam diversas editoras que oferecem este tipo de serviço, a Livros de Família foi a primeira que tive contato e por isso, a que escolhi como objeto de pesquisa desta monografia.

As biografias não são necessariamente escritas por jornalistas, tampouco são um campo de pesquisa científica exclusivo da Comunicação. Ana Maria da Costa Macedo (2011), por exemplo, defende o uso das autobiografias de famílias como fonte de estudo histórico, pois estes relatos íntimos são atravessados pela conjuntura política e social do período em que foram feitos.

As pesquisas sobre o tema na Comunicação são relativamente recentes, assim como a prática do biografismo por jornalistas. Ainda assim, técnicas de apuração e escrita utilizadas por jornalistas são importantes ferramentas na construção de biografias. Como veremos, é a partir de 1982, com *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*⁵, que jornalistas entram no campo: “a década de 1990 é cenário de um *boom* biográfico, o surgimento de grandes jornalistas-biógrafos, como Ruy Castro e Fernando Morais” (MARTINEZ, 2016, p. 88).

Assim, ao reconhecermos este fenômeno e sua importância, decidi me aprofundar nas particularidades das biografias de família e das empresas que prestam este serviço a partir de um estudo de caso da editora Livros de Família. Segundo Marcia Yukiko Matsuuchi Duarte, o estudo de caso é o método de pesquisa que possibilita “o estudo das particularidades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos” (DUARTE,

² Ver mais em: <https://www.instagram.com/memoireditora/>

³ Ver mais em: <https://legacybooks.com/>

⁴ Ver mais em: <https://www.palavrabordada.com.br/>

⁵ Obra do jornalista Alberto Dines

2005 p.234), pois “ao buscar os significados dos dados registrado, estará compartilhando de muitas relações sociais e obrigando-se a aplicar várias técnicas de coletas de dados, o que pode contribuir para sua formação e capacidade de análise.” (DUARTE, 2005, p. 234).

Neste trabalho utilizei as técnicas de entrevista em profundidade com base em Jorge Duarte (2010) para a condução de entrevistas com André Viana e Tato Coutinho, membros da editora. Também utilizei os recursos da análise da narrativa, me apoiando no trabalho de Jonathan Culler (1999), para a análise de um dos livros produzidos pela Livros de Família, *Origens*, de Ronaldo Reingenheim com colaboração de Tato Coutinho⁶.

O problema de pesquisa que guiará o presente trabalho, sempre visando estudar esta prática da escrita da vida, é **“quais são as particularidades das biografias de família em relação ao espaço biográfico e à práxis do biografar?”**. A pergunta nos leva ao objetivo que rege esse trabalho de conclusão de curso, ou seja, entender as particularidades das biografias de família em relação ao Espaço Biográfico e à práxis do biografar.

Para se responder ao questionamento e se alcançar o objetivo geral, defini quatro objetivos específicos. O primeiro é refletir sobre a prática da biografia e seus atravessamentos em diferentes campos de saber; o segundo é qualificar as biografias de família como estratégia de manutenção da memória familiar; o terceiro é entender como a práxis de biografar atua na editora Livros de Família; e o quarto é compreender como a perspectiva do Espaço Biográfico e o projeto de manutenção da memória familiar afetam a construção narrativa do livro *Origens*.

Para me aprofundar no universo das biografias, abordei no primeiro capítulo o conceito de Espaço Biográfico que estudei a partir de Leonor Arfuch (2010) e das relações que estabeleci entre biografia e os campos da História, Literatura, Sociologia, bem como as aproximações entre biografia e o campo do Jornalismo.

É importante conhecer os personagens dos livros produzidos pela editora, ou seja, as famílias. Por isso, no segundo capítulo procurei entender o significado da palavra em dicionários, na legislação brasileira (DIAS, 2015), na Antropologia e na Sociologia. Me aprofundando também no papel dos avós dentro dos núcleos familiares, por serem eles as pessoas responsáveis por transmitir o conhecimento e

⁶ Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/Origens>

o registro das memórias para os membros mais novos da família, como acontece em *Origens*.

No segundo capítulo estudei também a memória, através da Neurociência (IZQUIERDO, 2018) e da sua dimensão de fenómeno social. Acredito que a memória é o que move a necessidade biográfica, o que ajuda a organizar e dar sentido à família e o que impulsiona as pessoas a buscarem registrar essas trajetórias e vínculos de afeto que se entrelaçam em uma narrativa em formato de livro.

No terceiro capítulo apresentei a editora com base em entrevistas produzidas com André Viana, idealizador da empresa, e Tato Coutinho, o jornalista por trás do livro *Origens*, respectivamente. Também fiz um levantamento de editoras similares à Livros de Família, para que fosse possível conhecer o contexto em que a mesma está inserida.

Ao conhecer o conceito de biografia, Espaço Biográfico, família e memória, além do objeto a ser estudado, parto, então, para a apresentação e análise do livro *Origens*.

2 SOBRE BIOGRAFIAS

“É importante dizer que há muito sofrimento envolvido nas páginas e reminiscências a seguir. Mas também que há muita vida em sua condição mais básica e irrefreável - a capacidade de resistir e renascer a partir de elementos mínimos, sejam eles de que natureza for.”

(Origens, página 13)

Para iniciarmos este trabalho, estudaremos o biografismo a partir do Espaço em que elas circulam, o Biográfico, a partir da perspectiva de Leonor Arfuch (2010). Também iremos explorar o caráter híbrido das biografias e das várias ciências que estudam a escrita da vida. Em especial a relação do jornalismo com a prática, a partir da pesquisa de Karine Vieira (2011 e 2015).

2.1 O ESPAÇO BIOGRÁFICO E O DILEMA TAXONÔMICO DA ESCRITA DA VIDA

Para adentrar o universo das biografias, é preciso saber que há uma grande gama de produções acerca da prática da escrita da vida. Como veremos, os textos biográficos são diversos e podem ser escritos e pesquisados sob diferentes perspectivas. Na busca de compreender, ainda que superficialmente, o biografismo no que tange à produção científica, se faz necessário conhecermos o conceito de **Espaço Biográfico**, lugar de atravessamentos de variadas formas de discurso, como diários, cartas e entrevistas.

Para a professora e pesquisadora Leonor Arfuch (2010), o Espaço Biográfico extrapola os limites do que é considerado biográfico. É um lugar de transversalidade em que circulam, os textos considerados canônicos, como as autobiografias, as memórias e as confissões, estruturas que historicamente se repetem dentro do universo do biografismo. Orbitam neste lugar também formas mais contemporâneas de narrar uma vida, como entrevistas midiáticas (objeto de pesquisa da autora), *reality shows* e, inclusive, as mídias sociais. “O que constitui a ordem do relato - da vida - e

sua criação narrativa, esse “passar a limpo” a própria história, que nunca se termina de contar.” (ARFUCH, 2010, p. 16).

São textos oriundos de diferentes gêneros discursivos e disponíveis em uma vasta gama de plataformas, seja em vídeos, fotos, jornais e livros impressos ou digitais. É um “horizonte de inteligibilidade, e não uma mera somatória de gêneros já conformados em outro lugar.” (ARFUCH, 2010, p.16). Segundo Arfuch (2010), as biografias não devem ser encaixadas em um gênero literário, nem mesmo em um macro gênero. O fazer biográfico, ou seja, a necessidade de colocar em discurso uma vida, extrapola essas definições taxonômicas, pois se desdobra em diversas formas e produções, sem uma estrutura específica, mas ainda sim de alguma forma relacionado com o “real” (ARFUCH, 2010).

“Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história”, diz Pierre Bourdieu (2006, p. 183). Ainda segundo o autor, a visão do senso comum de trajetória ou história de vida é “o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2006 p.183). Presumimos uma ordem e uma sequencialidade, uma organização para a vida. Nossa existência é formada por fragmentos, que ao serem relacionados e interpretados com um sentido dão forma à trajetória humana, nas mais variadas formas de relato, inclusive o oral.

A necessidade de se produzir e consumir biografias (e, principalmente, autobiografias) acontece, para Arfuch (2010), e se intensifica concomitantemente ao desenvolvimento do capitalismo, quando a propagação dos conceitos de privacidade e “privado” tornaram os espaços em que as pessoas habitam individuais, de reclusão e também de reflexão. O isolamento e a solidão ocasionados por essas mudanças sociais (e pelas novas relações do indivíduo com o mundo) impulsionaram a criação deste jogo de autorreconhecimento e de reconhecimento do outro, através de narrativas íntimas da existência humana, que é o fazer biográfico (ARFUCH, 2010).

Essas produções - que variam em forma, intenção e plataforma - estão muito ligadas ao espaço temporal em que estão inseridas. Dos diários pessoais e cartas às entrevistas midiáticas e *reality shows*. O Espaço Biográfico não deve ser estagnado no tempo, mas um conceito que muda ao longo dos anos, assim como a conjuntura política e social, a linguagem, as plataformas midiáticas, a moral e tantos outros. São textos que dependem de um contexto para existir, mas que mantêm em comum a

necessidade de romper com o privado como forma de reflexão sobre o caráter humano dos indivíduos, sejam eles famosos ou não (ARFUCH, 2010).

A autora aponta que uma das características presentes no Espaço Biográfico é a indefinição destas produções, mais do que suas similaridades narrativas, são textos com uma intenção parecida, a de colocar em discurso uma vida. Na diversidade do biografismo, a autora aponta que não há necessariamente uma divisão bem definida entre o que pode ser considerado romance, biografia romanceada e autobiografia, por exemplo, mas uma mistura sutil entre todos eles, que varia em cada produção. O que possibilita que o consumidor do biografismo identifique estes textos como comuns entre eles, aproxime essa diversidade de discursos, é um treinamento ao qual fomos submetidos ao longo dos anos. Dessa forma ele “estará igualmente em condições de jogar os jogos do equívoco, das armadilhas, das máscaras, de decifrar os desdobramentos, essas perturbações da identidade que constituem *Topoi* já clássicos da literatura (ARFUCH, 2010, p. 56).”

É por essa impossibilidade de definições restritas do fazer biográfico e de armazená-las em gêneros que se faz importante o Espaço Biográfico, um lugar de atravessamento, sujeito ao tempo, onde coexistem diversos gêneros discursivos, sempre ancorados no relato de uma vida real. Por ser maior e mais livre, esta estrutura permite leituras transversais e transdisciplinares deste discurso que “tem um papel cada vez mais preponderante na construção da subjetividade contemporânea.” (ARFUCH, 2010, p. 132).

Na tentativa de compreender o conceito trabalhado por Arfuch (2010) (e o fenômeno do biografismo) é importante identificar algumas estruturas que circulam pelo Espaço Biográfico. A biografia flutuará “entre o testemunho, o romance e o relato histórico, o ajuste a uma cronologia e a invenção do tempo narrativo, a interpretação minuciosa de documentos e a figuração de espaços reservados que, teoricamente, só o “eu” poderia alcançar.” (ARFUCH, 2010, p. 137).

Também é característica deste texto, e dos outros que habitam o Espaço Biográfico, a impossibilidade de uma narrativa absoluta da vida. Isto é, uma biografia nunca dará conta de toda a vida do biografado. O fazer biográfico é feito de momentos escolhidos, um retrato da vida do sujeito biografado (ARFUCH, 2010).

Aqui, damos um passo atrás, e trazemos à discussão o reconhecimento do “eu” do biografado. Isso se faz necessário porque, como abordamos anteriormente, as

biografias extrapolam os limites da privacidade, que vem sendo construída e, de certa forma, corrompida desde o século XVIII⁷, com as autobiografias, as cartas, os diários, como veremos a seguir (ARFUCH, 2010).

Arfuch (2010) aponta que as biografias são sempre compostas por um “eu”, o biografado. Ao analisarmos as autobiografias, esse fator aparece duas vezes: nestas produções, o “eu” biografado é somado ao “eu” autor. Assim como no primeiro caso, a autobiografia é um retrato de uma vida, mas é também a representação do autor de si mesmo no texto (ARFUCH, 2010).

Dessa forma, a história da própria vida é parte mimese, ou seja, recriação, e parte memória⁸. Parte aquilo que o autobiógrafo considera ter sentido lógico na narrativa e na projeção racional que tem da própria vida, parte suas lembranças, que podem ou não ser reais (ARFUCH, 2010). Para Bourdieu (2006) ainda que os biógrafos busquem “tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 185), a biografia nunca poderá representar a completude de uma vida, ainda que essa seja a pretensão da maior parte dos autores. Esta tentativa é classificada pelo autor como uma ilusão: “uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Os diários íntimos, sob a perspectiva de Arfuch (2010), exploram um “eu” ainda mais profundo do que as autobiografias, seja por seu caráter mais privado ou pela maior possibilidade de improvisação nas formas de narrar a vida do autor. As experimentações, quase infinitas, enriquecem os diários com recortes, fotografias, desenhos e outras preciosidades do ponto de vista da pessoa que narra a história, o diário. Apesar do caráter íntimo, os diários, como as biografias e as autobiografias, podem vir a ser publicados, sendo às vezes, inclusive, escritos com intenção explícita para tal. É o que Arfuch caracteriza como “espetáculo da interioridade” (ARFUCH, 2010, p. 143).

⁷ As Confissões, de Rousseau (1766), é considerada simbolicamente por autores, dentre eles Arfuch (2010) e Lejeune (1975), como a “primeira” autobiografia. O texto do filósofo traz características importantes que seriam vistas posteriormente em textos autobiográficos: “não só explora os limites da afetividade, abrindo passagem para um novo gênero entre as tendências literárias de sua época; não só expressa o sentimento de assédio e de defesa diante da intrusão no íntimo pelo social, na interpretação de Arendt, mas introduz a convicção íntima e a intuição do “eu” como critério de validade da razão” (ARFUCH, 2010, p. 51).

⁸ Como veremos no capítulo 3 deste trabalho, a própria memória é uma recriação. Quando evocamos uma lembrança estamos traduzindo algo que vivemos através dos recursos que temos hoje.

Facilmente a mesma definição pode ser atribuída às correspondências, espaço íntimo, muitas vezes de atualizações cotidianas, um encontro entre duas narrativas de vida, mas que podem ser alvo de publicações e objeto de desejo de muitos biógrafos. Afinal, publicá-las é autorizar a “intromissão num diálogo privilegiado, na alternância das vozes com a textura da afetividade e do caráter – às vezes, das *duas* vozes –, no tom menor da domesticidade ou no da polêmica,” (ARFUCH, 2010, p. 148). É, entre outras possibilidades, dar ingresso à vida privada: “assistir ao desenvolvimento de uma relação amorosa ou de um pensamento, acompanhar a vibração existencial de alguém que se “conhece” de longe.” (ARFUCH, 2010, p. 148)

Karine Vieira (2015), acrescenta à discussão acerca deste movimento de fazer e consumir biografias: o aumento extremo de sua presença. Se as estruturas que navegam o Espaço Biográfico que elencamos até aqui tinham um caráter mais introspectivo, quase gradual, contar a história de uma vida tem se tornado fenômeno efervescente, movido pelas novas tecnologias. Novos suportes que desfazem e refazem os “gêneros canônicos”, como diria Arfuch (2010). As barreiras entre público e privado nunca foram tão frágeis, nem tão mutáveis. O Espaço Biográfico proposto por Arfuch (2010) e revisitado por Vieira (2015) já não é mais o mesmo. Se transforma em uma narrativa cada vez mais midiática e mais dinâmica.

Após identificarmos e entendermos o que é o Espaço Biográfico, no próximo subcapítulo nos debruçaremos nos diferentes campos do conhecimento que compõem o Espaço Biográfico e constituem sua transdisciplinaridade, como a História, as Ciências Sociais e o Jornalismo.

2.2 O CARÁTER HÍBRIDO DO BIOGRAFISMO

Após conhecermos o conceito de Espaço Biográfico (ARFUCH, 2010), é necessário navegarmos pelos múltiplos campos do conhecimento que contribuem para a produção de escritas de vida, seja em caráter epistemológico ou na construção dessas histórias, isto é, no fazer biográfico. Também é oportuno nos aprofundarmos nos atravessamentos e tensionamentos que sustentam os relatos de vida, o caráter **híbrido** do biografismo.

No campo da história, as biografias nem sempre foram bem quistas. Segundo Dosse (2009), as biografias – e aqueles que as escreviam – sofreram duras críticas vindas da comunidade acadêmica ao longo do século XIX e em parte do século XX, período que o autor considerou um “eclipse das biografias”.⁹ Houve uma ruptura entre a história, enquanto disciplina, e o fazer biográfico, “tachando-o de elemento parasita capaz de perturbar os objetivos científicos” (DOSSE, 2009, p 16).

O emergente campo das ciências sociais também foi fator importante na crítica ao fazer biográfico, na medida em que esta nova área do saber queria se afirmar perante à comunidade acadêmica, criticando as velhas formas de pesquisa. (DOSSE, 2009) Neste terreno inóspito, as biografias tinham contra si, do ponto de vista da história e das ciências sociais, a questão comercial, “cujo êxito junto ao público só se podia comparar ao desdém de que eram alvo por parte da comunidade intelectual.” (DOSSE, 2009, p. 16).

Além disso, a conjuntura social, onde, graças aos debates marxistas, que eram muito populares no campo da história, falar de indivíduos únicos era tido como uma herança da burguesia, já que, tradicionalmente, os biografados eram lideranças políticas ou religiosas (DOSSE, 2009). Dava-se preferência por fenômenos de massa, e não de indivíduos únicos, diminuindo ou, ainda, descartando, a importância desses relatos singulares, da vida privada, em comparação com as histórias das massas. As biografias eram, portanto, vistas pela comunidade acadêmica, de maneira quase generalizada, como uma fonte de alienação e, os biógrafos, como “mercenários” (DOSSE, 2009).

A partir dos anos de 1980¹⁰, houve uma retomada, ainda que sob olhares desconfiados de alguns grupos, do fazer biográfico por parte da história e das ciências sociais. Isso ocorreu graças a um processo de “profunda transformação das bases técnico-metodológicas da disciplina, com um conseqüente repensar de questões clássicas como: a relação indivíduo/sociedade, as formas narrativas do conhecimento histórico, entre outros.” (SCHMIDT, 1998, p 3).

⁹ Entre 1929 e 1976 os artigos acerca das biografias variavam entre 0% e 0,7% do conteúdo da revista de *Annales*. A prestigiada publicação de humanidades, que originou uma escola de pensamento homônima, foi fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch (DOSSE, 2009).

¹⁰ Em 1985, ano que Dosse considera um marco de transformação da percepção sobre as biografias no universo acadêmico, duzentas biografias foram publicadas por cinquenta editoras. Este dado foi levantado em pesquisa produzida pelo francês *Livres-Hebdo*, centro de referências para o comércio livreiro, que naquele ano era a única seção do tipo especializada em biografias (DOSSE, 2009).

Para Schmidt (1998), o retorno do fazer biográfico, mais do que um resgate de um gênero antigo, trouxe consigo o interesse em histórias singulares e de pessoas comuns (SCHMIDT, 1998). Também não foi um fenômeno isolado, aconteceu como um

[...]movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual (SCHMIDT, 1997, p 5).

A influência da literatura também tornou-se marca neste biografismo que emergia, uma característica que a história e o jornalismo passaram a ter em comum (SCHMIDT, 1998). No Brasil, em 1981, *Morte no paraíso*, de Alberto Dines, foi publicada e marcou um novo modo de fazer biográfico no país. Agora, articulavam-se fazeres jornalísticos aos biográficos. O livro sobre a vida do biógrafo Stefan Zweig tornou-se referência, criando um “movimento consistente e contínuo de formação de novos jornalistas autores e de público leitor” (VIEIRA, 2015, p 12).

A impossibilidade de classificação taxonômica do fazer biográfico, antes uma característica negativa, tornou-se fonte de inovação e um fator fundamental para as novas articulações, afinal, “[...] o gênero biográfico está à altura de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias graças à sua receptividade. Tornam-se possíveis a prática de estudos transversais e o diálogo entre universos de interpretação diferentes” (DOSSE, 2009, p 17).

Parte importante dessa transição entre épocas¹¹, pautada por novas discussões, foram os novos métodos e perspectivas empregados nos relatos de vida. Schmidt (1998) elenca algumas características que diferenciam o fazer biográfico tradicional daquele que observamos atualmente: **a escolha dos personagens**

¹¹ Dosse (2009) divide a cronologia das biografias em três fases: heroica, modal e hermenêutica. Na idade heroica, as biografias contam trajetórias de pessoas que eram exaltadas e a virtude do biografado era evidenciada ao longo da história. Dosse considera o período modal como o “eclipse da biografia”. Nesta fase, os indivíduos deixaram de ser vistos pelos biógrafos como sujeitos-únicos, suas vidas deixaram de ter valor de relato individual. A perspectiva valorosa, no período modal, era a coletiva, das massas. O período contemporâneo é o hermenêutico, quando a singularidade e a reflexão sobre o individual voltam a ser consideradas importantes, parte de um todo que auxilia a contar a história em que o biografado está inserido. A idade hermenêutica também é caracterizada pela forte presença dos jornalistas entre aqueles que se dedicam a este ofício.

enfocados, os objetivos enfocados, a forma de construção da narrativa biográfica, o espaço da ficção nas biografias históricas.

Antes do “eclipse das biografias” (DOSSE, 2009), Schmidt (1998) observa a tendência das publicações antigas de focar nas histórias de vida dos “grandes vultos”, ou seja, pessoas “a quem se atribui o fazer da história” (SCHMIDT, 1998, p.3). Atualmente, no entanto, a historiografia busca pelas histórias das pessoas comuns. (SCHMIDT, 1998).

Em sua pesquisa, Schmidt (1998) identifica uma similitude entre as biografias tradicionais e as contemporâneas: a tentativa de predestinação dos personagens principais. Esse recurso narrativo, que busca a linearidade e a coerência nas biografias, é criticado por Bourdieu, como vimos anteriormente. Para o autor, essa busca é conformar-se com uma “ilusão retórica”, pois a vida não é linear e organizada da maneira como a vemos nas biografias (BOURDIEU, 1996). Ainda assim, Schmidt (1998), aponta que mais recentemente os historiadores têm explorado as diversas facetas do biografado, uma ruptura com essa identidade mais estável, a “ilusão” da biografia. Dessa forma, “[...] emergem nestes textos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano” (SCHMIDT, 1998, p. 11).

Outra característica trabalhada por Schmidt (1998) para comparar as biografias atualmente e no passado é o enfoque. O historiador aponta que os autores tinham como objetivo exaltar ou difamar os personagens biografados, enquanto os trabalhos recentes encaram os biografados como “vias de acesso para a compreensão de questões e/ou contextos mais amplos” (SCHMIDT, 1998, p. 6). Por último, Schmidt (1998) estuda a tentativa de distanciamento dos historiadores que produziam biografias tradicionais da ficção. Contraste com os tempos atuais, em que a invenção passou a ser somada ao conhecimento histórico (SCHMIDT, 1998).

Instrumento importante para o relato biográfico, a ficção é, hoje, ferramenta que deve ser reconhecida como parte da articulação do discurso da vida, “[...]o biógrafo já não tem a ilusão de fazer falar a realidade e de saturar com ela o sentido. Ele sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica.” (DOSSE, 2009, p. 410). Portanto, a função da ficção não é ir contra o que de fato aconteceu, mas preencher lacunas nas informações apuradas e auxiliar na fluidez da narrativa biográfica.

Não há nesta dinâmica total liberdade criativa, mas uma projeção do real, com uma tentativa de aproximar-se da verdade mesmo quando falta ao biógrafo evidências. O ficcional torna possível a tarefa do autor, considerando que colocar a completude de uma vida em discurso é tarefa impossível, ainda que seja ambicionada pelos biógrafos. Dessa forma, a biografia depende da relação criada entre real e ficcional, descrita por Dosse (2009, p. 55) como uma “tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador.”

Essa tensão descrita pelo autor, o espaço de confronto e de encontro entre diferentes saberes e técnicas de contar histórias de vida, são razões apontadas por Dosse (2009) para identificarmos as biografias como um gênero híbrido ou impuro. Para cada saber, diferentes estratégias de percurso narrativo e epistemológico são utilizados. Segundo Martinez (2016), nas Ciências Sociais há maior rigor metodológico e foco na dimensão social em que a vida do biografado está inserida, uma forma de observar a sociedade através da história de um indivíduo. Essa perspectiva, segundo a autora, também pode ser encontrada em outros campos, como na Psicologia Social (MARTINEZ, 2016).

No campo da literatura, “suscita-se a discussão sobre o romance biográfico, a relação autor-personagem e a construção das identidades narrativas, a condução da narrativa e os limites da oficina criativa do biógrafo.” (VIEIRA, 2011, p.10). No cinema, há uma maior liberdade poética, inclusive flexibilizando as narrativas, inserindo personagens fictícios, por exemplo. Ainda assim, a pesquisa histórica se faz presente, mesmo que com uma metodologia menos rigorosa do que a encontrada em outros campos do conhecimento (SCHMIDT, 1998).

O campo da história, “apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos” (SCHMIDT, 1997, p. 8). Schmidt ainda acrescenta que “os trabalhos produzidos nesta área, para além de suas qualidades estilísticas, devem prestar contas ao ‘tribunal de apelação’ da história” (expressão de Thompson, 1981: 74): o passado e seus vestígios.” (SCHMIDT, 1997, p. 12).

Segundo Vieira (2011), a transversalidade inerente ao biografar quando relacionada à comunicação e, em especial, ao jornalismo é “confrontada com

princípios técnicos e deontológicos do campo jornalístico” (VIEIRA, 2011 p. 10). Ainda que, assim como no cinema, o jornalismo tenha menos exigências metodológicas do que, a rigor, na historiografia, como lembra Schmidt (1997), há uma proximidade maior com a literatura e o romance do que nas biografias produzidas por historiadores. Também, o pesquisador salienta um grande interesse dos jornalistas-biógrafos na vida privada dos biografados (em especial às pessoas famosas) e na recriação do dia-a-dia dos indivíduos (SCHMIDT, 1997).

Essas diferentes estratégias narrativas e metodológicas citadas são só alguns exemplos, de algumas áreas que se vinculam ao fazer biográfico e ao exercício de pôr em discurso uma vida. Mozahir Bruck e Bruna Santos Vida (2016) admitem que grupos a que são atribuídas autoridades culturais, como os jornalistas e os historiadores, por exemplo, constroem a realidade – a partir dos relatos que produzem – de acordo com critérios estabelecidos internamente por esses grupos. No próximo subcapítulo, retomaremos a relação dos jornalistas com o biografismo, nos debruçando na forma como os jornalistas contarão essas histórias de vida.

Bruck e Santos Vida (2016, p. 30) entendem que “[...] a construção da realidade pelo jornalismo está submetida a uma cultura jornalística e às práticas dos profissionais, assim como a construção da realidade por parte dos historiadores está submetida às práticas desta profissão.” Para os autores, esses grupos são comunidades interpretativas. Assim, os acordos firmados internamente na historiografia, na psicologia social, nas ciências sociais, no jornalismo e no cinema, são diferentes formas de interpretação da vida biografada. Ao construir este relato de vida, cada comunidade interpretativa “[...] faz suas escolhas, conscientes e/ou inconscientes, do que deve vir à luz e o que deve permanecer na sombra.” (BRUCK; SANTOS VIDA, 2016, p. 30).

Justamente por haverem diferentes formas de contar uma vida, como viemos analisando na presente pesquisa, é oportuno lembrar que, independente da estrutura, “[...] a compreensão do ser humano é vital para os interessados em se aventurar na arte da escrita da vida. Salutar, portanto, a visão transdisciplinar, que acolhe saberes de outras áreas do conhecimento.” (MARTINEZ, 2016, p. 99).

O “gênero impuro”, a biografia, impõe o caráter híbrido, transpondo várias áreas do conhecimento, manifestando as tensões entre técnicas, estilos, saberes. Para Dosse (2009), na própria gênese da biografia está uma indistinção metodológica. “O

gênero biográfico é uma mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica.” (DOSSE, 2009, p. 60) Dessa forma, “Implica um mínimo de empatia, mesmo que essa transposição afetiva se torne fonte de cegueira e rompantes hagiográficos.” (DOSSE, 2009, p. 60).

Na receita da escrita da vida é necessário equilibrar objetividade e subjetividade, empatia e criticidade e uma composição de saberes e métodos de várias áreas do conhecimento, como vimos até aqui. Ainda que seja impossível que a completude da vida do personagem esteja presente no relato biográfico, para que este tenha sucesso, uma amostra da complexidade humana precisa estar presente no discurso da história de vida.

2.3 AS BIOGRAFIAS E O JORNALISMO

A biografia, inserida em um espaço de atravessamentos, híbrido, fronteiroço, tem as mais diversas influências, ao longo da história, como visto até aqui. Agora é preciso observar a necessidade de colocar em discurso uma vida sob a perspectiva do jornalismo, área de sustentação deste trabalho.

Em sua tese de doutorado, Vieira (2015) entrevistou os jornalistas-biógrafos brasileiros Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães, Regina Zappa e Ruy Castro, visando compreender o fazer biográfico no Brasil atual. Dessa forma, a autora faz uma investigação sobre a história das biografias no país, que tiveram muito sucesso entre os anos de 1930 e 1960, muito influenciadas pela historiografia, pelo romance e pela pesquisa no campo da memória. (VIEIRA, 2015)

Segundo a jornalista, Lúcia Miguel Pereira, Eloy Pontes, Pedro Calmon, Luiz Vianna Filho e Raimundo Magalhães Jr. foram os principais nomes do gênero no Brasil durante o período. Destaque para Magalhães Jr,

que é visto por Alberto Dines como um precursor ao articular na biografia os saberes jornalísticos. Dines, por sua vez, carrega consigo o pioneirismo de, em 1981, publicar a biografia *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, sobre o biógrafo austríaco que foi uma das grandes influências da primeira fase do biografismo brasileiro. (VIEIRA, 2015, p. 11)

Assim, no final do século XX, em especial nas duas últimas décadas, um novo movimento dentro do biografismo brasileiro surgiu, inaugurado, ainda que despretensiosamente, por Dines. Nestes últimos 40 anos, os jornalistas ganharam grande espaço dentro do gênero: “nada oficialmente instituído, mas uma sucessão de trabalhos que obtiveram êxitos editoriais significativos e deram suporte para a formação de um mercado no qual mais jornalistas escolhessem explorar o gênero.” (VIEIRA, 2015, p. 80).

A experiência nas redações e as expertises dos jornalistas acrescentaram um novo valor às biografias e um mercado editorial em crescimento também. Ainda que em novo modelo, o biográfico, o *ethos* jornalístico seguiu presente. Vieira (2015) identificou uma troca de conhecimentos e de referencialidade entre os jornalistas-biógrafos brasileiros, uma “escola informal de aprendizado” (VIEIRA, 2015, p. 128).

Ethos jornalístico pode ser entendido como aquilo que constitui o fazer da profissão, são as “implicações, condutas, normas, enfim, quais os princípios deontológicos e técnicos que estruturam o jornalismo como forma de conhecimento, como atividade prática, como instituição e como gênero discursivo” (VIEIRA, 2011, p 45). No jornalismo estes princípios estão ligados à “liberdade, credibilidade, verdade e objetividade” (VIEIRA, 2011, p 46).

Nas entrevistas produzidas em sua tese, Vieira (2015) identificou a importância da autoidentificação enquanto jornalistas-biógrafos para os autores entrevistados pela pesquisadora. Ou seja, a manutenção do *ethos* jornalístico, desta identidade que certifica ao público e às fontes que o trabalho destes autores, as biografias escritas por eles, seguem os princípios do jornalismo – e os diferencia dos biógrafos de outras áreas. O *ethos*, esses fazeres que se repetem, se refletem e se influenciam mutuamente, formam uma episteme da biografia produzida por jornalistas, uma metodologia para o fazer biográfico dentro do campo do jornalismo da atualidade.

Em “O Desafio de Narrar uma Vida: a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico”, Vieira (2011) analisa a biografia enquanto gênero jornalístico através do estudo de gênese de documentos e manuscritos da biografia de Padre Cícero, escrita por Lira Neto. Dessa forma, a autora aproxima a biografia à reportagem. Para tanto, Vieira se baseia na classificação do discurso proposta por Chaparro (2008), relacionando os textos analisados por ela à estrutura de relato: “Por ser um gênero híbrido, de subjetividade singular, originada na tensão entre o factual

e o ficcional, acredita-se que a biografia encontra-se na intersecção entre as vertentes informativa e opinativa.” (VIEIRA, 2011, p 57).

Ao investigar a biografia como gênero jornalístico próximo à reportagem, Vieira (2011) atribui características em comum entre as duas, para, então, encaixar a biografia ao gênero de relato. Segundo a autora, a reportagem e, por consequência, a biografia apresentam “[...] uma tendência “transgressora” e, ao mesmo tempo, aglutinadora, ao conceber na sua constituição como relato os signos da objetividade e da subjetividade, para sustentar a credibilidade e para estabelecer o pacto de captação do leitor.” (VIEIRA, 2011, p. 59).

Outro ponto comum entre biografia e jornalismo é a aproximação a várias áreas do saber, “[...]um movimento transversal de interpretação do significado da reportagem, pode ser explorada na construção do empreendimento biográfico.” (VIEIRA, 2011, p 63). Como vimos anteriormente, o biografismo é composto por atravessamentos de vários métodos, técnicas, estilos diferentes, entre eles, é possível identificar o jornalismo e a literatura. Segundo Vieira (2011), jornalismo e literatura estiveram associados durante o realismo literário, no século XIX, e o *New Journalism*, em meados do século XX. Períodos fundamentais para a construção, tanto do jornalismo quanto da literatura que conhecemos atualmente (VIEIRA, 2011).

É nesta fronteira com a literatura, que surge o *New Journalism* nos anos de 1960, movimento que uniu técnicas ficcionais à não ficção e influenciou os jornalistas-biógrafos atuais. Nascido nos Estados Unidos, nas redações do *Esquire*, *The New Yorker* e nas páginas de domingo do *Herald Tribune*, o *New Journalism* remodelou as formas estéticas das produções jornalísticas. A nova linguagem foi uma reação à metodologia padronizada imposta ao texto, “pasteurizado dentro da engrenagem das grandes empresas, preso ao rigor formal do texto e na produção de relatos noticiosos pré-moldados.” (VIEIRA, 2015, p. 52). Assim, as grandes reportagens eram romanceadas, tratadas com cuidado estético e literário.

Outro fator importante e comum no fazer biográfico e jornalístico é a universalidade. Compreendemos que nas biografias há uma enorme variedade de temáticas, perspectivas, personalidades biografadas, plataformas, entre outros. Também é assim no jornalismo, onde há grande diversidade de foco, estilo e de temas das produções, por exemplo. Ademais, “[...] tanto nas biografias quanto nos livros-reportagem, além de termos uma multiplicidade de temas e abordagens, muitas vezes

entendemos a partir das abordagens realizadas nestes, um núcleo para o entendimento de seu entorno.” (SOSTER, BARTZ, 2015, p 192).

Essa afirmação de Soster e Bartz (2015) é uma perspectiva também defendida em outras áreas do conhecimento, como no campo da história. Entende-se que a partir desses enfoques escolhidos, nas reportagens e nas biografias, ou seja, nas histórias contadas, é possível compreender um extrato do mundo em que repórter e fonte, biógrafo e biografado estão inseridos. É importante lembrar, como abordamos com Arfuch (2010), que as narrativas biográficas estão ligadas à uma temporalidade, tanto na perspectiva do autor, que conta a história sempre a partir de suas vivências, quanto na perspectiva do biografado/fonte, que tem em seu relato e em suas escolhas, os costumes, regras e contingências da época e local em que se encontra.

Esse entendimento é importante para valorizarmos o fazer biográfico e o jornalístico, como produtores de conhecimento e peças importantes no relato da história. Também é uma forma de delinear o que atrai os jornalistas ao empreendimento biográfico. “Os jornalistas fazem do desejo de narrar e compreender uma vida o seu labor diário, ao procurar e revelar micro-histórias de vida.”, afirma Vieira (2011, p 11).

A maior liberdade narrativa e estética, com espaço para experimentações, a rotina diferenciada daquela encontrada nas redações dos jornais e o maior controle de autoria dos textos são motivos que potencializam a escolha dos jornalistas pelo campo da biografia (VIEIRA, 2015). Além disso, o mercado fértil para biografias publicadas por jornalistas, desde 1980, a partir de uma sequência de publicações de sucesso, bem como o biografismo brasileiro, enquanto escola em ascendência, são fatores que nos ajudam a entender esta renovação nas narrativas biográficas e também no jornalismo.

Em contrapartida, como viemos trabalhando até aqui, a “veia” romântica e literária, bem como os princípios técnicos e deontológicos do jornalismo, assim como sua contribuição social, são adições destes profissionais ao Espaço Biográfico. Ainda que com um rigor metodológico menor do que o das biografias escritas por historiadores, como aponta Schmidt (1997), e o fato de a prática biográfica ser relativamente recente no jornalismo, como nos lembra Martinez (2016), se comparada a outras áreas, os jornalistas têm tido grande papel nas produções biográficas atuais. Essa narrativa renovada é oferecida pelos textos produzidos por jornalistas e a

fundamentação destas produções no *ethos* da profissão devem ser levadas em consideração como fatores que impulsionaram o sucesso dos jornalistas-biógrafos.

Assim, tendo introduzido o conceito de Espaço Biográfico sob a perspectiva de Arfuch (2010) e os diversos textos que nele circulam, conhecemos rapidamente a cronologia do biografismo. Comparamos diferentes áreas do conhecimento que estudam e praticam os registros de histórias de vida, apreendemos que as biografias, segundo Dosse (2009), são um gênero híbrido, onde ocorrem tensões entre várias áreas do saber. Apresentamos também a contribuição do jornalismo às biografias e das biografias ao jornalismo, como afirma Vieira (2015). Dessa forma, entendemos as biografias como a prática de colocar em discurso uma vida, que pode ocorrer com diferentes metodologias, enfoques e em plataformas distintas. As temáticas também podem variar, assim como o – ou os – biografados e a perspectiva sob a qual suas vidas são contadas – a do "eu" biógrafo. Também percebemos que elas estão inseridas em um espaço de atravessamentos, transdisciplinar, fronteiro e flexível, onde o pilar deste fazer é a ânsia de contar a história de uma vida.

Após conhecermos a plataforma e a intenção às quais nosso objeto pertence, isto é, a biografia, no próximo capítulo introduziremos os conceitos de memória, família e pessoas comuns, que consideramos pilares necessários para a fundamentação do objeto deste trabalho: as histórias de família.

3 SOBRE FAMÍLIA E MEMÓRIA

“não houve um só dia em que um fragmento da existência dos meus pais e avós, sogros e tios não flutuasse em minha casa como a poeira suspensa das fotografias, cartas e documentos.”

(Origens, página 12)

Neste capítulo buscaremos conhecer os personagens principais das biografias familiares. Para isso, trataremos das diversas compreensões de família, através das definições do dicionário, das compreensões do direito brasileiro, da antropologia e da história. Também serão abordados os estudos da memória através da neurociência e da memória coletiva. Em especial o papel dos avós, que são, na maioria das vezes, os responsáveis pela manutenção da memória das famílias.

3.1 UMA BREVE TENTATIVA DE DELINEAR AS COMPREENSÕES DE FAMÍLIA

Um dos conceitos chave em que se fundamenta este trabalho é a **família**, matéria prima da editora Livros de Família. Por isso, buscamos traçar este conceito abrangente, trabalhado em diferentes áreas do conhecimento e parte inicial, como veremos, da nossa constituição enquanto seres humanos.

Ainda que à família não possa ser reservado “conceito isolado capaz de oferecer qualquer explicação única de processos que atingem um grupo”, como afirma Parry Scott (2011, p. 10), tentamos significá-la primeiro através do dicionário Caldas Aulete: “Grupo de pessoas que têm parentesco entre si, esp. pai, mãe e filhos.” (AULETE, 2007, p. 469). Além desta, outras duas definições que podem ser pertinentes a este trabalho foram encontradas na publicação: “Pessoas originárias dos mesmos ascendentes; DESCENDÊNCIA; LINHAGEM.” (AULETE, 2007, p. 469) e “Grupo de pessoas ou coisas que, por algum critério, possuem características comuns.” (AULETE, 2007, p. 469).

Pesquisando as definições disponíveis no Dicionário inFormal¹², encontramos para “*familia*”, sem acento, duas definições: “o primeiro grupo social ao qual você está inserido.” e “conjunto de pessoas interligadas por laços amorosos.” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2022). Já, para “*família*”, na grafia correta, encontramos 14 definições, sendo as que consideramos mais pertinentes a este trabalho: “Grupo social importante na sociedade, constituído basicamente de pessoas que compartilham na maioria de um mesmo lar, podendo possuir parentesco sanguíneo ou não.” e “Conjunto de pessoas de parentesco sanguíneo ou não, constituído comumente de um pai, uma mãe e filho(os), dois pais e filho(os) ou duas mães e filho(os).” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2022).

No âmbito legal, encontramos a definição de família no artigo nº 226 da Constituição Brasileira, caracterizada como base da sociedade que deve estar sob proteção do Estado. Fica também estabelecida a “[...] união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar [...]” (BRASIL, 1988). Além disso, entende-se como entidade familiar “[...] a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988). É importante lembrar que a Constituição foi redigida há mais de 30 anos e o entendimento de família dentro do direito no Brasil mudou ao longo do tempo. Assim, embora não haja uma lei específica para os casamentos entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, estas uniões têm jurisprudência para seu reconhecimento.¹³

Nesse sentido de entendimento mais amplo do significado de família, um dos mais significativos é a Lei Maria da Penha, de 07/08/2006, que conceitua família como “[...] a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;” (BRASIL, 2006). Por isso, podemos entender a família como “um grupo social fundado essencialmente nos laços de afetividade após o desaparecimento da família patriarcal, que

¹² O Dicionário inFormal é um site colaborativo e gratuito, que tem a pretensão de ser uma plataforma “onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português.” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2022).

¹³ Um artifício usado na definição das diferentes famílias na lei são as jurisprudências. No caso das decisões judiciais que atribuíram consequências jurídicas acerca das relações homoafetivas, levaram o “Supremo Tribunal Federal a reconhecê-las como união estável, com iguais direitos e deveres. A partir desta decisão passou a justiça a admitir a conversão da união homoafetiva em casamento. De imediato o Superior Tribunal de Justiça admitiu a habilitação para o casamento diretamente junto ao Registro Civil, sem ser preciso antes formalizar a união para depois transformá-la em casamento. Até que o Conselho Nacional de Justiça proibiu que seja negado acesso ao casamento e reconhecida a união homoafetiva como união estável.” (Dias, 2015, p. 137)

desempenhava funções procriativas, econômicas, religiosas e políticas.” (DIAS, 2015, p. 133).

Tanto nas pesquisas na área da história (MUAZE, 2011), quanto no direito, de acordo com a jurista Maria Berenice Dias no Manual de Direito das Famílias (2015), o conceito de família é trabalhado de forma plural. Dessa forma, não tratamos de *família*, mas de *famílias*, que são diversas e podem ser situadas em diferentes épocas e espaços. Assim, é possível abrigar os diferentes arranjos de família, sejam casais homoafetivos e seus filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, mães ou pais solo e seus filhos, famílias sem filhos, são diversas as possibilidades. Por isso, Dias (2015) defende que é necessário “buscar o elemento que permite enlaçar no conceito de entidade familiar todos os relacionamentos que têm origem em um elo de afetividade, independentemente de sua conformação.” (DIAS, 2015, p. 133). É através deste vínculo que se torna possível identificar o que forma uma família.

No início do século XX, as pesquisas conduzidas por Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, autor do clássico *Casa Grande & Senzala*, de 1937, foram pioneiras nos estudos da história da família no Brasil. O cerne das pesquisas era a formação da nação brasileira, portanto, a relação das famílias com o Estado era o principal ponto de estudo. Destacava-se o patriarcalismo, a família senhorial, o escravismo (A. SCOTT, 2009). Eni Mesquita Samara faz uma retomada dos estudos de história acerca da família, selecionando, até o ano de 1989, data em que o trabalho foi publicado, 445 títulos que têm a família como objeto de pesquisa na área da história ou considerados de conteúdo histórico. Segundo a autora, até os anos de 1960 as pesquisas na área da história enfatizavam “mais as questões do poder e das parentelas, esses autores buscaram as bases patriarcais da sociedade brasileira e o entendimento das relações sociais e raciais.” (SAMARA, 1989, p. 10).

Na década de 1970, os estudos da família ganharam um caráter empírico “que têm principalmente por intuito rever as questões antes colocadas buscando novas perspectivas de entendimento da sociedade brasileira do passado.” (SAMARA, 1989, p. 10), focando em temas como casamento, fecundidade, o papel das mulheres nas famílias, entre outros. Samara (1989, p. 11) ainda afirma que “a análise do tema possibilita uma revisão profunda na História Social do Brasil.” Nos anos de 1980, a pluralidade de temas possíveis nos estudos da família tornou este um ramo específico de pesquisa (SAMARA, 1989), que vem se popularizando ao longo dos anos, em

especial nos trabalhos que usavam como base a Demografia Histórica (A. SCOTT, 2009). Foi ainda nos anos de 1980 que temas como a família negra, a condição das mulheres, a ilegitimidade e as crianças começaram a ganhar espaço em pesquisas (SAMARA, 1989).

Ana Silvia Volpi Scott ao refletir sobre a trajetória dos estudos da história da família, ressalta a tentativa de aprofundamento nas especificidades do “rico e variado universo familiar da história da América Latina” (A. SCOTT, 2009, p. 21), que vem sendo reforçada desde a década de 1990. Além disso, havia no final dos anos de 1990 uma “inexistência de um consenso em torno da definição de família, relacionado tanto à questão do patriarcalismo como às dificuldades inerentes às diferentes categorizações utilizadas.” (A. SCOTT, 2009, p. 20).

No século XXI, a maioria dos estudos sobre a família brasileira passaram a buscar diversificar e ampliar a abrangência do tempo e da geografia. Scott (2009) acredita que estes estudos não podem ser restritos àqueles que residem em uma mesma casa: “Elas não dão conta da complexidade do universo da família que tece teias que vão além dos limites dos vínculos biológicos primários e da convivência sob o mesmo teto.” (A. SCOTT, 2009, p. 24). Assim, os estudos da família no campo da história passaram a dar ênfase às trajetórias individuais, além das do grupo, mas também das redes sociais¹⁴ forjadas pelos indivíduos e das estratégias criadas pelas famílias para a perpetuação das mesmas (MUAZE, 2011).

Ademais, segundo a autora, os trabalhos sobre a temática têm buscado diversificar fontes:

como os registros paroquiais e listas de população, passando pelos testamentos, inventários post-mortem, processos-crimes, documentação inquisitorial, cartas, diários, escrituras de dote, de compra e venda de escravos, fotografias, entre outras. (SCOTT, 2009, p. 26).

Pluralizam-se também as metodologias de trabalho, em uma busca de “fugir do eixo temporal e geográfico que havia predominado anteriormente” (SCOTT, 2009, p. 29). Este processo, de pesquisa histórica das famílias, é resumido por Mariana Muaze

¹⁴Como redes sociais aqui entendemos não as mídias sociais, mas as redes formadas por vínculos de sociabilidade, constituídas por consanguinidade, aliança, afeto, subordinação/dependência (A. Scott, 2011).

como: “[...] apreender as redes mais complexas de sustentação afetiva, cultural e de poder, tecidas pelas famílias de um dado grupo social [...]” (MUAZE, 2011, p. 4)

Retomamos a definição de família pelo dicionário através do trabalho de Muaze (2011). Ao analisar dicionários e cartas oitocentistas, período de enfoque de pesquisa da autora, Muaze (2011, p. 5) aponta que a “[...] coabitação não era o mais importante sendo superado pela consanguinidade e relações políticas, ou seja, construídos através de laços de solidariedade e aliança.” Mesmo assim, a ideia de “boa família” era a considerada pelo dicionário, que centrava-se nas descrições do grupo social dominante, apesar de existirem diversos modelos de família “[...] seja entre os escravos, seja entre forros, sitiantes, arrendatários, vendedores e toda sorte de homens livre e pobres” (MUAZE, 2011, p. 6).

Ainda que tenhamos trabalhado até aqui os significados de família, é oportuno pensar na importância da definição ou da indefinição do termo. Scott (2011) salienta que

Famílias são cristalizações de relações de poder que, estudadas nos contextos específicos onde ocorrem e são pensadas, servem para realçar as maneiras pelas quais, em épocas e locais diferentes, se justificam e se questionam desigualdades relacionadas com classe, com gênero e com geração. (P. SCOTT, 2011, p. 9)

Essa tentativa de conceituação, na verdade, limita o termo, pois a maleabilidade é fator fundamental do conceito de “família” (P. SCOTT, 2011). Dessa forma, as definições estão arraigadas nos posicionamentos ideológicos dos autores, seus períodos históricos, condições sociais e tudo aquilo que influencia em suas subjetividades. Como vimos no direito, a definição de *família*, ou *famílias*, muda conforme são criadas e interpretadas as leis, muda nos dicionários, e muda também na forma de pesquisa historiográfica, por múltiplos fatores sociais, econômicos, culturais, entre outros.

Após buscarmos entender o conceito de família, no próximo subcapítulo trabalharemos a memória, outro ponto que fundamenta os Livros de Família, que entendemos como um fator importante para a manutenção das famílias, enquanto entidades sociais.

3.2 A MEMÓRIA E O PAPEL DOS AVÓS NA MANUTENÇÃO DAS LEMBRANÇAS FAMILIARES

Tendo explorado as definições de família, ou famílias, neste subcapítulo buscamos nos aproximar dos estudos da **memória**, particularmente da memória coletiva e do lugar da memória nas famílias.

O neurocientista argentino Ivan Izquierdo, define a memória como “a capacidade geral do cérebro e dos outros sistemas para adquirir, guardar e lembrar informações.” (IZQUIERDO, 2018, p. 9). Memória também pode ser definida como “aquisição, formação, conservação e evocação de informações.” (IZQUIERDO, 2018, p. 1). A aquisição seria o movimento de aprendizado, enquanto a evocação seria a lembrança ou recordação. “Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido.” (IZQUIERDO, 2018, p. 1).

Éclea Bosi define a lembrança como “uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” (BOSI, 2012, p. 55). Ou seja, a lembrança é uma reconstrução das experiências do passado através dos recursos de que dispomos hoje. Assim, “o cérebro converte a realidade em códigos e a evoca também através de códigos” (IZQUIERDO, 2018, p. 9). Este processo de releitura do passado pode acabar tornando a memória divergente do real, uma vez que na tradução da história para os símbolos que a representam e de volta da representação para a memória, os fatos não se reconstróem idênticos à sua forma original.

Na produção da memória, absorvemos os códigos de acordo com nossas possibilidades individuais, o conhecimento que já tínhamos previamente, nossos sentidos (olfato, paladar, visão, audição e tato), nossas emoções, entre outros. Mesmo que mais de uma pessoa partilhe de um mesmo ambiente, em um mesmo momento, a memória dos indivíduos acerca do episódio será diferente: “A memória que eu possa construir a partir de uma determinada cena ou um acontecimento não é a mesma que fará um cachorro, que tem uma vista muito pior, mas um olfato muito melhor do que eu, e não tem linguagem.” (IZQUIERDO, 2018, p. 9).

Em “Memória”, Izquierdo (2018) explica o processo de produção das memórias:

As memórias são feitas por células nervosas (neurônios), se armazenam em redes de neurônios e são evocadas pelas mesmas redes neuronais ou por outras. São moduladas pelas emoções, pelo nível de consciência e pelos

estados de ânimo. Todos sabem como é fácil aprender ou evocar algo quando estamos alertas e de bom ânimo; e como fica difícil aprender qualquer coisa, ou até lembrar o nome de uma pessoa ou de uma canção quando estamos cansados, deprimidos ou muito estressados. (IZQUIERDO, 2018, p. 4)

Dessa forma, por diferentes limitações, registramos só parte daquilo que vivemos e o fazemos de acordo com os conhecimentos que dispomos no momento do acontecimento. No gigantesco universo das coisas pelas quais passamos, “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 2012, p. 39). Quando evocados estes fragmentos – as memórias – serão reinterpretados sob as novas perspectivas de que passamos a dispor. Por isso, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 2012, p. 55).

Izquierdo (2018) defende que é a coleção de memórias que adquirimos, sob nossas perspectivas únicas, que nos tornam indivíduos. Ainda que sejamos seres singulares, indivíduos com perspectivas únicas, o autor salienta o caráter social inerente ao ser humano, pois precisamos nos relacionar e, na medida que o fazemos, nos associamos uns aos outros. E para isso, buscamos traços comuns, “geralmente culturais ou de afinidades e, com base em nossas memórias comuns, formamos grupos: comarcas, tribos, povos, cidades, comunidades, países.” (IZQUIERDO, 2018, p. 2).

Desenvolvida a partir das vivências dos grupos de que fazemos parte, a memória compartilhada é chamada de memória coletiva. Ela é mutável, assim como as estruturas sociais e as contingências pelas quais os grupos e os indivíduos passam. A manutenção da memória se faz na sua repetição, lembrança, depende das conexões interpessoais, que as reforçam, quando evocam essas memórias, ou as levam ao esquecimento (HALBWACHS, 1990).

Ao estudar a memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990) utiliza uma alegoria de um grupo de amigos que viajam para exemplificar este fenômeno. Segundo o autor, se um indivíduo deixa de conviver com o grupo de amigos, suas memórias sobre a viagem serão diferentes das memórias do resto do grupo, que segue em contato, fazendo uma manutenção coletiva dessas memórias e as reinvocando e reinterpretando em conjunto. Este indivíduo, por sua vez, processa e interpreta essas memórias de forma diferente.

Se, no entanto, o indivíduo viajar sozinho, suas memórias acerca da viagem estarão atravessadas por referências externas: um amigo que indicou determinado ponto turístico, um parente que já esteve naquele lugar. Nossas memórias, mesmo que aprendidas em momentos de solidão, também são construídas de maneira coletiva (HALBWACHS, 1990). Dessa forma, como lembra Bosi (2012), o grupo em que o indivíduo está inserido, se torna suporte da memória.

Também entre as memórias existem aquelas que podemos acessar facilmente e as que não podemos. As mais acessíveis tendem a estar relacionadas a um coletivo. Compartilhadas, “Essas lembranças estão para “todo o mundo” dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los.” (HALBWACHS, 1990, p. 49) Ao contrário, as memórias difíceis de lembrar, não são compartilhadas, mas exclusivamente nossas. Segundo Halbwachs (1990, p. 40), essas memórias “constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios.”

Em ambos os casos, nota-se que “é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência.” (BOSI, 2012, p. 414). Assim, fica evidente a importância do coletivo na manutenção das memórias e também das referências que construímos ao longo de nossas trajetórias de vida, baseadas em memórias compartilhadas com outras pessoas.

Das memórias coletivas, talvez as mais incipientes sejam aquelas que adquirimos no núcleo familiar. A socióloga Myriam de Barros (1989) atribui a importância da família neste processo de produção e reprodução de memórias a este grupo ser “ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (BARROS, 1989, p. 33). Como vimos no subcapítulo anterior, as famílias, seja por laços sanguíneos ou de afeto, vêm sendo grande fonte de debates. Uma das características estudadas acerca da temática é a das estratégias utilizadas pelas famílias para perpetuação das mesmas (MUAZE, 2011). Aqui, consideramos a manutenção da memória familiar uma dessas estratégias.

Fundamentais neste trabalho de conservação das memórias, os idosos, tendem a desempenhar este papel de guardiões das tradições e das memórias

coletivas. Para Bosi (1994), esta responsabilidade está ligada ao tempo de vida e as experiências pelas quais os idosos passaram, suas trajetórias e características geracionais, que são traços mais definidos do que a memória de uma pessoa mais jovem, “que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.” (BOSI, 1994, p. 60).

No contexto dos grupos familiares, os avós tendem a ser responsáveis pela “transmissão dos valores familiares – ora na forma narrativa, ora na forma de rastros.” (FRANÇA, 2009, p. 83). Assim, ao narrar histórias, fazer receitas culinárias, manter hábitos de vestimenta, ditados ou conselhos de saúde, como utilização de chás para tratamento, entre outros, os idosos impulsionam reproduções dos códigos que aprenderam e memorizaram ao longo de suas vidas, fazendo eles mesmos uma releitura e proporcionando, para seus filhos e netos, uma revisão destas memórias.

É importante salientar que as memórias, como vimos até agora, são interpretações do passado a partir dos conhecimentos e vivências que temos hoje. Logo, são sujeitas a deturpações e releituras que não exprimem o que de fato ocorreu. Assim, a perspectiva das pessoas idosas pode reinterpretar o passado e as tradições de uma família, “recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje são chamados “ideológicos”.” (BOSI, 1994, p. 63).

Estes padrões, impressos nas memórias coletivas, estão relacionados a fatores temporais que demarcam as diferenças das gerações, mas também contam a história da família. Maria Cristina França (2009), ao analisar as festas de famílias no Rio Grande do Sul, um rito que tenta fazer uma manutenção das memórias familiares, apontou que é na troca de vivências e no compartilhamento de memórias, no tensionamento das relações, impulsionado muito pelos idosos, que é feita uma revisão permanente dos valores familiares e que novas configurações e tradições são criadas.

O papel dos idosos enquanto guardiões das memórias, detentores da responsabilidade de “lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 63), está relacionada a uma perspectiva da vida singular de quem já viveu muito tempo. Dentro da dinâmica social, o jovem está ocupado com o futuro e o adulto com o presente, onde, para ele, a memória é lazer e relaxamento. Para os idosos, no entanto, a lembrança é “da substância mesma da sua vida.” (BOSI, 1994, p. 60).

A proximidade da morte, como trata Barros (1987), tem também grande influência neste lugar ocupado pelos avós. Ao sentir-se velho, ter vários parentes e amigos contemporâneos já mortos, testemunhar grandes mudanças sociais, os idosos passam a refletir sobre a vida. A familiaridade com a temática da morte e do fim impulsionando uma necessidade de deixar “impressa sua presença” nos seus descendentes (BARROS, 1987).

Os guardiões das memórias familiares travam então uma batalha de computação das memórias, através da organização de fotos, museu familiar, com uma infinidade de objetos que remetem à história daquele núcleo, registros por escrito, como a biografia que analisaremos, e uma infinidade de outras ferramentas que auxiliem na eternização da história da família, da geração, na própria história do idoso. “São muitos anos de vida que representam a vida vivida, pensada, mudada, projetada durante anos, daí a ideia mesmo de vivência no sentido de conhecer o viver.” (BARROS, 1987, p 95).

O dever dos idosos em disseminar as memórias familiares, as tradições e os “valores da família”, torna-se cíclico quando compartilhado com seus descendentes: aquilo que os agora avós passam adiante lhes foi ensinado pelos próprios avós. Dentre as memórias passadas adiante, há uma dimensão pragmática da memória, segundo França (2009), tornar a memória familiar um projeto, onde é incutido um senso de responsabilidade para que as tradições familiares sejam mantidas e ensinadas para as próximas gerações. É na manutenção das memórias entre gerações que este trabalho se aprofundará.

Introduzidos aos conceitos de família e também da memória, em especial ao papel dos avós enquanto guardiões das lembranças e tradições, trabalharemos agora a editora Livros de Família, que oferece um serviço que pode ser utilizado como estratégia de perpetuação dessas memórias familiares.

4 SOBRE LIVROS DE FAMÍLIA

“Memória, amor, saudade.”

(Origens, página 13)

Neste capítulo apresentaremos o objeto de pesquisa do presente trabalho de conclusão de curso, a editora Livros de Família, uma empresa especializada na produção e publicação de biografias de família. Apresentamos a trajetória, a metodologia de trabalho e a rotina da editora. Para isso, produzimos duas entrevistas: com o idealizador da editora e com o jornalista por trás do livro que será analisado no capítulo 5, a obra *Origens*. Para produzir as entrevistas nos apoiaremos na metodologia proposta por Jorge Duarte, em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2010), e no conhecimento construído até aqui com as leituras sobre biografia, família e memória.

4.1 O PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para obter as informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho, optamos pela realização de uma entrevista em profundidade, sendo esta uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.” (DUARTE, 2010, p. 62).

Não buscamos resultados estatísticos, mas apreender as percepções dos entrevistados sobre a temática, através de descrições subjetivas da experiência da idealização e produção de biografias de família. Daí a escolha deste recurso metodológico, que “permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.” (DUARTE, 2010, p. 63). Também é oportuno mencionar, que as entrevistas em profundidade são um recurso utilizado na pesquisa e produção de biografias, como aponta Duarte (2010).

As entrevistas geralmente são divididas entre entrevistas abertas, semi-abertas e fechadas. Sendo as duas primeiras caracterizadas pela “flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema, exigindo da fonte subordinação dinâmica ao

entrevistado.” (DUARTE, 2010, p. 64). As entrevistas abertas baseiam-se em uma temática central, mas sem um roteiro específico. Já para as semiabertas, utiliza-se um roteiro pré-estabelecido (DUARTE, 2010). Por último, as entrevistas fechadas são em geral quantitativas, com um foco maior em dados estatísticos e objetivos, como, “quando, por exemplo, se deseja obter informações representativas de um conjunto de uma população.” (DUARTE, 2010, p. 65).

Nesse sentido, optamos pela condução de entrevistas semiabertas, com um roteiro de perguntas pré-estabelecido¹⁵. As perguntas elaboradas buscaram abranger o tema proposto na monografia, isto é, as biografias de família, suas especificidades na pré-produção, produção e pós-produção das mesmas. Apesar de possuir um roteiro pré-estabelecido, ao longo da entrevista as perguntas foram ajustadas, de acordo com as necessidades e possibilidades da interlocução com o entrevistado, pois entendemos que a entrevista deve ser “conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.” (DUARTE, 2010, p. 66).

Para a produção do roteiro de perguntas, estudamos o trabalho da editora Livros de Família por meio das redes sociais e site da editora, bem como de diversas matérias sobre a mesma, assim como de outras editoras que seguem um modelo de negócios parecido. Também nos baseamos no conhecimento que construímos ao longo dos capítulos 2 e 3, que nos deram suporte para a elaboração de argumentos e questionamentos acerca do trabalho da Livros de Família. Em especial no trabalho desenvolvido por Vieira (2015) e no guia de entrevistas elaborado pela autora em sua tese de doutorado, devido à condução semelhante à que queríamos dar a esta pesquisa. Através de contato por *email* e *whatsapp* tivemos acesso a quatro livros publicados pela empresa, e a leitura nos auxiliou na construção das perguntas e na escolha de qual livro seria analisado neste trabalho.

As entrevistas produzidas são duas, com André Viana (ENTREVISTA 1), idealizador da editora, e Tato Coutinho (ENTREVISTA 2), jornalista que construiu, em conjunto com a família de Ronaldo Sylvio Reingenheim o livro *Origens*. Ambas as fontes representam dois fatores importantes no que tange à análise do objeto: as biografias de família de maneira geral e a biografia de família específica sobre a qual nos debruçamos neste trabalho.

¹⁵ O roteiro de entrevistas está disponível no APÊNDICE C

Na categorização das fontes de entrevistas em profundidade proposta por Dutra (2010),¹⁶ nossos dois entrevistados podem ser encaixados como informantes-chave, que são as “fontes de informação consideradas fundamentais por estarem profunda e diretamente envolvidas com os aspectos centrais da questão, o que faz com que não serem entrevistadas possa significar grande perda.” (DUTRA, 2010, p. 70). As entrevistas ocorreram nos dias 08/06/2022 e 30/06/2022, respectivamente, por videoconferência. Ambas foram gravadas e posteriormente transcritas.¹⁷

4.2 O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA EDITORA E OS LIVROS DE FAMÍLIA

A editora Livros de Família é uma empresa que oferece o serviço de produção de biografias encomendadas por famílias anônimas, que querem registrar suas memórias ou de seus familiares, em formato de livro. Neste subcapítulo, apresentaremos o trabalho da editora através de duas entrevistas produzidas para esta monografia, bem como de materiais complementares, como reportagens e o site e as redes sociais da editora.

No site oficial, a Livros de Família é descrita como “uma discreta editora especializada no registro de memórias familiares.” (LIVROS DE FAMÍLIA, 2022) A empresa tem como missão o “resgate de valores e construção de memória para as gerações futuras de uma família, a preocupação da *Livros de Família* é uma só: ajudar você a dar a seus filhos e netos a maior herança que eles podem ter — saber de onde vêm.” (LIVROS DE FAMÍLIA, 2022).

As obras biográficas de pessoas famosas são amplamente mais conhecidas do que as produzidas com enfoque em anônimos. Por isso, segundo André Viana, jornalista idealizador da editora, quando os clientes da Livros de Família entram em contato com a proposta da empresa, muitos nem sabiam que este tipo de serviço existia. São biografias com uma literatura que conta histórias de anônimos, em pequenas tiragens, e produzidos sob encomenda para as famílias, que compram os serviços de editoras especializadas, como a Livros de Família (Informação verbal).

¹⁶ A partir da proposta de classificação de interlocutores em entrevistas, proposta por Quivy e Campenhoudc (1992), Dutra (2010) estipula cinco tipos de fontes de entrevistas em profundidade: especialista, informante-chave, informante-padrão, informante-complementar e informante-extremista.

¹⁷ A íntegra das entrevistas 1 e 2 está nos apêndices deste trabalho.

A empresa foi criada em 2011, após Viana receber o convite para contar a história de Zoé Silveira d'Avila, empresário gaúcho. Antes disso, o jornalista trabalhava na editora *Trip*, mas conta que *“tinha cansado um pouco de redação, aí eu pedi demissão, sem saber o que eu ia fazer. Eu estava cansado... Pedi demissão e, um pouco depois, o Paulo Lima, que é o dono da Trip, me indicou para essa família. [...] Foi aí que eu fiz o livro do Zoé (Tchô!). E, quando eu fiz o livro do Zoé, eu gostei da brincadeira. Vi que existia um nicho pouco explorado, que era essas histórias de família por encomenda.”* (informação verbal).

Apesar de serem pouco conhecidas, empresas como a Livros de Família têm ganhado espaço no mercado editorial. No Quadro I elencamos algumas informações sobre sete empresas do ramo, três sediadas no exterior e quatro no Brasil, sendo as brasileiras de estados diferentes e as do exterior de países diferentes, para que seja possível observar a diversidade de características presentes neste modelo de negócio. O critério de seleção das editoras apresentadas no quadro foi a completude das informações disponibilizadas no site de cada empresa.

Quadro I – Editoras especializadas em biografias de família

NOME	CRIAÇÃO	O QUE É	EQUIPE
BPM - escritas da vida	Ceará	“Fixe suas memórias em um livro, trazendo as aventuras e desventuras, sonhos, conquistas, em detalhes, que poderão ser lidos, recordados e perpetuados por quem está próximo e pelas gerações futuras.” ¹⁸	escritores, jornalistas, historiadores, revisores, diagramadores, designers gráficos, fotógrafos
Editora Biografia	São Paulo	“Atua desde 2009 no seguimento de ghost writer, autopublicação e e-book. Somos um coletivo 'editorial formado por diagramadores, capistas, editores de textos, revisores e ghost writers. Assessoramos o autor em todo o processo editorial do livro; da preparação do original ao lançamento.” ¹⁹	diagramadores, capistas, editores de textos, revisores e <i>ghost writers</i>
Memorabilia	Rio de Janeiro	“Para produzir a biografia, unimos Literatura e Jornalismo a fim de transformar sua história de vida num livro agradável de ler.” ²⁰	Jornalistas

¹⁸ disponível em: <https://edicoesbpm.com.br/>

¹⁹ disponível em: <http://www.editorabiografia.com.br/>

²⁰ disponível em: <https://www.memorabilia.art.br/>

Palavra bordada	Rio Grande do Sul	Oferece, entre outros serviços: “Além de entrevistas e pesquisas, elaboramos a redação do texto e criamos um layout personalizado para o livro que reunirá memórias, tradições e ensinamentos a serem compartilhados com as futuras gerações.” ²¹	Designers, historiadores, relações públicas e jornalistas
Memoir Editora	Portugal	“biografias de livros su misura e feitos à mão com registros de uma vida que merece ser homenageada hoje e lembrada no futuro.” ²²	Jornalistas
Memoirs Books	Reino Unido	“Nós tornamos fácil para os autores publicar suas memórias do seu próprio jeito. Nós somos uma editora profissional especializada em memórias e autobiografias.” ²³ (tradução nossa) ²⁴	Jornalistas
Legacy Books	Estados Unidos	“Preservar legados é uma arte, e nós escrevemos o livro. Pesquisa, escrita, digitalização, design, publicação. Nós podemos fazer tudo isso ou só a parte que você precisa.” ²⁵ (tradução nossa) ²⁶	Escritores, pesquisadores e designers

Fonte: dados da pesquisa

Percebemos a partir da pesquisa citada que as empresas mantêm equipes com profissionais de diferentes áreas, já apontadas ao longo deste trabalho como campos que tipicamente têm interesse na produção de biografias. Entre os profissionais estão escritores, jornalistas, historiadores e fotógrafos. É comum na maior parte das empresas a menção às memórias e à personalização dos livros. Logo no nome das editoras percebemos a escolha de palavras que já encontramos ao longo deste trabalho, como *memorabilia*, *legacy* (legado), *memoir* (memória), *escritas da vida*.

Atualmente, a Livros de Família é formada por uma parceria entre André Viana, que, como mencionamos, é o idealizador da editora; Tato Coutinho, o jornalista por trás do livro que analisaremos no capítulo 5, *Origens*; Marta Góes, também jornalista e autora da biografia de Fernanda Montenegro; e Paula Carvalho, designer

²¹ Disponível em: <https://www.palavrabordada.com.br/>

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/memoireditora/>

²³ Disponível em: <https://www.memoirsbooks.co.uk/>

²⁴ No original, “we make it easy for authors to publish their memoirs on their own terms. We are a professional publishing company which specialises in memoirs and autobiographies.”

²⁵ Disponível em: <https://legacybooks.com/>

²⁶ No original, “Preserving Legacies is an art, and we wrote the book. Research, writing, scanning, designing, publishing. We can do it all or just the part you need.”

responsável pelo projeto gráfico dos livros da editora. Na equipe, ocasionalmente também são utilizados serviços de transcritores e historiadores.

A editora funciona sob um regime de contratação em que, em geral, as famílias contratam a editora para a produção do livro, da biografia, que contará com dois autores: *“Então, é como se a gente estivesse psicografando alguém que está vivo. Em outros termos, a gente faz entrevistas com as pessoas, com o biografado, ou com a família. Eu estou falando de um livro escrito em primeira pessoa, que seria primeira pessoa “alheia”.*” (informação verbal). Viana chama de "alheios", os clientes que assinam os livros, os *autores entre aspas* apresentados anteriormente.

Para Coutinho, as histórias de família podem ser contadas de duas formas, em terceira pessoa, como um trabalho jornalístico mais “clássico” ou em primeira pessoa. Nesses casos: *“esse trabalho bastante peculiar, dessa autoria mais como um colaborador. A gente é quase um cavalo para o santo da memória... Como é que você incorpora essa história, essa voz que começa a nascer de uma relação que começa a se estabelecer, desse trabalho do jornalista com o entrevistado.”* (informação verbal).

Ainda que seja uma editora especializada na manutenção das memórias familiares, as temáticas e os formatos dos livros variam muito. Algumas obras contam a história de um único indivíduo, sua saga de vida e são atravessadas as histórias dos outros membros da família. Outras obras narram a trajetória de uma família inteira, em várias gerações.

De maneira geral, quem assina a autoria dos livros são os familiares, mas isso não é uma regra. Uma das biografias produzidas por Viana, por exemplo, é a história de uma família italiana em cinco volumes. Segundo o autor, foram mais de oitenta entrevistados, em um trabalho que durou cerca de um ano e meio. Neste caso, para dar conta da pluralidade dos relatos e das memórias dos familiares (inclusive memórias diferentes de uma mesma situação), o jornalista optou por reivindicar o lugar de autor da obra, assim, a narrativa foi escrita em terceira pessoa. *“Tive que começar a entrevistar as pessoas para criar a narrativa, e aí eu me deparei com histórias muito pitorescas... Mas que, como a família era grande, cada um tinha uma versão para aquela história: porque foi a tia que contou, porque quando ouviu era criança, porque... Enfim, aí vai a história de cada um e de como as histórias de família são guardadas por cada pessoa, por cada membro... Eu chamo de lendas familiares,*

porque são lendas. São aquelas histórias que a gente leva, mas que cada um tem uma versão e, no fim, tudo é verdade. Não tem como escolher uma versão, porque enterraria todas as outras, que são tão genuínas quanto. Então, esse livro eu escrevi em terceira pessoa justamente para poder abarcar todas as versões.” (informação verbal).

Independentemente se produzidas em primeira ou terceira pessoa, as obras da Livros de Família são construídas a partir de entrevistas, com um embasamento mais jornalístico – pelo fato de os “condutores” ou “colaboradores” do livro serem jornalistas. Segundo Viana, *“Cada livro é de um jeito. De um modo geral, tudo começa com entrevistas. Tudo começa com entrevistas e tudo termina de um jeito que eu não sei.”* (informação verbal). Os entrevistados são definidos a partir da demanda do livro e da família, bem como a utilização de outros materiais, como fotos e documentos: *“Normalmente quando procuram a editora, eles (os clientes) já têm um desejo e um trabalho, se não organizado como um trabalho jornalístico, até editorial, mas já têm um desejo e um caminho, em que algumas histórias estão identificadas, depositadas em alguns familiares, em algumas fontes de documentação familiar. E, quando eles procuram a editora, o nosso primeiro trabalho é identificar que fontes são essas, em que estágio esse trabalho familiar foi feito e a partir disso a gente utiliza as técnicas de jornalismo e entrevista para amalgamar esse material prévio.”* (informação verbal).

Um diferencial deste modelo de negócio, das editoras que produzem biografias de família, é a possibilidade de olhar para o passado. Ainda que não haja registros escritos, em vídeo ou em foto daquelas memórias familiares ou lendas, como chama Viana, em texto é possível recuperar essas memórias e registrá-las para que as gerações futuras tenham conhecimento dos fatos mais históricos, mas também dos mais singelos, dos seus ancestrais. Segundo o jornalista: *“tem gente que não quer nem contar sua própria história, quer contar o que sabe dela (da pessoa que contratou a editora) para trás, dos antepassados. Porque sabe que é a última pessoa que tem registro das gerações anteriores, porque os netos não vão saber quando ela morrer, porque os filhos já não se interessaram por isso. Então, ela resolve registrar o que sabe para as gerações futuras.”* (informação verbal).

Pela pluralidade das famílias que existem, como vimos anteriormente, é difícil prever como será a produção de cada livro. Algumas famílias não têm produção já escritas. Outras, têm textos ou pesquisas quase científicas ou jornalísticas, que serão

inseridas na narrativa da biografia familiar. Um dos livros que a editora está produzindo, por exemplo, conta a história de um casal – Hélène e Marc, em que o marido, já falecido, deixou setenta páginas de relato manuscrito da sua biografia. A esposa, ainda viva, lembra de várias das passagens do manuscrito, mas sempre com outra perspectiva. Assim, a obra será construída com *“um texto que já existia, com um depoimento que passou a existir e os dois vão conversar entre si.”* (informação verbal).

Na produção dos livros, além das conversas iniciais, importantes para compreender aquilo que a família espera da biografia, e das entrevistas, durante o processo de escrita e edição há também um retorno da obra ainda não acabada para as famílias. Assim, os jornalistas colaboradores e os *autores entre aspas* conseguem entrar em acordo sobre a produção e o que fica mais verossímil com a história que está sendo contada. Só após este retorno e ajustes é que os livros vão para a gráfica, também com especificidades de cada obra nas finalizações: se o livro será em capa dura ou mole, como um fitilho colorido, uma caixa de acrílico para proteção do livro, entre outros, de acordo com o orçamento e intenções das famílias.

Viana faz uma média de que cada livro leve um ano para ser produzido, mas como as demandas são diferentes, o tempo de trabalho também é. *Origens*, por exemplo, é a obra que até hoje levou mais tempo para ser produzida, foram quatro anos de trabalho. Outro ponto em que as biografias diferem é na tiragem, a publicação com maior número de livros impressos foi de mil exemplares, mas há um caso de uma biografia com um exemplar só. Segundo Viana, a média de tiragem por biografia é entre cem a duzentos exemplares. Alguns livros também tiveram reedições, havendo um caso excepcional em que *“a família resolveu imprimir vinte e cinco exemplares de uma versão mais ampliada para a família e, mais ampliado, é com casos delicados. E depois eles vão fazer uma edição, quer dizer, nós vamos fazer uma segunda edição, para fazer uma segunda versão para os amigos, sem algumas intimidades ali no livro. Isso é uma coisa que eu ainda não tinha feito, um livro com duas versões, uma para dentro (da família) e e outra mais para fora (da família).”* (informação verbal).

No caso do *Origens*, por exemplo, os livros têm sido entregues para membros da comunidade que o *autor entre aspas*, Ronaldo, faz parte, à comunidade judaica. *“Essa é uma característica da editora. São tiragens que algumas chegam a mil exemplares. A gente teve dois ou três casos que foram tiragens grandes e que foram às livrarias inclusive, mas via de regra são projetos com circulação direta ligada à*

família. Sobretudo esse livro, porque ele ficou um livro muito grande e o custo gráfico dele, que no modelo de negócio é bancado pelas famílias, ficou um livro muito caro. Então, ele (Ronaldo) até fez uma tiragem bastante grande. Ele imprimiu duzentos exemplares, filhos, netos, cunhados, genros e todas as ramificações que ele conseguiu identificar, ele mandou um livro. Inclusive para os acervos e centros de documentação que o ajudaram na pesquisa: ele mandou um livro para fora, foi recebido na CIP aqui de São Paulo, a Comunidade Israelita Paulista, onde ele trabalhou muito tempo como administrador e tal. Ele foi recebido na Sinagoga, mandou livro para o Museu Judaico aqui de São Paulo, está fazendo um trabalho lento e tentando identificar de fato quem se interessa pela história para enviar um (exemplar do livro).” (informação verbal).

Nos casos específicos, como os citados por Coutinho, Viana sugere que seja feito o registro dos livros²⁷, *“Quando eu vejo que o livro vai muito além da história da família, quando eu vejo que aquela história, apesar de particular, tem um “Q” de universal, eu sugiro o ISBN.”* (informação verbal).

Como vimos com Arfuch (2010), no Espaço Biográfico circulam vários tipos diferentes de texto. Nesse sentido, por mais que o serviço prestado pela editora seja diferenciado, historicamente as famílias tentam suprimir a necessidade biográfica com diversas estratégias. Os álbuns de fotografia e os álbuns de bebês são exemplos disso. Assim como os vídeos das festas de 15 anos e de aniversário. Atualmente, o Espaço Biográfico se expande para as mídias sociais e os avós, por exemplo, tendem a postar fotos e vídeos de seus netos, registrando para o futuro quem é sua família e como sua família está no momento presente.

Nesses casos, também está presente o passado, pois, no caso das festas de 15 anos, são frequentes os depoimentos nos vídeos, testemunhando a trajetória, a história e a memória da menina que está de aniversário. No caso dos avós, são comuns as postagens de fotos antigas, suas, de seus contemporâneos, mas também dos filhos e netos quando eram mais jovens.

²⁷ O registro de livros a que nos referimos é o ISBN, sigla para International Standard Book Number, em português Padrão Internacional de Numeração de Livro. Este registro é um “padrão numérico criado com o objetivo de fornecer uma espécie de “RG” para publicações monográficas, como livros, artigos e apostilas.” (fonte: <https://www.cblservicos.org.br/isbn/o-que-e-isbn/>) Atualmente, o serviço está sob responsabilidade da Câmara Brasileira do Livro.

Ainda assim, a mídia do livro impresso é diferente e a narrativa biográfica, como se dá em um livro de família, com um rigor formal, também é diferente das outras que citamos acima, ainda que todas circulem pelo Espaço Biográfico. O trabalho da Livros de Família não é somente o registro biográfico, mas a tradução das memórias das famílias. Isso porque, segundo Viana, o papel da editora é de organizar a voz do cliente, a família. *“Porque você sabe que escrever não é fácil, nem para quem sabe e muito menos para quem não sabe. É preciso uma organização mental, que precisa de treino, precisa de dedicação, precisa de um monte de coisas. Então, a gente dá o que as pessoas não têm, que é esse know how com a escrita.”* (informação verbal).

Como vimos, contar a própria história é uma necessidade humana. É uma maneira de fazer a manutenção da própria memória e de entender os fenômenos sociais que nos fazem humanos. No entanto, Viana acredita que essa demanda de colocar em discurso a vida *“é uma demanda criada, porque não é todo mundo que sabe que isso existe. E eu falo isso, porque eu recebo muitas mensagens de gente dizendo exatamente isso: “não sabia que era possível fazer isso, então eu quero registrar a história do meu pai, eu gostaria que ele contasse”.*” (informação verbal).

Viana acredita que as pessoas querem contar suas histórias, registrá-las para as próximas gerações. *“Acho que talvez essa seja a chave do trabalho que eu faço, que é as pessoas descobrirem que é possível registrar o passado, é possível deixar um legado. Eu acho a palavra legado meio brega, mas ela é um pouco inevitável nesse caso, porque é isso: a descoberta de que é possível registrar a memória.”* (informação verbal).

As biografias produzidas pela editora podem ser consideradas uma ferramenta de manutenção da memória da família, que dão sentido a uma história e organizam a memorabilia (documentos, fotos, livros, objetos do acervo familiar). O formato em texto corrido preenche lacunas de lembranças e eterniza histórias orais. O trabalho de apuração traz novas informações, que contextualizam as memórias dos membros da família. Em conjunto, essas características possibilitam a compreensão ampla das histórias familiares, como um todo, não mais como lembranças fragmentadas.

5 SOBRE ORIGENS

“Não foi por acaso que tudo começou com uma mala.”

(*Origens*, página 384)

Neste capítulo, abordaremos as biografias de família como um fenômeno que pode ser visto em diversos lugares e diferentes plataformas, que circula no Espaço Biográfico e que acreditamos ser uma das estratégias utilizadas pelas famílias como forma de manutenção dos seus valores, cultura e história. Temos como objeto para exemplificar esse fenômeno o livro *Origens*, da editora Livros de Família, apresentada no capítulo anterior.

5.1 A ESCRITA DA VIDA DOS REINGENHEIM: UMA BIOGRAFIA DE FAMÍLIA

Tivemos acesso a quatro livros produzidos pela editora oferecidos pelo idealizador da Livros de Família, André Viana. Sendo eles *Nieta, um chão todo meu*,²⁸ *Essa estranha mania de querer mais*²⁹, *Deu certo, sim*³⁰ e *Origens*. Escolhemos o último, de Ronaldo Reingenheim com colaboração de Tato Coutinho, por acreditarmos que se encaixa melhor na proposta deste trabalho: analisar uma biografia que coloque em palavras a história de uma família, sendo essa o personagem principal da narrativa. Nos demais livros, ainda que as trajetórias de várias pessoas se entrelaçassem, os personagens principais são sempre um indivíduo só.

²⁸ *Nieta, um chão todo meu* não havia sido publicado até a data final de produção deste trabalho. A *autora entre aspas* é Maria Antonieta Palhano, com colaboração de Marta Góes. “Nieta é a tia que nunca faltou para nenhum de nós, sempre atenta, alegre, amorosa, linda, bem vestida e disposta a cuidar de quem precisasse. Nenhuma economia de emoções, mulher festiva que sempre gostou de brindar.” (Fonte: https://www.instagram.com/livros_de_familia/)

²⁹ *Essa estranha mania de querer mais*, 2021. A *autora entre aspas* é Elena Ingwersen com depoimentos à Marta Góes. “De Acajutiba, no interior baiano, para o mundo. A partir de entrevistas conduzidas pela escritora e jornalista Marta Góes, Elena Ingwersen desvenda uma trajetória repleta de impasses, desejos, conquistas e um sonho maior: inspirar outras mulheres a querer sempre mais.” (Fonte: <https://livrosdefamilia.com.br/Elena>)

³⁰ *Deu certo, sim*, não havia sido publicado até a data final de produção deste trabalho. A *autora entre aspas* é Maria do Carmo Mendonça com depoimentos a André Viana. “Sempre que me pegava triste por algum motivo, eu dizia que meu epitáfio seria assim: Aqui jaz uma mulher que não deu certo.” Durante muitos anos acreditei que não dar certo correspondesse a ter fracassado profissionalmente. Felizmente, já não acredito mais nisso. Hoje, eu colocaria um complemento no meu epitáfio: “Deu certo, sim!” (Fonte: https://www.instagram.com/livros_de_familia/)

O livro *Origens* narra as vidas de membros das famílias Reingenheim, os ascendentes de Ronaldo Reingenheim. Ronaldo é o *autor entre aspas* da biografia que, como estabelecemos no capítulo 4, é o termo utilizado por Viana para se referir à pessoa que assina o livro, o biografado ou, neste caso, um representante da família, o guardião da memória familiar. A obra se baseia nas pesquisas do autor para narrar a trajetória de uma família de judeus alemães, desde o século XVIII até os tempos atuais, que vieram para o Brasil no período da ascensão do nazismo na Alemanha.

Após a escolha do livro, por ser uma obra longa, de 475 páginas, e pela vontade de nos aprofundarmos em aspectos específicos da narrativa, optamos por não analisá-la de forma completa, mas sim selecionar alguns capítulos a serem debatidos aqui. No índice do livro encontramos 16 capítulos (sem numeração), um prólogo, um epílogo, um *Álbum de família* (espaço que contém uma coleção de fotos da família Reingenheim – os personagens dos quais este livro se dedica a narrar a vida), a lista de descendentes da família (começando no século XVIII e terminando nos tempos atuais), notas de referências e, por último, os agradecimentos.

Os capítulos a serem trabalhados nesta análise são: *Advertência* (o prólogo do livro, página 12), *Por onde começar* (capítulo 1, da página 16 à página 41), *O patriarca* (capítulo 2, da página 41 à 49), *O desaparecimento de Else e Hermann* (capítulo 10, da página 157 à página 166), *13 de dezembro de 1941* (capítulo 11, da página 166 à 200), *Caixa postal 4328* (capítulo 12, da página 200 à 246) e *Origens* (o epílogo, página 382). A numeração dos capítulos foi atribuída por nós.

Os trechos elencados tratam principalmente de três assuntos: os três primeiros do início das pesquisas e do início da trajetória dos Reingenheim; os dois capítulos seguintes tratam da ascensão do nazismo na Alemanha e suas implicações; e o último trecho selecionado é a finalização do livro. Assim, elaboramos um breve resumo de informações sobre cada um dos capítulos que serão analisados no quadro II.

Quadro 2 – Resumo dos capítulos

Título	Capítulo	Nº de páginas	Quando se passa	Resumo
Advertência	Prólogo	2 página, páginas 12 e 13		Apresenta as motivações que levaram Ronaldo a escrever o livro.
Por onde começar	1	25 páginas, da página 16 a 41	Do começo das pesquisas, no início	O início das pesquisas de Ronaldo no Brasil e

			dos anos 2000, à viagem para a Alemanha em setembro de 2014.	uma carta (de 15 páginas) escrita para seus filhos, durante viagem à Alemanha para pesquisa.
O patriarca	2	8 páginas, da página 41 a 49	Final do século XVIII e século XIX; viagem à Alemanha em 2014.	A história de Jacob Isaak, o primeiro Reingenheim.
O desaparecimento de Else e Hermann	10	9 páginas, da página 157 a 166	Entre 1937 e 1941.	A trajetória da tia de Ronaldo, Else, e seu marido, Hermann, professores que optaram por ficar com sua turma de alunos na Alemanha durante a ascensão do nazismo.
13 de dezembro de 1941	11	34 páginas, da página 166 a 200	Leis antissemitas de 1933 até 1945; período de prisão dos tios de Ronaldo a partir de 13 de dezembro de 1941, em Riga, até Stutthof, na Polônia, onde morreram (Hermann em 30 de dezembro de 1944 e Else em 9 de janeiro de 1945); Pesquisa de Ronaldo em 2013.	O autor faz um apanhado histórico das leis antissemitas na Alemanha, inserindo a história de Else e Hermann na cronologia, enviados ao gueto de Riga em 13 de dezembro de 1941. Em parte do capítulo constam os e-mails trocados por Ronaldo e a equipe do museu de Stutthof, local em que seus tios morreram, em busca de documentos que comprovassem a <i>causa mortis</i> de seus tios.
Caixa postal 4328	12	46 páginas, da página 200 a 246	Dezembro de 1941, última carta de Else para a família Reingenheim; anúncio de Willy à procura de Else em 1945; correspondências entre Willy e sobreviventes do Holocausto entre 1944 e 1946.	Buscas de Willy, pai de Ronaldo, pela irmã e cunhado. Ele utilizava o <i>Aufbau</i> , jornal semanal em alemão que, entre outras iniciativas, abriu espaço para anúncios de desaparecidos durante a guerra. Além disso, constam uma série de cartas entre Willy e outros judeus, alguns que, inclusive, estiveram com Else e Hermann. Neste capítulo, Ronaldo apresenta algumas de suas lembranças de infância da época.
Origens	Epílogo	1 página, a 382		As conclusões do

				narrador após conhecer a trajetória da família Reingenheim.
--	--	--	--	---

Fonte: dados da pesquisa

Para analisarmos a obra, nos apoiamos em autores que abordam a temática da narrativa como Jonathan Culler (1999), e nos estudos sobre biografia, em especial no conceito de Espaço Biográfico, conforme proposto por Leonor Arfuch (2010) e já debatido nesta monografia, bem como na bibliografia sobre memória e família, apresentado anteriormente.

5.2 ORIGENS NO ESPAÇO BIOGRÁFICO

No início da obra, o narrador explica que o livro que se seguirá ao prólogo, intitulado *Advertência*, é construído a partir dos fragmentos das existências dos familiares já mortos, “[...] como a poeira suspensa das fotografias, cartas e documentos, de um broche e de um relógio tão próprios do seu tempo [...]” (REINGENHEIM, 2021, p. 12). Estes registros, fundamentais para a construção deste livro, circulam pelo Espaço Biográfico. Em comum, as fotografias, cartas e documentos – além do próprio texto corrido de *Origens* – “contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida.” (ARFUCH, 2010, p. 111). Ainda que não seja a pretensão deste trabalho, estes registros poderiam ser analisados individualmente, enquanto fenômenos com potencial biográfico.

Observamos ao longo do livro que esta não é uma obra com a intenção racional de ser autobiográfica, ainda que acreditemos que ela tenha, sim, um teor autobiográfico. Ronaldo constrói uma narrativa em que promove uma reflexão sobre *si*, porém isso acontece em decorrência da reflexão que ele estabelece sobre o *outro*, o tetravô, o bisavô, a tia. Ao longo da narrativa, conforme Ronaldo coloca em discurso a vida dos membros da família Reingenheim, ele projeta nas reflexões sobre os outros as sobre si mesmo.

Este não é, portanto, um livro clássico de memórias porque nasceu, sobretudo, do esquecimento. Pode parecer estranho, mas foi sempre o silêncio o discurso mais eloquente da história reunida aqui aos pedaços.

Nunca houve a possibilidade de uma narrativa clássica, linear, mesmo quando seus principais personagens estiveram vivos. Por uma razão muito simples: não havia como dizer o indizível (REINGENHEIM, 2021, p. 12)

Ainda assim, Ronaldo tem como objetivo contar a história da origem da família, em memórias, documentos, fotos. Portanto, não foca na sua história (no sentido cronológico de entender o desenvolvimento da vida de si próprio), nem de sua irmã, seus filhos ou netos. O foco do livro são os antepassados, começando no século XVIII, em seu trisavô e, talvez por isso, seu final seja na morte de Marianne, mãe de Ronaldo, já no tempo presente.

Em *Por onde começar*, Ronaldo relaciona sua vida e de sua irmã com os antepassados, o elo entre os Reingenheim alemães e os Reingenheim brasileiros:

Minha irmã Monica Jaqueline, a Jackie, e eu somos os últimos descendentes dos Reingenheim no Brasil a falar o alemão. Crescemos ouvindo a língua pátria de meus pais em casa, nas pequenas conversas cotidianas que davam curso à vida nova em São Paulo, e em outras menos frequentes, relacionadas à existência prévia deles na Europa. Alternado com o português de inevitável sintaxe imigrante, o alemão de Willy (1902-1967) e de minha mãe Marianne (1914-1988), se tornaria também nosso (REINGENHEIM, 2021, p. 16).

Boa parte da trajetória dos Reingenheim narrada no livro é atravessada pela ascensão do nazismo na Alemanha. Seja na história dos avós, dos pais e tios ou na dele próprio. O período da guerra marcou fortemente a linha do tempo da família, com o assassinato da tia e do tio de Ronaldo, em 1944 e 1945, e a vinda do resto da família para o Brasil. Assim, formou-se uma cultura de memórias pouco acessadas, ainda que fundamentais para a construção dos membros dessa família. “Não era incomum na geração de meus pais e de meus sogros que houvesse uma memória familiar de difícil acesso, prometida em segredo às gerações futuras.” (REINGENHEIM, 2021, p. 12).

A língua materna, o alemão, é um outro obstáculo na manutenção das memórias dos Reingenheim, que permaneceram no Brasil após a guerra:

Aos que ousaram retornar à terra natal, a língua se tornaria um obstáculo a menos para os descendentes quando chegasse a hora de enfrentar o passado. Para quem, contudo, seguiu adiante nos países que os acolheram,

muito desse legado estaria fadado a se perder em traduções (REINGENHEIM, 2021, p.12).

O autor relata, ao longo de *Origens*, as dificuldades de entender algumas palavras em alemão, textos em grafia gótica, entre outros. Na história da família da esposa, por exemplo, Ronaldo não conseguiu avançar nas pesquisas genealógicas, pois muitos documentos estão em húngaro, língua que o autor não domina, o que impossibilitou suas pesquisas.

O narrador reconhece ao longo do texto a impossibilidade do biógrafo de contar a totalidade dos fatos. Limita-se àquilo que pode afirmar, pois conseguiu ter acesso, e seleciona as informações às quais pode dar sentido lógico, montando uma linha do tempo que passa por diversas gerações de Reingenheim. O autor atribui ao alemão “herdado” de Willy e Marianne a possibilidade de ter acesso ao acervo de documentos preservado pelos pais, que, sem o domínio da língua “restaria inalcançável, e saberíamos ainda menos do que sabemos hoje.” (REINGENHEIM, 2021, p. 17);

Recurso menos utilizado pelo narrador, a invocação da memória pessoal aparece ao longo do texto como forma de contextualizar os passos da pesquisa genealógica que deu origem ao livro. Assim como na narrativa de suas lembranças, quando sua própria história de vida se confunde com a dos avós e dos pais, sob a perspectiva de si mesmo ainda como menino, por exemplo. Ronaldo preza por deixar demarcado ao longo do texto de onde vêm as informações que ele fornece ao leitor, inclusive quando são suas próprias memórias. Isso facilita a leitura crítica, na medida em que, como vimos até aqui, a memória não é sempre confiável, portanto parte da história narrada, pode não ser totalmente verdadeira, ainda que não seja essa a intenção.

No livro, é possível perceber uma tentativa de construir um sentido lógico da narrativa, de forma cronológica e com a estrutura o mais próxima possível das biografias canônicas, ainda que aqui se trate de uma biografia de um grupo de pessoas. Não entendemos a busca por ordenar as informações como estratégia puramente da obra, mas também como forma de organizar a história da família Reingenheim para os descendentes que não falam alemão, que não viveram os horrores da guerra, que não estão imersos na cultura alemã e judaica.

Além disso, muito do que se perde das histórias das famílias está na distância geracional. Logo, ao organizar a história da família em texto, Ronaldo está trazendo aos mais jovens informações mais precisas pois, documentos, memórias, tradições,

fotografias, entre outros, se deterioraram com o passar dos anos. Nesse sentido, quanto antes preservadas essas informações, melhor.

Ao longo do livro notamos o dilema geracional presente nas memórias familiares e nas biografias de família, e também a importância que pode ser atribuída à organização da trajetória familiar, construída ao longo da biografia:

Ao pensar na geração dos meus filhos e sobrinhos, sinto que a brutalidade do nazismo já não choca nem perturba tanto, naturalizada como um evento distante. Desobrigado da reflexão pela juventude, também eu me alienei por muito tempo na zona de conforto das preocupações imediatas, até que a saudade começasse a conferir um novo sentido aos vestígios daquela história que era também a minha (REINGENHEIM, 2021, p. 17).

O papel dos idosos³¹ (Ronaldo tinha setenta e oito anos quando o livro foi publicado) é, como vimos no capítulo 2, preservar a memória familiar. O autor confere a si este título após a chegada à velhice quando “a saudade começou a bater” e ele ressignifica aquilo que sabe sobre si e sobre os que vieram antes dele, as memórias, valores, enfim, os atributos que considera importantes transferir às próximas gerações.

Ainda em *Por onde começar*, o primeiro capítulo do livro, o autor apresenta uma carta escrita aos filhos, quando ele estava em viagem à Alemanha, para dar seguimento às pesquisas da história da família. Em um relato de dezesseis páginas temos acesso a uma descrição detalhada da viagem de Ronaldo, em setembro de 2014, a Münster, Rheine, Hopsten e Adorf, cidades alemãs de onde vieram os antepassados dos Reingenheim brasileiros. Assim, “a memória despedaçada que carregávamos até então se tornou, a partir dali, um tanto mais clara e coesa para Agi e para mim.” (REINGENHEIM, 2021, p. 24).

Este é o trecho do livro mais assumidamente autobiográfico, escrito com o sentido real de contar a trajetória de *Ronaldo*, não de outros membros de sua família, de colocar em discurso a vida do autor. Nesta parte do livro, Ronaldo constrói para si um papel de pesquisador. O livro se torna também um relato de pesquisa, da pesquisa da história dos Reingenheim. No decorrer da obra, após esse capítulo, o autor aparece

³¹ De acordo com o Estatuto do Idoso, presente na L10741, são consideradas idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm.

em poucos momentos como parte das histórias, se não como relator da trajetória de vida de outros membros da família. Neste papel de autoria nos aprofundaremos mais para frente.

Em *O patriarca*, o segundo capítulo, o narrador deixa clara sua tentativa de manter registros o mais perto possível da realidade. Era comum que os judeus não cultivassem um sobrenome, pois “À maneira da tradição judaica dos nomes patronímicos, em que o nome do filho é seguido pelo nome do pai, a composição registrada naquele livro de igreja equivalia a um registro de filiação, indicando que “Jacob” era provavelmente filho de “Isaak”” (REINGENHEIM, 2021, p. 43) Só com o *Código Civil Napoleônico* sobrenomes se tornariam obrigatórios. Assim, Jacob Isaak, nascido no final do século XVIII, se tornaria o primeiro Reingenheim.

O narrador utiliza várias estratégias para construir uma credibilidade com o leitor, descrevendo mais uma vez seu processo de pesquisa, além dos profissionais que o ajudaram (neste caso duas historiadoras alemãs), as ferramentas utilizadas, anexos ao livro documentos que teve acesso (neste caso certidões de nascimento e fotografias). Apesar de diversas suspeitas, Ronaldo não consegue estabelecer uma origem do sobrenome, o que deixa claro ao leitor: “Eu, sinceramente, não sei onde mora a verdade. Não encontrei até agora qualquer outro documento em que Jacob Isaak declare a cidade de onde veio ou em que tenha nascido.” (REINGENHEIM, 2021, p. 45)

No capítulo 10, *O desaparecimento de Else e Hermann*, e no capítulo 11, *13 de dezembro de 1941*, a vida dos tios de Ronaldo é recuperada através de documentos oficiais, fotos, e-mails, cartas, entre outros. A partir deste capítulo, o livro narra a trajetória de um casal de professores, vítimas do Holocausto. Na época da guerra e nos anos que se seguiram, pouca documentação poderia ser encontrada a respeito da vida destas pessoas no decorrer da ascensão do nazismo na Alemanha. No entanto, após anos de recuperação histórica deste período, criações de museus, entre outros, há um acesso maior a registros que identifiquem, por exemplo, a causa *mortis* de Else e Hermann. Assim, Ronaldo retoma a pesquisa feita por seu pai no pós-guerra e reconstitui uma linha do tempo dos anos finais dos seus tios.

O autor deixa claro, ainda no prólogo do livro, que “há muito sofrimento envolvido nas páginas e reminiscências a seguir. Mas também que há muita vida em sua condição mais básica e irrefreável – a capacidade de resistir e renascer a partir

de elementos mínimos, sejam eles de que natureza for.” (REINGENHEIM, 2021, p. 13) Podemos entender, portanto, que é uma história de dor (a qual a maioria de nós conhece, ainda que superficialmente), mas também é uma história de vida, resistência e renascimento. Não é um livro sobre a perseguição aos judeus, ainda que isso esteja presente em boa parte da narrativa, porque é indissociável da biografia da família. A obra é a escrita da vida da família Reingenheim, que é atravessada por fatos políticos, econômicos, pelo tempo ao qual a biografia está, invariavelmente, sujeita.

Assim, a biografia de uma pessoa ou um grupo de pessoas está sujeita a um contexto (VIEIRA, 2011), que neste caso começa no século XIX, com o início do *Código Civil Napoleônico* e a obrigatoriedade da adoção de um sobrenome por parte dos judeus, mas que passa pelo sucesso financeiro da família na Alemanha, pelo Holocausto, pelo exílio dos Reingenheim no Brasil e pela vida que construíram no país. Este contexto no qual a biografia familiar está inserida é repleto de valores familiares, crenças e histórias que constroem a memória familiar e os quais, em seu papel de guardião desta memória, Ronaldo tem o dever de passar adiante.

No capítulo 12, *Caixa Postal 4328*, a linha do tempo da vida de Else e Hermann, começa a se confundir com a do autor. Apesar de não ter conhecido os tios, Ronaldo lembra da busca do pai pelo paradeiro da irmã e do cunhado, além das repercussões da busca na rotina familiar, por exemplo. Com maior caráter autobiográfico, nesta parte do livro o autor utiliza das próprias lembranças como ferramenta para engrandecer o relato da vida dos outros membros da família:

Quando garoto, eu me lembro de como o jornal, que meu pai assinava, era avidamente esperado e devorado por todos em minha casa antes de ser passado adiante aos amigos, e depois aos amigos dos amigos, impulsionando sua circulação. É desse período a inserção da coluna “A busca começou” em sua concorrida seção de classificados. Além da publicação de listas de desaparecidos, estimulando a criação de uma rede de informações centralizada na redação, o Aufbau abriu espaço para anúncios em que as famílias tornassem público seus endereços na esperança de receber notícias sobre parentes e amigos. Considerando que, dos 550 mil judeus alemães recenseados em 1933, 132 mil emigraram para os Estados Unidos nos anos seguintes, a tiragem de 30 mil exemplares do Aufbau representou uma cobertura notável. (REINGENHEIM, 2021, 205).

Caixa Postal 4328 é, talvez, o capítulo que mais utiliza o recurso das cartas. O narrador apresenta uma rede criada pelos sobreviventes do Holocausto com o intuito de encontrar parentes e entes queridos perdidos por conta da guerra. As cartas eram trocadas por pessoas de vários países, que enviavam fotografias e outros registros,

além de relatos de lembranças que tinham e possíveis pistas dos paradeiros de desaparecidos.

As correspondências poderiam ser observadas individualmente, como apresentamos anteriormente, por seu valor biográfico individual, como aponta Arfuch (2010). No entanto, aqui vale salientar a importância das cartas em conjunto e como parte da biografia familiar, extrapolando a ideia biográfica do livro. São histórias de vida postas em discurso, as cartas, dentro de outro texto com o mesmo intuito, o livro. Há em *Origens* uma riqueza de exemplos de fenômenos que circulam no Espaço Biográfico. Além das cartas, há fotografias, e-mails, entre outros. A utilização de diferentes linguagens com teor biográfico é tão grande que há em *Origens* uma parte da obra dedicada a um álbum de família – e o capítulo leva esse nome.

No trecho, que vem após o epílogo do livro, é possível conferir fotos de vários membros da família Reingenheim. Nas fotografias, que são organizadas em ordem cronológica, há a indicação do local de cada um destes membros da família na árvore genealógica, bem como uma legenda contextualizando a foto. Os primeiros retratos, os mais antigos, datam do século XIX, enquanto a última fotografia é de Ronaldo e sua esposa, Agi, como um fechamento simbólico desta parte da história dos Reingenheim.

As fotografias poderiam encerrar nos filhos e netos de Ronaldo, mas é simbólico que termine assim, pois o autor e sua irmã, como dissemos anteriormente, são o elo dos Reingenheim brasileiros com os Reingenheim alemães. A partir deles, a história da família deve seguir sendo escrita, mas agora pelas novas gerações.

Não acreditamos, neste trabalho, que tenha havido uma pretensão de contar a história de Ronaldo, e sim de sua família. Após alguns breves relatos sobre a sua vida adulta – e somente até o falecimento da mãe – o autor encerra o texto, reforçando a tentativa de que o texto seja menos voltado para *si* e mais voltado para a história do *outro*, da família – embora, por si só, saibamos que é um relato autobiográfico.

Nesta perspectiva, o dever de contar a história de Ronaldo e Agi seria de seus filhos e netos. Assim como foi de Ronaldo contar a história de seus avós. Afinal, o conhecimento que ele carrega da história da família Reingenheim está materializado nas páginas do livro. Uma memória tão bem preservada que tem, inclusive, ISBN.

Após o *Álbum de família*, há mais um trecho do livro reservado a outro fenômeno que tem caráter biográfico: a árvore genealógica. Nesta parte do livro

constam as árvores de todos os ramos de origem do núcleo familiar de Ronaldo: os Reingenheim, os Mosheim, os Fürst, e os Samson, sendo os nomes mais antigos das árvores de pessoas nascidas no século XVIII.

A árvore genealógica é importante para o contexto do livro, pois é mais um elemento biográfico, que constrói as narrativas da pesquisa de Ronaldo e da história da família. A árvore, assim como as fotos, também é mencionada e referenciada ao longo de todo o livro. Assim, em conjunto - texto, imagem e árvore compõem a biografia dos Reingenheim.

5.3 A NARRATIVA EM *ORIGENS*

Neste subcapítulo trabalharemos a narrativa de *Origens*, a partir da perspectiva de Jonathan Culler (1999) que compilou estudos de distintos autores da chamada Narratologia. Seguindo as principais perguntas propostas pelo autor em *Teoria Literária: uma introdução* (1999), identificamos pontos importantes, que orientam e estruturam a narrativa do objeto de pesquisa do presente trabalho.

Como afirma Culler, “Há um impulso humano básico de ouvir e narrar histórias.” (CULLER, 1999, p. 85). Esta é uma necessidade que estivemos investigando ao longo deste trabalho por diversas frentes, a partir das teorias relacionadas ao universo da biografia e dos estudos da memória. Motta (2007) menciona que essa tendência data de antes da aquisição da linguagem. “A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc.) em relatos.” (MOTTA, 2007, p.143). Em outras palavras, é através da narrativa que apreendemos boa parte daquilo que vivemos. E justamente por isso, ao estudar a escrita da vida, se faz importante a perspectiva da narratologia, a **Teoria da Narrativa**.

Para Culler (1999), a Teoria da Narrativa “pode ser concebida como uma exposição de uma compreensão ou conhecimento cultural intuitivo” (CULLER, 1999, p. 85) ou ainda “uma tentativa de explicar detalhadamente, tornar explícita, essa competência narrativa.” (CULLER, 1999, p. 85). Neste trabalho, optamos pela análise narrativa como uma das teorias que dão suporte à nossa análise pela estruturação

metodológica que ela dá a este fenômeno, que é a necessidade de colocar em discurso uma vida, de forma organizada e com sentido.

Segundo Culler (1999), existe uma distinção dentro da teoria narrativa: a diferença entre enredo ou história e apresentação ou discurso. É a partir do momento em que percebemos uma história ou um enredo em um texto – e nas biografias associamos isso à uma história ancorada no real – e nos damos conta que a biografia é, na verdade, uma representação da história real, mas não a história integral da vida de alguém, que podemos compreender como se dá e como se escolhe apresentar este discurso, que organiza esta história. Ou seja, “identificando “o que acontece”, somos capazes de pensar no resto do material verbal como sendo a maneira de retratar o que ocorre.” (CULLER, 1999, p. 87)

Ainda para Culler (1999), dentro do universo da narratologia existem muitas formas de narrar uma história “e elas são cruciais para os efeitos das narrativas. Grande parte da teoria narrativa explora diferentes maneiras de conceber essas variáveis.” (CULLER, 1999, p.87) Assim, podemos dizer que o biógrafo utiliza de “recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário.” (MOTTA, 2007, p. 145). Por isso, nos apoiamos em seis perguntas propostas por Culler (1999) que nos auxiliam a compreender as escolhas narrativas que construíram *Origens*.

A primeira pergunta de Culler (1999) é **Quem fala?** Segundo o autor, “Por convenção diz-se que toda narrativa tem um narrador, que pode se colocar fora da história ou ser um personagem dentro dela.” (CULLER, 1999, p. 88). O autor traz as definições de narração em primeira e terceira pessoa e o papel que esses narradores têm na obra – se participantes, protagonistas ou observadores da história contada. Neste sentido, entendemos que o texto de *Origens* possui um narrador em primeira pessoa, o Ronaldo. Com relação ao papel desenvolvido pelos narradores em primeira pessoa, Culler diz que eles “podem ser os principais protagonistas da história que contam; podem ser participantes, personagens secundários na história; ou podem ser observadores da história, cuja função não é agir, mas descrever as coisas para nós.” (CULLER, 1999, p. 88).

Como veremos ao longo do subcapítulo, a estrutura narrativa sofre alterações ao longo do livro, na medida que os membros da família Reingenheim são

apresentados ao leitor e de acordo com as informações que o autor tem sobre a vida do biografado. Ainda que no início de *Origens*, quando Ronaldo descreve a viagem de pesquisa que fez para a Alemanha, note-se um narrador mais participante, o protagonista de *Origens* é a *família Reingenheim* como um todo. Ao longo de toda a narrativa Ronaldo deixa isso claro, que o livro não é sobre uma pessoa, e sim sobre várias. Nesse sentido, a família Reingenheim vira um personagem por si só. Por isso, acreditamos que o narrador de *Origens* seja um personagem secundário na narrativa.

Em **Quem fala para quem?** segunda pergunta proposta por Culler (1999), o autor traz a questão do público leitor da obra analisada. Assim como os leitores de uma obra deduzem o seu narrador, “a narrativa implicitamente constrói um público através daquilo que sua narração aceita sem discussão e através daquilo que se explica.” (CULLER, 1999, p. 88). Em *Origens* este público é a família Reingenheim, contratante da editora. Este é um fenômeno comum *na* maior parte das obras publicadas pela Livros de Família, em que o público tende a ser os familiares do *autor entre aspas*. Ou seja, as pessoas para as quais o livro se destina são também os personagens da obra.

Pela tiragem de *Origens* ser pequena, de duzentos exemplares – traço comum nas obras produzidas pela editora, como vimos anteriormente – é possível mapear qual foi o público da obra. Segundo Tato Coutinho, os exemplares de *Origens* foram entregues para familiares de Ronaldo – filhos, netos, cunhados, genros, entre outros – e para locais que o autor identificou que a obra poderia ser relevante para o acervo, como os centros de documentação que auxiliaram a pesquisa que resultou no livro, como a Comunidade Israelita Paulista e o Museu Judaico de São Paulo, por exemplo.

No entanto, ainda que o público real – aquele que teve acesso à obra – seja bem pequeno, percebemos que essa informação e esse teor mais familiar não aparece na narrativa. Para um leitor que não conheça a editora e o serviço oferecido, não fica clara a exclusividade das obras que normalmente não são levadas às livrarias. Embora o livro conte a história de uma família específica, os Reingenheim, por seu assunto, pela forma como a narrativa é conduzida e por não explicitar quem é o público do livro, não fica claro que a obra seja exclusivamente para a família.

Pensada para um público menor, *Origens* poderia ser facilmente vendida em livrarias ou disponibilizada em formato *e-book*, em bibliotecas públicas, entre outros. Histórias como esta têm a potencialidade de extrapolar a dimensão do parentesco por

sua universalidade. Não só por se tratar de um tema relevante historicamente, mas também por se tratar de família, uma estrutura social que todos conseguimos identificar e reconhecer. Aqui é possível lembrar uma das mais conhecidas obras que retratam o holocausto, *O Diário de Anne Frank*, um diário – tipo de narrativa que também está presente no Espaço Biográfico – escrito por uma adolescente judia e que descreve sua vida, suas questões pessoais, concomitante com os horrores sofridos por ela e sua família durante a ascensão nazista.

Em **Quem fala quando?** terceira pergunta proposta por Culler (1999), o autor sugere três momentos em que a narração da obra pode ocorrer: no período em que a história contada no livro acontece, “imediatamente aos acontecimentos específicos [...] Ou, como é mais comum, a narração pode ocorrer depois dos acontecimentos finais da narrativa, à medida que o narrador olha em retrospecto para a sequência inteira.” (CULLER, 1999, p. 88). Em *Origens*, a narrativa é construída posteriormente aos acontecimentos, assemelhando-se ao relato de uma pesquisa.

A obra que analisamos neste trabalho é repleta de cartas e e-mails que, se abordados individualmente, terão outras características narrativas, possuem outros autores e datas e locais de origem diferentes das do livro. No entanto, ao trazer estes documentos, o autor propõe este olhar em retrospecto aos acontecimentos, mencionados por Culler (1999), não só pelo caráter próximo ao relato da pesquisa genealógica e histórica produzida por Ronaldo, mas também na análise mais filosófica das cartas e documentos disponibilizados na obra, fazendo questionamentos, reflexões sobre sensações, sentimentos e motivos que levaram os membros da família a tomar determinadas decisões, entre outros.

Um exemplo deste processo é o capítulo 12. Nele o narrador conta a história dos tios, Else e Hermann, mortos no campo de concentração de Stutthof. Para isso, Ronaldo traz uma série de cartas de seu pai Willy, que buscava pela irmã e cunhado desaparecidos. Os interlocutores das cartas são judeus que sobreviveram ao Holocausto e que poderiam ter notícias da Hermann e Else na rede de correspondências explicada anteriormente. Nota-se que o narrador propõe um exercício de olhar para um passado, o de seu pai, em que o personagem já investigava um tempo ainda mais antigo, o da tia e tio de Ronaldo.

A pergunta seguinte proposta por Culler (1999) é **Quem fala com que linguagem?** Para o autor, “As vozes narrativas podem ter sua própria linguagem

distintiva, na qual narram tudo na história, ou podem adotar e relatar a linguagem de outros.” (CULLER, 1999, p. 89) Neste tópico voltamos para a questão do *autor entre aspas*, pois entendemos que em *Origens*, Tato Coutinho tem uma preocupação em emular a voz e opinião de Ronaldo Reingenheim, o *autor entre aspas* e narrador do livro.

Coutinho acredita que as histórias de família podem ser escritas em terceira pessoa, utilizando das características narrativas do jornalismo, ou em primeira pessoa, em que o autor precisa “*Tentar reproduzir um fluxo de consciência parecido, um vocabulário parecido, escrever se suas frases são longas, se são curtas, enfim, um estilo de escrita em que a pessoa em nome da qual você vai escrever precisa se identificar.*” (informação verbal).

Para isso, utiliza do conhecimento adquirido ao longo dos anos de entrevistas, acrescentando gírias e expressões de linguagem próprias de Ronaldo com o objetivo de dar realismo para a narrativa e proporcionar a identificação do *autor entre aspas* no texto, suas características pessoais e traços de personalidade. Culler exemplifica este processo, ao afirmar que “Uma narrativa que vê as coisas através da consciência de uma criança pode ou usar a linguagem adulta para relatar as percepções da criança ou resvalar para a linguagem de uma criança.” (CULLER, 1999, p. 89).

Em **Quem fala com que autoridade?** Culler comenta: “Narrar uma história é reivindicar uma certa autoridade, que os ouvintes concedem.” (CULLER, 1999, p. 89). Como exemplo para essa afirmação o autor cita um trecho de *Emma*, romance de Jane Austen, em que o narrador caracteriza a personagem principal como inteligente, rica e bonita. “[...] não ficamos nos perguntando ceticamente se ela era realmente bonita e inteligente. Aceitamos essa afirmação até que nos deem motivos para pensar de outra forma.” (CULLER, 1999, p. 89).

Em *Origens* podemos entender que Ronaldo tem autoridade como narrador do livro porque, primeiramente, é uma biografia. Neste tipo de narrativa, como vimos, espera-se do autor uma história que tenha relação com o real, pois o valor biográfico é ancorado em uma ordem narrativa e uma orientação ética (Arfuch, 2010). Em segundo lugar, Ronaldo tem autoridade para contar a história porque pesquisou. Isso fica claro ao longo da obra, pois o narrador elenca os processos de pesquisa que executou para poder descobrir cada aspecto da trajetória da família concomitantemente à narração dessas histórias.

Desde o início do livro o narrador constrói este lugar de autoridade como pesquisador: “Foi quando comecei esta minha viagem de volta às origens. Entre muitas idas e vindas estabeleci como data oficial de partida o dia em que me cadastrei no Geni, site apresentado por um amigo, entusiasta de minha fixação - 21 de maio de 2011.” (REINGENHEIM, 2021, p. 20).³²

O leitor também acredita que o Ronaldo tem autoridade porque ele pode ser considerado o guardião da memória familiar. Como vimos no capítulo 3, o guardião da memória familiar é o membro da família que é designado, por algum motivo, como responsável pela manutenção das tradições e memórias da família. Em geral, esta responsabilidade é atribuída às pessoas mais velhas (BOSI, 1994) que, como Ronaldo, se dedicam à manutenção da memória familiar.

Podemos pensar que Ronaldo se tornou simbolicamente guardião da memória familiar quando recebeu da mãe uma mala recheada de documentos e cartas que contavam a história da família, ainda que de forma fragmentada. Ronaldo também assume este papel de guardião da memória ao seguir pesquisando a história da família, chegando a ir para a Alemanha, e culminando na produção do livro.

Além disso, o narrador é autoridade porque viveu várias das histórias presentes no livro, seja como pesquisador ou como um dos membros da família. Em parte, são memórias da vida dele. Ou seja, Ronaldo ganha autoridade tanto no ponto de vista do leitor comum, como no ponto de vista familiar. Para o leitor comum, ele detém essa autoridade por ser autor, biógrafo e pesquisador, enquanto para a família ganha autoridade por produzir o livro – o próprio ato de escrever e publicar a obra, já confere a Ronaldo autoridade como membro e guardião da memória familiar.

Na última pergunta, **Quem vê?** Culler (1999) propõe três aspectos que devemos perceber ao analisar a perspectiva a partir da qual a história é contada. O aspecto *temporal*, a *distância* e a *velocidade*, e as *limitações de conhecimento*. Com relação ao aspecto temporal, Culler (1999, p. 90) afirma que “a narração pode focalizar os acontecimentos a partir da época em que ocorreram, a partir de logo depois, ou a partir de muito tempo depois.” Em *Origens*, a narração vai e volta no tempo, explorando uma história sob várias perspectivas, trazendo o que o narrador admite

³² Geni é uma plataforma que oferece várias ferramentas para a construção de árvores genealógicas online, dentre elas, a possibilidade de compartilhar fotografias, vídeos e outros documentos com familiares. (Ver mais em: <https://www.geni.com/>)

saber agora e o que sabia anteriormente sobre cada aspecto da vida de cada membro da família.

De maneira geral, várias linhas do tempo se relacionam: a da geração cuja história o narrador está contando – por exemplo, de seus bisavós – a da pesquisa que o Ronaldo fez – e datas dos documentos e momentos históricos que a atravessaram – e a das memórias que ele têm sobre a pesquisa. Em alguns casos, as memórias sobre as vidas desses familiares. Nesses momentos, a narração de Ronaldo muda de foco, não mais como pesquisador, mas sob a ótica de uma criança que viveu o acontecimento. Culler resume esta dinâmica narrativa:

Ao relatar algo que aconteceu com ele quando criança, um narrador pode focalizar o evento através da consciência da criança que ele foi, restringindo o relato ao que pensou ou sentiu na época, ou pode focalizar os eventos através do seu conhecimento e compreensão na época da narração. Ou, naturalmente, pode combinar essas perspectivas, fazendo um movimento entre o que sabia ou sentiu então e o que reconhece agora. (CULLER, 1999, p. 90).

Em *distância e velocidade*, aspecto em que o autor afirma que “A história pode ser focalizada através de um microscópio, por assim dizer, ou através de um telescópio, avançando lentamente com grandes detalhes ou rapidamente nos contando o que aconteceu [...]” (CULLER, 1999, p. 91). Este é um movimento bastante significativo no livro, pois uma característica marcante em *Origens* é a tentativa de não inventar as histórias dos personagens. Diversas vezes o autor diz que não tem determinadas informações, que seriam necessárias para aprofundar a história, por isso, de acordo com as informações que Ronaldo tem, ele muda a distância e a velocidade da narrativa.

Podemos perceber este movimento de distância e velocidade na tabela I. O capítulo *O patriarca*, que conta a história do primeiro Reingenheim, trisavô de Ronaldo, tem apenas oito páginas. Pela distância de tempo das pesquisas de Ronaldo do período de vida de Jacob Isaak, no século XVIII, poucos documentos e poucos relatos foram encontrados sobre ele. Portanto, ainda que seja uma figura importante com relação à identidade familiar, afinal, é o primeiro e o patriarca da família, o capítulo é pequeno se comparado a outros, como o capítulo 12, *Caixa Postal 4328*, que narra a história de seus tios e conta com 48 páginas.

Diferente da história de Jacob Isaak, as histórias da tia e do tio de Ronaldo são bastante detalhadas. Isso acontece pela infinidade de documentações acerca da história de Hermann e Else. Existem as memórias, as pesquisas de Ronaldo, as cartas de seu pai e de uma extensa rede de sobreviventes do Holocausto, as cartas da própria tia, Else, que enviava ao irmão antes de ser enviada para o gueto. Além disso, o período do Holocausto é extensamente documentado. Existem museus e diversos pesquisadores dedicados ao tema que auxiliaram nas pesquisas para confecção do livro. Entre os capítulos selecionados para este trabalho, três deles tratam exclusivamente da trajetória de Hermann e Else. São, ao todo, 89 páginas, não só de texto corrido, mas de cartas, fotos, e-mails e outros documentos que auxiliam na construção da narrativa.

Seguindo o que abordamos sobre a velocidade da narrativa, em *limitações de conhecimento*, Culler afirma que “Num extremo, uma narrativa pode focalizar a história através de uma perspectiva muito limitada – a perspectiva de um “olho de câmera” ou de uma “mosca na parede” – relatando as ações sem nos dar acesso aos pensamentos do personagem.” (CULLER, 1999, p. 91).

Como já comentamos, as informações às quais o narrador tem acesso são delimitadores importantes da narrativa. Ao contar como chegou a elas, Ronaldo reafirma a autoridade que ele possui de narrador e retoma um pacto com o leitor de busca pela história real dos membros da família Reingenheim. Embora Ronaldo não tenha a possibilidade de contar toda a história dos membros da família – nem de todos os membros da árvore genealógica, inclusive – ele lembra ao leitor repetidas vezes que não inventa, a sua busca pela história da família passa por um grande processo de pesquisa. Além disso, o narrador não tem a pretensão de se colocar no lugar dos personagens. Quando ele chega perto disso, por exemplo, ao contar a história da tia, Ronaldo deixa bem claro o que está fazendo, somente uma suposição.

Apesar de o livro ser construído na primeira pessoa, emulando uma narrativa feita pelo Ronaldo como autor, utilizando de figuras de linguagem e outras características do autor entre aspas, este livro é um trabalho realizado por uma equipe e uma editora, neste caso em especial pelo jornalista Tato Coutinho. As escolhas de estilo, forma e organização da narrativa que acabamos de analisar foram feitas pelo Tato. Utilizando de pesquisa e narrativa abastecidas pelos métodos jornalísticos,

como a entrevista em profundidade, para chegar ao resultado final, que é a construção deste Ronaldo narrador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A mala deixada por Marianne e Willy reuniu a bagagem essencial que os permitiu chegar até nós - a mesma que todos necessitamos para seguir adiante, sem temer o que encontraremos pela frente. Tudo o mais é circunstancial.”
(*Origens*, página 384)

No percurso desta pesquisa percebemos as biografias enquanto fenômeno que circula entre várias áreas do saber, que parte de uma necessidade humana de reflexão e registro da vida. No jornalismo, o biografismo é um campo em ascensão. Isso pode ser demonstrado no fato de que os profissionais da área que formam a equipe de biógrafos da editora analisada. Também, cinco das sete empresas que utilizamos de amostra deste tipo de mercado editorial tem profissionais de jornalismo, reforçando a ideia da ascensão dos jornalistas-biógrafos no meio, desde o início das biografias produzidas por estes profissionais, em 1982, com *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines.

Trabalhamos também a família em sua diversidade, sob a perspectiva da legislação brasileira, das Ciências Sociais e da História. Ao percebermos a família como lugar de socialização do ser humano, fica evidente outro ponto importante deste trabalho: a memória. Aqui, abordamos a memória na sua biologia, através da neurociência, e na forma como esta se dá socialmente, nos construindo enquanto pessoas e sociedade.

As estratégias de manutenção da memória das famílias e o fato de a responsabilidade da guarda dessas memórias ser dos avós também foi outro ponto estudado e fator importante para entendermos o papel de Ronaldo e da maioria dos outros clientes da Livros de Família que têm um perfil parecido com o do *autor entre aspas* de *Origens*. São pessoas mais velhas, avós que sentem a necessidade de refletir sobre a sua vida e de suas famílias, registrá-las para que fiquem de herança aos filhos e netos.

Ao final deste trabalho, entendemos que a escrita da vida é uma prática humana, de reflexão, que faz a manutenção das nossas memórias, enquanto indivíduos singulares, mas também com relação ao grupo de pessoas ao qual estamos inseridos. A biografia é, como nossa própria história, parte de um contexto e um tempo, arraigados em valores e práticas específicas da vida do personagem principal desta narrativa.

As biografias familiares, portanto, têm a potencialidade de expandir a linha do tempo e os contextos explorados na história que está sendo contada, na medida em que descreve as vidas de vários membros de uma mesma família, cada um inserido em seu próprio tempo e contexto. Esses textos são uma forma de contar histórias que se entrelaçam, em uma prática que oferece o registro e a manutenção das memórias, como estratégia de preservação dos valores e costumes que regem uma família.

Acreditamos que a grande particularidade deste tipo de biografia é justamente o entrelaçar das histórias dos membros da família, cada pessoa é um capítulo de uma biografia maior. Nas biografias típicas, o início, meio e fim da vida de um indivíduo, a tentativa de contar a totalidade da história de alguém, são as “ilusões biográficas” às quais os biógrafos devem estar atentos. Nas biografias de um grupo de pessoas, o fim da história é improvável, já que a árvore familiar tende a seguir se expandindo, assim como a trajetória dos descendentes.

Colocar em discurso a totalidade da vida de várias pessoas é ainda mais ilusório que de um indivíduo só, mas, neste caso, possibilita as múltiplas visões de uma mesma história, em que os coadjuvantes são ao mesmo tempo personagens principais e secundários do livro. Para isso, o recurso de narração em primeira pessoa utilizado pela Livros de Família torna íntima a interlocução com o leitor em um livro que é familiar, ainda que generalizado, pois a *família*, ainda que em sua diversidade, é uma estrutura social com a qual todos temos proximidade.

No âmbito da narração, o *autor entre aspas* também é um recurso utilizado para dar voz e organização a esta pessoa que não tem domínio das práticas da escrita ou da *práxis* do biografar, mas identifica a importância de registrar a sua história e a de sua família. É, portanto, um recurso que valoriza e dá lugar de fala a este autor, emulando as expressões e emoções de uma narrativa que seria escrita por ele e já é repetida de forma oral, às vezes, por gerações.

Nestes casos, o trabalho do jornalista-biógrafo se faz necessário, também pelos métodos de apuração e técnica utilizados na profissão, já que a checagem e a “costura” das histórias no tempo e conjuntura em que estão inseridas são parte fundamentais da construção da obra. Nesse sentido, a integridade e verdade do pacto entre biógrafo e biografado, autor e leitor, é preservada quando o jornalista se exime do que é dito, de certa forma, ao longo da narrativa – ainda que sua presença esteja em notas de rodapé, quando a História, no sentido científico, é utilizada para contextualização e correção de informações. A responsabilidade de autoria da biografia do *autor entre aspas*, que assina o livro, é registrada na ABNT e é quem de fato tem domínio e autoridade atribuídas pelo leitor para narrar a biografia.

A escrita da vida de uma família, em livro e sob demanda, é uma alternativa que possibilita contar histórias que dificilmente seriam registradas de outras formas além da própria memória. Histórias que não possuem foto ou vídeo, descrições de sensações e memórias, descrições de pesquisas que costuram os membros de uma família em uma mesma trajetória. São uma alternativa aos registros tradicionais em um modelo de narrativa já conhecido, a biografia.

Ao longo deste trabalho observamos que a contratação de uma empresa especializada na produção de biografias familiares, como a Livros de Família, possibilita àqueles que querem ter suas memórias registradas uma metodologia para colocá-las de fato no papel. Um biógrafo possui técnicas necessárias para a produção de uma obra que as famílias, os *autores entre aspas*, não têm. Em especial os jornalistas, que são os profissionais que escrevem as obras na editora e utilizam das técnicas que dominam para a construção das biografias, como entrevistas e checagem. Assim, nota-se que não é apenas a diagramação e a impressão dos livros, mas toda a construção desta narrativa, da história de uma família, que faz do serviço de editoras como a Livros de Família um diferencial nesta demanda humana de registro da vida.

A memória é o que move a necessidade biográfica, o que ajuda a organizar e dar sentido à família e o que impulsiona as pessoas a buscarem a editora. Biografias familiares são, portanto, importantes ferramentas de manutenção e registro do passado, daqueles que já não estão mais vivos, de reflexão do tempo presente, mas também de construção das gerações futuras, para que aqueles que ainda virão terem

acesso à sua origem, questões que regem os estudos de genealogia, a obra *Origens* e que são empregadas também no trabalho da Livros de Família.

As temáticas estudadas ao longo desta pesquisa são multidisciplinares em sua essência. Isso possibilita desdobramentos em várias áreas do saber, não só na Comunicação. Assim, apontamos que ainda há espaço para o aprofundamento neste fenômeno de editoras como a Livros de Família, para melhor entendê-las como tendência. Escolhemos a brasileira Livros de Família, mas, como vimos, existem vários exemplos de empresas que oferecem o mesmo tipo de trabalho ao redor do mundo. Outro campo científico que também poderia mostrar-se frutífero é o de acompanhar o processo de construção das biografias junto com as famílias, bem como o aprofundamento na relação jornalista-*autor entre aspas*.

A pesquisa fez-se necessária não só pelo seu caráter científico, mas pessoal. É importante conhecermos ainda que superficialmente características que nos organizam em sociedade e enquanto seres humanos. O entendimento da nossa história, nossa organização em núcleos familiares, a maneira como guardamos e propagamos nossas memórias. Acreditamos na importância de seguir pesquisando a temática por seu caráter social – escrever e ler biografias, em especial as de família, nos auxilia enquanto indivíduos a refletir sobre quem somos, quem éramos e quem queremos ser.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa**: edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexilon Editora Digital, 2007.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro EdUERJ, 2010.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1987.

BARROS, Myriam Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1996. p.183 - 191.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mai. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 26 mai. 2022.

BRUCK, Mozahir Salomão; SANTOS VIDA, Bruna Raquel. O viés biográfico do jornalismo: modos de negociação. In: **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 27-44, abr./jul., 2016. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17559>. Acesso em: 13 jan. 2022.

COUTINHO, Tato. **Entrevista Coutinho**. [jun. 2022]. Entrevistadora: Isabela Ribeiro Carraro. Porto Alegre, 2022. 1 arquivo .mp3 (49 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no APENDICE B desta monografia.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo, Beca, 1999.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

DICIONÁRIO INFORMAL: Dicionário Online. 2022. Disponível em:

<https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 31 mai. 2022.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In. DUARTE, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Capítulo 4, p.62 – 83

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. *In*: In. DUARTE, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Capítulo 14, p.215 – 234

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **Memórias familiares em festa: Estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares**. Orientadora: Cornelia Eckert, 2009. 348 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15913>. Acesso em: 15 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

MACEDO, Ana Maria da Costa. Confidência, Memória e Razão: as autobiografias como fontes privilegiadas para a história da família. **Família, Espaço e Patrimônio**, Porto: Citcem – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», p. 463-474, 2011.

MARTINEZ, Monica. Narrativas Biográficas. In: MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 85-108.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Cap. 3. p. 143-167.

MUAZE, Mariana. Por uma micro-história da família. In: **XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo-SP. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300404775_ARQUIVO_ANPUH2011PRONEX.pdf Acesso em: 31 mai. 2022.

NEVES, Betina. **Livros de Família**. 2021. Revista Gama. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/cultura/ler-ouvir-ver/livros-de-familia/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

REINGENHEIM, Ronaldo Sylvio. **Origens**. São Paulo: Livros de Família. 2021.

SAMARA, Eni Mesquita. A história da família no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 07-35, fev. 1989. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=24 Acesso em: 31 mai. 2022.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. AS TEIAS QUE A FAMÍLIA TECE: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 51, n. 2, p. 13-29, 31 dez. 2009. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/19983> Acesso em: 31 mai. 2022

SCOTT, Parry. **Famílias Brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades**. Série Família e Gênero, n. 14. Recife: Editora universitária UFPE, 2011. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/familias+brasileiras+poderes+desigualdades+e+solidariedades.pdf/35456d88-d341-4ae7-8f69-7bd54b815df8>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema**. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998, Caxambu. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt01-12/5031-bbschmidt-luz-e-papel/file>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; BARTZ, Rodrigo. Biografia jornalística: Algumas possibilidades. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, n. 21, p. 187 - 201, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/363>. Acesso em: 12 mai. 2022.

VIANA, André. **Entrevista Viana**. [jun. 2022]. Entrevistadora: Isabela Ribeiro Carraro. Porto Alegre, 2022. 1 arquivo .mp3 (82 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no APENDICE A desta monografia.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber: a construção do biografar:** o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros. Orientadora: Beatriz Alcaraz Marocco. 2015. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4993>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VIEIRA, Karine Moura. **O Desafio de Narrar uma Vida:** a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico. Orientadora: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca, 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30217>. Acesso em: 13 jan. 2022.

APÊNDICE A – Entrevista Viana

ENTREVISTA COM ANDRÉ VIANA, IDEALIZADOR DA EDITORA LIVROS DE FAMÍLIA

DATA DE ENTREVISTA: 08/06/2022

Eu fiz um guia de entrevistas para que eu possa conhecer o teu trabalho, especificamente, o trabalho da editora e o processo do Origens³³. Tudo bem?

Em relação ao *Origens* especificamente, esse livro durou quatro anos para ser feito. Foi o mais longo até hoje. Quem esteve na linha de frente não fui eu: a família me contratou e eu destaquei um jornalista com quem trabalho para cuidar desse livro. Então, ele que ficou na linha de frente desse livro. Eu posso te contar algumas coisas, mas saiba desde já que dependendo do que você queira a respeito do *Origens*, vale a pena marcar uma conversa com o Tato³⁴, que inclusive é quem assina a colaboração com o Ronaldo³⁵, que é o *autor entre aspas*.

Como funciona essa função da autoria, efetivamente, quem escreve o livro?

Esse trabalho eu comparo... Não sei se você tem relação com a Umbanda, mas eu comparo esse trabalho ao cavalo na Umbanda, que é a pessoa que empresta o corpo para o espírito poder vir à terra. Então, é como se a gente estivesse psicografando alguém que está vivo. Em outros termos, a gente faz entrevistas com as pessoas, com o biografado, ou com a família. Eu estou falando de um livro escrito em primeira pessoa, que seria primeira pessoa “alheia”.

Então, no caso do *Origens*, o Tato fez muitas entrevistas com o Ronaldo. O Ronaldo contou a história para o Tato, que colocou aquilo em forma de texto. Colocou aquilo

³³ *Origens* é um livro de 2021, publicado pela editora Livros de Família e analisado nesta monografia. (Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/Origens>)

³⁴ Tato Coutinho é o jornalista responsável pelo livro *Origens*. Também entrevistamos o Tato e a transcrição da conversa está nos apêndices deste trabalho, como *Apêndice B*.

³⁵ Ronaldo Sylvio Reingenheim é parte da família Reingenheim, que contratou o serviço da editora, é responsável pelas pesquisas que deram origem ao livro *Origens* e é *autor entre aspas* da obra, como explica Viana.

numa versão que depois o Ronaldo leu, mexeu em cima, e aí começa um trabalho de *ping pong* de ajuste de texto. Mas, basicamente, a questão da autoria funciona dessa forma, a gente faz entrevistas – por isso que eu falei autor entre aspas, porque, no fim, é a pessoa que está contando aquela história. Só que passa por um filtro de texto, né. Seja ele... Vamos chamar de jornalístico literário, porque é um misto de jornalismo com literatura mesmo, porque é um texto mais solto. Bom, existe um termo para isso que é jornalismo literário, mas é isso... É um depoimento que as pessoas dão para a gente.

E esses livros costumam ser em primeira pessoa? No caso do Ronaldo, ele conta a trajetória dele, descobrindo a história da família, mas não sei se todos os livros têm... Têm alguns livros que são mais pessoais, mas têm outros que são mais de família, mas sempre tem esse viés mais pessoal e em primeira pessoa?

Tenho duas coisas para falar sobre isso: a primeira é que o *Origens* teve um processo um pouco diferente dos outros livros, porque quando o Ronaldo nos procurou – e, na verdade, nem foi ele, foi a filha dele – ele (*o Ronaldo*) já tinha 10 anos de pesquisa. Ele mergulhou ali na história da família. Ele queria entender... A mãe dele (*do Ronaldo*) tinha deixado uma mala com muitos documentos³⁶. Ele tinha uma pesquisa de 10 anos e estava soterrado por isso. Ele (*o Ronaldo*) não sabia como organizar (*a pesquisa*). Então, nesse livro especificamente, a gente chegou para organizar tudo o que ele já tinha pesquisado e preencher o que ainda faltava. Então, por exemplo, o Tato... Se você vier a conversar com ele, ele pode te explicar isso com muito mais detalhes... Mas ele pegou toda a pesquisa com o Ronaldo e fez outras em cima (*da pesquisa feita pelo Ronaldo*) e inseriu ali (*no livro*), sempre conversando com o Ronaldo. Então, a uma certa altura, vira uma relação de simbiose: todo mundo alimentando todo mundo.

³⁶ No início do livro, Ronaldo explica: “Ao morrer, na véspera do Natal de 1988, minha mãe deixou seus guardados mais íntimos cuidadosamente arrumados em uma pequena mala de pano para que encontrássemos, por cima de tudo, uma daquelas estrelas de David amarelas que os judeus eram obrigados a exibir no auge da segregação. Com as bordas levemente desfiadas e o tecido muito limpo, não havia sinais de que tenha um dia sido costurada em suas roupas. Com que intenção havia sido guardada em segredo por tanto tempo? Por que ser revelada apenas quando não houvesse mais a chance de explicação?” (REINGENHEIM, 2021, p. 17).

Sobre a primeira pessoa, tudo depende do processo do livro. Eu – e quem faz esses livros – nunca sabemos qual vai ser o formato do livro. A gente nunca sabe como vai ser o formato do livro. Então, a gente começa a fazer as entrevistas e dependendo de como a pessoa conta (*a história*), a gente conta esse formato em primeira pessoa. Eu tenho chegado à conclusão de que contar uma história em terceira pessoa, ou seja, eu contar a história de uma família... Eu não tenho gostado muito disso (*escrever em terceira pessoa*), eu tenho achado meio falso... Não sei se é falsa a palavra, mas uma história muito filtrada. Então, eu tenho gostado cada vez mais da primeira pessoa “dos outros”. De assumir mesmo a editora como esse trabalho que eu comparei com o cavalo da Umbanda, que é de a gente receber a pessoa e organizar a voz dela. Porque você sabe que escrever não é fácil, nem para quem sabe e muito menos para quem não sabe. É preciso uma organização mental, que precisa de treino, precisa de dedicação, precisa de um monte de coisas. Então, a gente dá o que as pessoas não têm, que é esse *know how* com a escrita.

Então, já fiz muitos livros em terceira pessoa e tenho evitado cada vez mais seguir esse modelo. Por exemplo... Eu não sei se te mandei um livro de uma saga de uma família italiana em cinco volumes³⁷, que foi oficialmente o segundo livro que eu fiz. O primeiro foi em primeira pessoa e esse segundo livro foi inteiramente em terceira pessoa. São cinco volumes, todos eu que escrevi, eu fui o autor.

E qual foi o primeiro livro? (que o André escreveu)

O primeiro livro se chama *Tchô!*, que é o do Zoé³⁸. Se você for lá no site, você vai ver. Eu posso pegar a capa para você... Esse foi o primeiro livro, *Tchô!*. Nesse livro eu demorei. Como foi o primeiro e eu não sabia como se fazia um livro desses, eu estava ainda no meu registro jornalístico de contar a história do Zoé. Eu mostrei... Eu nunca escrevo um livro inteiro, obviamente, antes de mostrar. Eu sempre escrevi um capítulo, quando eu imagino um formato para o livro. Eu escrevo um livro... O início,

³⁷ Viana se refere a uma série de cinco volumes que narra a história de uma família italiana, composta pelos livros: *Francesco e Raphaela; Pasetto e Righetti; Domingos e Herculina; Mariana, Renata, Marina e Gabriel; Geraldo e Eliane*. (Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/Projeto-L>)

³⁸ Zoé Silveira d'Avila é empresário e *autor entre aspas* da biografia *Tchô!*. O livro é a primeira publicação da editora Livros de Família, de 2012, que conta a “saga de um gaúcho”. (Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/Projeto-Z-2>)

algumas páginas, um primeiro capítulo. Mostro para a pessoa. Se ela gostar, eu sigo. Se não, eu vou (*escrevendo*) até chegar em algo que agrade... E aí eu vou até o fim.

No caso do Zoé, eu acho que precisei escrever umas três ou quatro versões até eu entender o que ele queria... Porque é isso, como as pessoas não têm experiência com texto, elas têm dificuldades de explicar o que querem (*como querem que seja a narrativa do livro*). Então, como era o meu primeiro livro, eu estava no meu registro de jornalista. Eu mostrei uma primeira versão, ele (Zoé) leu e disse: “não, não é exatamente isso.” Mas também não falou o que era (*que ele queria*). Aí, eu escrevi uma segunda versão, uma terceira versão, até que uma hora que eu tive um estalo. Eu disse: “poxa, é obvio! Ele quer contar a história dele. Não sou eu contando a história dele.” Quando eu passei para a primeira pessoa, ele (Zoé) leu e disse: “ah, é isso!”

Foi aí que eu comecei a entender como era o processo desses livros. As pessoas querem contar a própria história. Elas só não sabem como. No caso dessa saga italiana em cinco volumes, eu não tinha como fazer isso porque entrevistei quase 80 pessoas. A família era grande... No caso do Zoé, a filha queria que eu registrasse as histórias que ele sempre contava para a família. No caso do segundo livro (*publicado pela editora*), quem me contratou queria descobrir a história da família. Não sabia nada da história da família, então não tinha nenhum *briefing* para mim. Eu tive que começar a entrevistar as pessoas para criar a narrativa, e aí eu me deparei com histórias muito pitorescas... Mas, como a família era grande, cada um tinha uma versão para aquela história: porque foi a tia que contou, porque quando ouviu era criança, porque... Enfim, aí vai a história de cada um e de como as histórias de família são guardadas por cada pessoa, por cada membro... Eu chamo de lendas familiares, porque são lendas. São aquelas histórias que a gente leva, mas que cada um tem uma versão e, no fim, tudo é verdade. Não tem como escolher uma versão, porque enterraria todas as outras, que são tão genuínas quanto. Então, esse livro eu escrevi em terceira pessoa justamente para poder abarcar todas as versões... Tem uma versão que diz... Isso sempre tomando o cuidado de nunca apontar quem contou para não criar conflito na família, que é outro detalhe muito importante desse trabalho... Que é de não criar conflito, não virar fofoqueiro, não virar garoto de recados, porque

sabemos que as famílias têm conflitos. Todas: a minha e a sua também. Então, tem que ter muito cuidado com o que se ouve e com o que se passa adiante. Esse livro eu fazia assim: tem uma versão (*da história*) que diz isso, mas também tem uma outra que conta aquilo e ainda tem uma terceira que fala o seguinte. Então, está tudo aí (*no livro*), nenhuma mais importante que a outra, todas ali, registradas... Mas, com o tempo, eu fui vendo que é muito mais interessante a primeira pessoa.

E essa questão do conflito? Imagino que quando acontece esse momento de troca entre a pessoa que está entrevistando e a pessoa que é “autor entre aspas” do livro as coisas vão sendo polidas, inclusive nesse sentido de questões familiares. Eu vi em uma entrevista que tu dizias que os conflitos e as histórias ruins que a gente tem também devem aparecer no livro. Como é que funciona esse meio de campo, com esse “autor entre aspas” e também com essa família que vai consumir o produto final (a biografia de família).

Tudo é na base da negociação. Têm uns temas espinhentos, que as famílias preferem jogar para debaixo do tapete para todo mundo seguir com as suas existências... Só que essas coisas ficam guardadas em algum lugar. Tem gente que morre com essas coisas, tem gente que leva para a terapia essas coisas, tem gente que não resolve essas coisas e tem gente que adoce com essas coisas. Quando entra alguém de fora para remexer em tudo isso – eu estou falando de mim e das pessoas que fazem esse tipo de livro – essa poeira que estava ali, debaixo do tapete, é levantada inevitavelmente. Então tem uma fase do processo em que as conversas vão sempre ser mediadas pelo choro, porque é um processo terapêutico.

Mexer em assuntos difíceis para alguém que não é um terapeuta... Enfim, mexer em assuntos difíceis já é muito difícil. Quando se sabe que aquilo vai ser registrado, tudo fica ainda mais delicado, porque... Como falar e como garantir que aquele tema vai ser bem reproduzido, vai ser reproduzido sem que se fira suscetibilidades?

Tudo tem uma negociação e sempre há um momento em que eu saio de cena e a família conversa entre si para definir algumas coisas. Então, eu te dou uma história de uma família que queria contar o seu caso de sucesso, um caso empresarial aí de

sucesso. Só que, quando começam a conversar um por um, começam a surgir alguns temas... Tinha uma das filhas, era uma casa com três filhos... A mais velha, quando eu fui conversar com ela, ela começou a contar de um trauma de quando ela tinha sete anos. Foi muito choro. Ela disse que nunca tinha contado aquilo para os pais, porque, assim... Era uma família que tinha se mudado de um lugar para o outro, era do Rio Grande do Sul, aí do interior, e foi para Goiás. O casal não queria que a filha mais velha perdesse o ano letivo, então mandou ela antes (*do resto da família*), seis meses. Ela tinha sete anos. Mandaram ela com o motorista, de carro do Rio Grande do Sul para Goiás. A menina de sete anos não entendia o que estava acontecendo e ninguém explicou isso direito para ela, então ela achava que estava sendo mandada embora para sempre e que nunca mais veria a família.

Eu fiquei tão tocado por aquele relato da menina sendo abandonada pelos pais e tinha tanto detalhe na lembrança dela, que eu comecei o livro nessa cena, já que era um livro sobre migração. Eu comecei por aí o livro e, quando a mãe dela leu, falou: “pelo amor de Deus! Não foi nada disso. Ela era uma criança. Ela está com uma memória que não está correta.” Aí eu disse: “bom, mostra para o seu marido.” Aí, ele me ligou cinco minutos depois (*de ler*): “Não é nada disso. Ela está errada. Foi de outro jeito (*que aconteceu*).” Aí eu disse: “quer saber? Conversem entre vocês.” Porque eles nunca tinham conversado sobre isso. Os pais nem sabiam que ela tinha esse trauma. Aí foi uma catarse familiar, porque eles finalmente tiveram que conversar sobre isso (*o fato de a menina ter ido antes que o resto da família para Goiás*): muito choro, muito perdão, muito abraço... E a família se transformou depois disso. Mesmo o Zoé (*autor entre aspas do livro Tchô!*) passou por essa situação... Eu posso te contar várias situações em que a existência desse trabalho (*da editora*) vai além do registro. É um trabalho de terapia familiar, por conta exatamente desses assuntos que precisam ser tratados.

Como funcionou para ti essa troca de área? Da criação da editora e esse trabalho de jornalismo literário. Tu já tinhas produzido um livro antes da editora, né?

Produzir é um pouco o que eu faço hoje, mas escrever, eu escrevi um livro (*antes da fundação da editora*), o primeiro de todos. Você conhece a marca *Fico*³⁹? Uma marca de malas e bolsas. Ela foi muito famosa nos anos de 1980. Tinha uma carteira *Fico*... O Fico é um surfista dos anos de 1980. Ele teve esclerose múltipla. Eu escrevi esse relato em primeira pessoa. Então esse foi o primeiro livro de todos⁴⁰... Já era uma semente deste trabalho biográfico, de dar um caráter literário a um depoimento. Isso faz tempo, viu? Foi em 2004, talvez... Não sei, faz muito tempo.

E como começou a editora?

Eu trabalhava na editora Trip⁴¹... Eu trabalhei muitos anos na editora Trip. Sabe a Trip, *TPM*? Eu tinha cansado um pouco de redação, aí eu pedi demissão, sem saber o que eu ia fazer. Um pouco depois, o Paulo Lima, que é o dono da Trip, me indicou para essa família. Ele era amigo da filha do Zoé... A filha do Zoé pediu uma dica para ele de alguém para escrever a história do pai dela. Foi aí que eu fiz o livro do Zoé (*Tchô!*). E, quando eu fiz o livro do Zoé, eu gostei da brincadeira. Vi que existia um nicho pouco explorado, que eram essas histórias de família por encomenda. Então, eu comecei a fazer uma divulgação no boca a boca. Hoje, (*a editora*) se chama Livros de Família, mas começou como Jerimum Biográfico.

Foi o primeiro nome da editora, Jerimum Biográfico, fiz cartão... Enfim, comecei a divulgar e aí, no boca a boca, começou a aparecer uma clientela. Jerimum Biográfico em algum momento virou JB - Livros de Família.

E qual é o diferencial desse serviço, de biografias de família, de biografias de pessoas comuns? Por que as pessoas vão atrás desse tipo de serviço?

³⁹ Viana se refere à marca catarinense criada em 1981. A marca de moda possui atualmente 16 fábricas e produz em média 23 milhões de peças por ano. (Disponível em: <https://www.fico.clothing/home>).

⁴⁰ O livro *Fico - A História de Raphael Levy* foi publicada em 2004 pela editora Gaia. A obra de autoria de André Viana conta a “trajetória de um guerreiro em sua permanente luta contra a esclerose múltipla, sem jamais abandonar sua paixão pelo surfe, seu amor por sua família, seus amigos e sua empresa.” (Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/fico-a-historia-de-raphael-levy-158653/p>).

⁴¹ Viana se refere à Trip Editora, fundada em 1986. A editora, que tem atuação multiplataforma, é responsável pela revista TPM, também referida pela jornalista (Ver mais em: <https://revistatrip.uol.com.br/>).

Eu ia falar que cada um tem uma motivação, mas, de um modo geral, não é nem um desejo. Muitas vezes as pessoas nem imaginam que isso (*as biografias de família*) fosse possível. Acho que talvez essa seja a chave do trabalho que eu faço, que é as pessoas descobrirem que é possível registrar o passado, é possível deixar um legado. Eu acho a palavra legado meio brega, mas ela é um pouco inevitável nesse caso, porque é isso: a descoberta de que é possível registrar a memória. Às vezes, tem gente que não quer nem contar sua própria história, quer contar o que sabe dela (*da pessoa que contratou a editora*) para trás, dos antepassados. Porque sabe que é a última pessoa que tem registro das gerações anteriores, porque os netos não vão saber quando ela morrer, porque os filhos já não se interessaram por isso. Então, ela resolve registrar o que sabe para as gerações futuras.

Só que isso, foi o que eu te disse, é uma demanda criada, porque não é todo mundo que sabe que isso existe. E eu falo isso, porque eu recebo muitas mensagens de gente dizendo exatamente isso: "não sabia que era possível fazer isso, então eu quero registrar a história do meu pai, eu gostaria que ele contasse". Geralmente quem chega para mim, assim, o primeiro contato, é feito por filhos na faixa dos 50, 60 anos, com pais que estão ali nos seus 80, 90 anos, vendo que o fim está inevitavelmente próximo e aí resolvem contratar (*a editora*) para registrar a narrativa dos pais.

E essa questão do público, para quem são direcionados esses livros? É a esse núcleo familiar mais fechado? À família mais ampliada? Os amigos? Porque eu imagino que isso também influencie a linguagem e quais informações vão ser usadas no livro, né?

Sim, de novo vou tentar generalizar algo difícil de ser generalizado, porque cada família é uma família. Mas, de modo geral, a procura é sempre para familiares e amigos, o que leva a uma média de 100 a 200 exemplares por edição. Uma média, mas, como eu te disse, já teve... Assim, eu vou falar das extremidades: já teve livro de 1000 exemplares, foi o máximo até hoje, e já teve livro de um exemplar só. Essa é uma história de três filhas que quiseram dar de presente para o pai a história da vida deles. De surpresa, sem ele saber. Então, eu entrevistei todo mundo em volta.

Como você faz jornalismo, você já deve ter caído no famoso perfil do Frank Sinatra feito pelo Gay Talese⁴², em que ele entrevistou todo mundo menos o Frank Sinatra... Esse livro foi mais ou menos isso. Só que, no fim, elas ficaram com medo de ele não gostar, porque ele é um sujeito muito discreto e aí a solução foi imprimir só um exemplar para dar de presente para ele. Então, as extremidades são essas: 1000 exemplares de um lado e um exemplar do outro. E a média de 100 a 200 exemplares. Agora essa semana vai rodar um livro que também tem outra particularidade: a família resolveu imprimir 25 exemplares de uma versão mais ampliada para a família, é com casos delicados. E depois eles vão fazer uma edição, quer dizer, nós vamos fazer uma segunda edição, para fazer uma segunda versão para os amigos, sem algumas intimidades ali no livro. Isso é uma coisa que eu ainda não tinha feito, um livro com duas versões, uma para dentro (*da família*) e outra mais para fora (*da família*).

Todos os livros têm ISBN?

Nem todos. Às vezes, parte da própria pessoa querer vender o livro e às vezes, quando eu vejo que o livro vai muito além da história da família, quando eu vejo que aquela história, apesar de particular, tem um “Q” de universal, eu sugiro o ISBN. Hoje tem... Acho que quatro ou cinco livros (*da editora*) vendidos em livraria, mas não são todos (*os livros da editora*) que têm ISBN.

Essa questão de ser universal, no caso do Origens, por exemplo, o livro traz a história de um povo inteiro que sofreu pela perseguição nazista. O que o Ronaldo e o Tato contam no livro não é só a história da família Reingenheim, que foi perseguida pelo nazismo. Tu identificas esse registro como parte da história, como contribuição de registro histórico? A minha pergunta é: tu identificas nesses livros, se não em todos, em alguns deles, o fator de contar a história de um povo ou de uma época histórica, como contribuição de registro histórico? E se tu identificas isso nos livros, como é feita essa construção narrativa? Passa por uma checagem com algum historiador ou com documentos oficiais para que tenha essa coerência histórica?

⁴² Viana se refere ao texto “Frank Sinatra has a cold”, do jornalista Gay Talese, publicado em 1966 na revista Esquire sobre o cantor Frank Sinatra. (Ver mais em: <https://www.esquire.com/news-politics/a638/frank-sinatra-has-a-cold-gay-talese/>)

De um modo geral, inevitavelmente toda a história tem um pano de fundo histórico. Então, uma parte incontornável dos Livros de Família é uma contextualização histórica. E isso vale para qualquer povo. Agora, um dos livros é sobre uma família que viveu na metade do século XX: faço toda uma pesquisa, vou nos livros de história daquela época. Eu vou ler, por exemplo, Getúlio Vargas, para pegar informações e em algum momento fazer conexões... Enquanto a personagem principal estava brincando com os amigos na rua, lá no Paraíso, Ademar de Barros⁴³ estava passando por lá depois do trabalho e deu carona para elas.

Tem um livro, o terceiro livro que eu fiz, que é a história de uma fazenda aqui no interior de São Paulo, no Vale do Paraíba⁴⁴. Eu sabia que iria entrar em contato com documentos históricos, que se eu não tivesse conhecimento prévio não iria entender aqueles documentos, então eu passei nove meses estudando sobre a conquista do Vale do Paraíba. Fiz quase que um mini mestrado antes de começar a pesquisa para o livro. O livro conta a história das famílias que ocuparam a tal fazenda desde o século XVIII... Então, qualquer livro desses vai ter uma parte de pesquisa histórica.

Há uma pretensão de registrar também aquele momento histórico? Têm algumas pesquisas da área da história que trazem a importância desses registros pequenos, de cadernetas ou conversas familiares, para que no futuro a gente consiga entender de forma mais global a história da sociedade. Tem uma pretensão de ajudar a entender a história, não só dessa família que está sendo biografada, mas da sociedade em que ela está inserida?

Eu não chamaria de pretensão. A pretensão é de registrar as histórias, a pretensão é essa, só que as histórias estão inseridas em contexto, então inevitavelmente... Por isso que eu estou usando o advérbio *inevitavelmente*, inevitavelmente a gente precisa dos contextos também. Para o futuro né, nessa ideia do registro histórico, você imagina que eu pego famílias de todos os espectros políticos... Só que é gente que cresceu com outro registro histórico que não chama o golpe de golpe, chama de revolução, chama sei lá o Geisel de herói. O que que eu faço, eu? Eu tenho um ponto

⁴³ Viana se refere à Ademar Pereira de Barros, ex-prefeito e ex-governador de São Paulo.

⁴⁴ Viana se refere ao livro *Borba Gato*, de 2015, escrito por ele e com projeto gráfico e pesquisa de imagem de Paula Carvalho. (Ver mais em: <https://livrosdefamilia.com.br/Projeto-Fazenda-2>)

de vista sobre o mundo e não vou me furtar a ele. O que eu faço? Nota de rodapé corrigindo a história.

Eu respeito o registro, mas corrijo de acordo com a história. Você talvez possa concluir por mim se existe essa pretensão, mas o que eu posso te dizer é: existe uma preocupação com a história, com o registro da história, com o registro do contexto histórico, existe essa preocupação, mas a pretensão é o registro da história particular.

Já aconteceram segundas edições do livro, tipo republicação?

Poucas. Acabou de acontecer uma recentemente, não vou saber te dizer qual foi, mas sim, a família esgotou a distribuição e quis imprimir mais.

Quais são os trabalhos que vocês oferecem?

O básico é: a família não tem nada. Então, eu entrevisto, pesquiso, construo, escrevo... Mas esse é o básico. Quer dizer, básico não, mas o mais comum. Tem gente que chega com algum tipo de registro já. Daí, a gente parte desse registro para construir o resto, que seja incorporando esse registro a algo que, depois, vai ser complementado. Ou, então, editando esse registro. Te dou um exemplo que está na minha mão agora: as metas de um sujeito que se chama Marc, francês de origem. Na verdade, russo de origem. Mas criado na França nos anos de 1940, 1930. O Marc já morreu há uns 10 anos. E, antes de morrer, ele deixou 70 páginas, onde contou a própria história para os netos em francês. Então, a família chegou já com esse documento.

Em francês?

Em francês. E tem a viúva do Marc, que continua viva e que eu entrevistei. Então, esse livro⁴⁵ está se construindo da seguinte forma: a primeira parte é só a edição do texto do Marc e a segunda parte é o depoimento da Hélène. O livro vai ser um texto que já existia, com um depoimento que passou a existir e os dois vão conversar entre

⁴⁵ Viana se refere à *Marc e Hélène*, livro a ser lançado pela editora Livros de Família.

si, porque a Hélène complementa muitas histórias que o Marc passou por alto, mas que ela, pela visão feminina, ou pela visão de ser outra pessoa que não o Marc, de ter vivido a mesma coisa de um outro jeito, conta de outra forma (*a história*). O livro vai ser a soma dessas perspectivas.

Então, de novo, cada livro é de um jeito. De um modo geral, tudo começa com entrevistas e tudo termina de um jeito que eu não sei.

Quem é a equipe da editora atualmente? Por quais profissões vocês circulam? São só jornalistas, são historiadores, são designers?

A equipe tem... Tem tudo isso que você falou. Tem os jornalistas/escritores, têm as... Eu prefiro falar as designers, porque acho que só um designer fez um livro, o resto tudo foi mulher. Então, tem a turma do texto, que são os jornalistas e escritores, a turma do design, tem a turma da transcrição. Então é texto, transcrição e revisão, e tudo isso com profissionais colaboradores. Colaboradores, parceiros, não sei como chamar.

Tem historiadores ou profissionais de mais alguma área?

Pontualmente. Por exemplo, naquele livro que eu te falei da fazenda⁴⁶ que tinha que pesquisar muita história, teve uma historiadora. Inclusive acompanhando a pesquisa nos arquivos históricos lá de Taubaté. Era uma pessoa que lia documentos antigos.

Agora eu vou fazer um livro de uma outra fazenda perto de Itú. Essa também tem um historiador envolvido. Na verdade, é um historiador que fez uma pesquisa prévia e eu vou partir da pesquisa dele para escrever a história da fazenda. Então, não é sempre que têm historiadores, são casos pontuais.

Qual é o tempo de produção de um livro? Tu disseste que o Origens levou 4 anos para ser produzido e até agora foi o mais longo. E os outros?

⁴⁶ Viana se refere ao livro Borba Gato, de 2015.

Vamos “botar” um ano em média. Às vezes menos, às vezes um pouco mais, mas a média (*de produção de um livro*) é de um ano.

Inclusive o livro da família italiana, que foi em várias partes?

Sim, um ano e meio... Mas é que, naquela época, eu só tinha aquele livro. Hoje eu tenho vários livros na minha mão, cada um em uma fase (*de produção*).

E tu participas ativamente de todos eles?

Sim. Eu tenho os meus livros e tenho parceiros (*que também produzem os livros*). O Tato, que foi quem fez o *Origens*, a Marta Góes... Não sei se você sabe que é a Marta Góes, mas a Marta Góes é uma jornalista, já uma decana do jornalismo, que hoje escreve novela para a Globo e escreveu a biografia da Fernanda Montenegro. Hoje em dia eu tenho os meus livros, o Tato tem os livros dele, a Marta está com dois livros e a Paula Carvalho, que é a designer, fazendo o projeto gráfico para todo mundo.

Então, você me perguntou se eu participo ativamente de tudo. Eu te digo que, dos livros que eu tenho na minha mão, sim, eu participo ativamente de tudo. Dos livros do Tato e dos livros da Marta eu virei coordenador editorial. Então, eles conduzem as entrevistas, mandam para a transcrição e eu fico supervisionando tudo. Quando eles têm dúvidas dividem comigo. Eu edito os textos, então a minha participação é em um segundo momento. Nos meus livros a minha participação é no primeiro, no segundo e no terceiro momento, que seria texto, design e impressão. No deles eu não participo do texto, só participo a partir do momento em que o texto está pronto. Aí eu edito e aí vai para o projeto gráfico e, de lá, vai para a impressão.

Sobre a impressão, como ele vem? É entregue ao cliente só o livro ou ele vem com um marca página, uma caixinha, alguma outra coisa?

Basicamente só o livro, mas têm famílias que querem algo mais específico. Teve uma família que imprimiu... Acho que 30 exemplares e aí, uma família com um pouco mais de dinheiro, obviamente, resolveu fazer uma caixa de acrílico para cada livro. Então,

era uma obra de arte que vinha dentro de uma caixinha transparente de acrílico. A pessoa abria e tinha um imã. O *Origens*, por exemplo, tem um fitilho, que é aquela fita vermelha, mas isso é escolha final... Na hora que vai para a impressão, a família escolhe esses detalhes. De um modo geral, ou a escolha recai sobre capa mole ou capa dura.

De um modo geral, a identidade visual que vocês têm é a fonte?

Até um certo momento, quando a demanda ainda era um pouco baixa e ainda dava para dar conta de todos os livros, cada livro tinha um projeto gráfico diferente. Então, até alguns anos atrás, todo livro tinha um formato, um tamanho diferente. Aí, quando a demanda começou a crescer, a gente fez um formato básico que também pode ser adequado livro a livro. Existe hoje um projeto gráfico modelo, que tem uma fonte específica, com um tamanho de fonte específico, e aí a gente adequa de acordo com os desejos do cliente. Se estiver bom para todo mundo, a gente usa esse modelo básico... Porque o que mais dá trabalho de um projeto gráfico é a criação do projeto, né. Quando já tem o modelo, é jogar texto, que é o que as grandes editoras fazem.

Para ti, qual a melhor e a pior parte de escrever biografias de família?

A melhor parte é ver o livro impresso. A pior parte, não a pior parte, mas a mais chata, para mim, é a intermediação entre o projeto gráfico pronto e a impressão. Nossa, isso é um saco, porque tem muito detalhe que, se der errado, o trabalho inteiro vai por água abaixo... Uma impressão errada, por exemplo. A mais prazerosa é a descoberta da história. Para mim, a parte mais prazerosa é quando eu ainda não sei o que vai acontecer e aí tudo é possível. Nesse ponto onde tudo é possível eu gosto, porque o que que esses livros têm para mim que me agrada é a liberdade de construção, a liberdade de eu poder contar uma história do jeito que eu achar que ela tem que ser contada. Então, podem ser capítulos curtos, pode ser um livro de um fôlego só, pode ser, enfim.... Um livro como esse, que tem uma tradução e um depoimento... Originalmente, eu tinha imaginado fazer um livro todo intercortado: teria um texto do Marc e, dentro do texto do Marc, teria um trecho da fala da Héléenne. Depois, teria na sequência outro texto do Marc.

Como um diálogo.

Exatamente, mais fragmentado. Quando eu comecei a construir, isso não deu certo. Aí eu parti para outra opção, separar os depoimentos. Só que eu ainda consegui uma brincadeira nessa história final... Eu gosto muito de filme, então eu penso muito nos livros como a construção de um roteiro de filme... Então eu gosto muito dessa brincadeira, de depois do crédito final, ainda tem uma surpresinha, que seja uma foto, um poema que foi citado no livro, mas que não foi registrado, ou uma foto que também foi mencionada em alguma momento e aí ela volta no final... Como no livro, esse da fazenda. O livro se chama *Borba Gato*, porque ela supostamente teria pertencido ao Borba Gato⁴⁷. Inclusive, nessa pesquisa com a historiadora em Taubaté, a gente encontrou a escritura de venda para o Borba Gato: 1796, imagina. No final do livro, a gente disse, eu e a designer: “não tem como imprimir esse livro sem botar uma foto do Borba Gato”... Aquele Borba Gato horrível que tem aqui em Santo Amaro, não sei se sabe qual é?

Não

Tinha uma estátua horrível do Borba Gato aqui em São Paulo que foi queimada recentemente. Tocaram fogo nela. É uma estátua horrível e a gente botou ela de brincadeira, assim, uma piada final... Então, é isso, o melhor momento para mim é naquele ponto onde tudo é possível.

E, na tua percepção, por que as biografias são um fenômeno editorial?

Vou levantar junto com você a questão. Será que essa generalização promovida pelas redes sociais não pode ter levado a um fenômeno oposto de reação que é o mergulho nas histórias particulares, como uma forma de lembrar a gente que tudo parte da nossa aldeia, quem que fala? É o Tolstói que diz, minha aldeia é meu mundo, meu

⁴⁷ Viana se refere ao bandeirante Manuel de Borba Gato, que nasceu em 1649 e morreu em 1718. Borba Gato “participou das expedições que adentraram o sertão brasileiro em busca de metais preciosos e mão de obra escravizada”. (Ver mais em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/borba-gato.htm>)

mundo é minha aldeia... Eu acho que as histórias particulares são cada vez mais importantes para a gente não esquecer de que somos seres com histórias próprias. Eu acho que as pessoas precisam disso, os leitores de biografias precisam disso, para lembrar que eles também são indivíduos com histórias particulares.

Ah! Uma coisa que me incomoda, na realidade, e que eu não consegui resolver nesse trabalho... Me incomoda um pouco estar registrando as histórias apenas de gente que tem dinheiro para pagar. Então eu tenho uma utopia - que, inclusive, batizou o selo que é utópico, o selo *Utopia* - que é registrar também as histórias de pessoas que não têm dinheiro para contratar a editora. Eu ainda não cheguei, mas pretendo chegar nesse momento em que, eu imagino, hoje, que o caminho seria fazer uma espécie de *Robin Hood* e tirar um pouco de quem tem dinheiro e dar para quem não tem dinheiro... Então, pegar um pouco do dinheiro de um livro encomendado para poder pagar a edição de um livro de gente que não tem dinheiro para encomendar. Por enquanto, para apagar um pouco dessa minha agonia, foi para isso que criei o Instagram. Se você foi ver no Instagram, o início da conta são perfis de gente comum. Tem lá a minha mãe, o porteiro do prédio, um monte de gente... Só para concluir a entrevista falando de futuro, o meu futuro ideal é esse. Chegar o momento em que eu vou conseguir registrar histórias de várias camadas sociais.

Então tá, muito obrigada André.

APÊNDICE B – Entrevista Coutinho

ENTREVISTA COM TATO COUTINHO, JORNALISTA RESPONSÁVEL PELO LIVRO
ORIGENS

DATA DA ENTREVISTA: 30/06/2022

Como foi o primeiro contato com a família Reingenheim⁴⁸? Como surgiu a ideia do livro? E como vocês começaram a trabalhar em cima dessa história?

O primeiro contato, na verdade, foi feito pelo André (*Viana*). O André funciona na organização da gente como um... Enfim, ele é o verdadeiro editor e está à frente dos contatos. Ele que faz esse trabalho, que é um trabalho bem particular e específico. Eu acho até que as faculdades de jornalismo falam pouco sobre isso. Essa formação, desse contato das pessoas que viram objeto de estudo, interesse de reportagem etc. Fala-se muito das ferramentas, mas pouco da habilidade necessária para você criar um contexto em que estas relações se estabeleçam de um jeito menos unidirecional. E o André faz isso muito bem.

Então, esse contato foi feito, por conta de outros trabalhos que a gente já tinha feito. A família o procurou. É ele que faz essa parte mais editorial de entender o que essa família quer e de que jeito. Quanto custa, como vai ser o cronograma, essa organização toda. Então, ele preparou o terreno um pouco, ouviu a família em primeiro lugar, entendeu o que eles gostariam de fazer, explicou o trabalho da editora... Feito isso, aí eu entrei como editor específico do projeto. Enfim, esse trabalho bastante peculiar, dessa autoria mais como um colaborador. A gente é quase um cavalo para o santo da memória... Como é que você incorpora essa história, essa voz que começa a nascer de uma relação que começa a se estabelecer, desse trabalho do jornalista com o entrevistado.

O livro foi trabalhado e escrito pelo Ronaldo (*Reingenheim*). Eu me reuni com o Ronaldo e a mulher dele, a Inês, que é uma judia com uma história bastante rica sobre

⁴⁸ A família Reingenheim é a família que contratou a editora Livros de Família para a produção do livro *Origens*.

esse episódio da história (*o Holocausto*), e a filha, que trabalha um pouco nesse meio, faz assessoria de imprensa de editoras. Foi, inclusive, a Bia (*filha do Ronaldo*) que procurou a editora em nome dele para a gente começar esse trabalho.

Tem uma peculiaridade nesse trabalho, quando a gente lida com essas gerações que detêm uma memória que corre o risco de se perder. Normalmente, são entrevistados já mais velhos, que já viveram uma série de mudanças no mundo, de forma geral e também, no jeito de você lidar com a memória e lidar até com o jornalismo e com a escrita. Ele tinha esse desejo, essa pesquisa do Ronaldo tem quase 12 anos, desde que ele se interessou pela memória e pelo acervo que a família dele, na figura da mãe, reuniu na família tanto do pai dele, quanto da mãe dele.⁴⁹ E ele não sabia direito como... Ele sabia que aquilo tinha uma importância para ajudá-lo a tornar melhor estruturada essa memória que nunca se construiu de uma maneira mais precisa, de uma articulação melhor entres as várias partes. Porque essa é uma memória muito doída que normalmente vem muito fragmentada. As pessoas, cada detentor da história guarda um pedacinho dela e conta uma história muito particular que não se completa. Em geral cada vez que você volta a ela (*a história*) é o mesmo episódio, mas ele vai ganhando camadas de aprofundamento e de versões meio – se não conflituosas, mas complementares. E o Ronaldo sentia mais a figura da Bia, a filha, sentia que ele precisava da ajuda de alguém que pudesse fazer um mapa com ele das histórias. Talvez o ajudasse a articular não só toda essa memorabilia que envolvia cartas documentos, passaportes, objetos e peças de roupa, vários depósitos de história que ele foi acumulando aquilo, mas ele olhava para aquele negócio e não conseguia, cara o que que eu faço com isso...

Quando a Bia procurou a editora, eu comecei esse trabalho de entender um pouco que história ele queria contar e de que maneira ele queria contar. Para, depois dessa aproximação muito delicada e que tomou um tempo. A gente fez reuniões semanais durante muito tempo, demorou uns dois meses até a gente chegar à conclusão de que faríamos uma história com alguma cronologia. A gente ia perseguir essa estrutura cronológica, para tentar ir encaixando os fragmentos de história que ele (*Ronaldo*)

⁴⁹ A pesquisa histórica e genealógica conduzida por Ronaldo, que deu origem ao livro, engloba tanto a família do pai dele, quanto a da mãe.

detinha. Não só a história oral, que ele coletou das conversas familiares com os pais quando estavam vivos etc. Ele também havia feito algumas trocas de *e-mails* com algumas pessoas pelo mundo, ligadas à família dele, ligadas a acervos que se organizaram... Tem um vasto arsenal de documentação sobre isso espalhado pelo mundo, e ele foi entrando em contato também. Então, ele foi fundamentando muitas das histórias particulares na história do mundo, ganhando certeza de que as coisas talvez tivessem acontecido de uma forma que ninguém contou para ele, mas com esse cruzamento com informações de outras fontes, ele pode sustentar uma teoria para cada uma daquelas histórias que ele tinha ouvido falar e foi complementando nessas pesquisas.

A partir daí, a gente começou a conversar, num modelo mais formal, jornalístico mesmo: de fazer perguntas, estabelecer uma pauta para cada um dos encontros... E a gente foi conversando, partimos desse momento presente, desse desejo dele de contar essa história. O trabalho dele foi muito de andar para trás na história, e ele (*Ronaldo*) fez uma pesquisa bastante criativa e imaginativa para encontrar fontes. Chegou ao antepassado da família do pai, no século XVIII, o que ele chama de patriarca da família, que nasceu em 1792 ou em 1793. Tem uma documentação em que ele conseguiu estabelecer essas datas.

A partir daí, a gente foi conectando os pedaços. Era possível documentar essa história toda, uma história mais impessoal e não ligada à família, mas essa consolidação da alma judia, dessas pessoas que passaram muito tempo sem memória. Porque não tinha documentação, então eles não tinham historicamente o direito de se estabelecer nos lugares, porque antes do *Código Civil de Napoleão*⁵⁰, que se espalhou pela Europa ali no final do século XVIII, começo do século XIX, os judeus não podiam nem se estabelecer nos lugares. Eles eram postos a correr e, a partir desse momento, das invasões napoleônicas na Europa, que expandiu o império francês e o

⁵⁰ “Inspirado pelos ideais progressistas da Revolução Francesa, o novo Código Civil conciliou a tradição do direito francês com a necessidade de leis aplicáveis ao cotidiano, em franca transformação, criando condições para uma maior segurança jurídica dos indivíduos. A noção de cidadania seria fortalecida pelo estabelecimento da igualdade de direitos para as minorias religiosas. Foi nesse contexto que os judeus locais se viram obrigados a adotar um sobrenome, primeiro passo para a obtenção de documentos, a regularização de sua existência civil e, claro, a cobrança regular de impostos.” (Trecho de Origens, p. 44)

estabelecimento do Código Civil... Foi nesse momento, inclusive, que boa parte dos judeus europeus ligados ali ao território da Alemanha.

O Código Civil exigia que eles tivessem um sobrenome como as outras famílias tinham e eles nunca tiveram. A tradição do judaísmo é patronímica, eles não tinham sobrenome. Então, era “Davi, filho de Moisés. Moisés, filho de Davi.” E aí, desse momento em diante, ali na virada do século XVIII para o XIX, a família dele se estabeleceu com sobrenome e ele conseguiu ir mapeando a trajetória da família do pai, até que o pai se encontrou com a família da mãe e aí ele juntou essas duas histórias.

A partir daí, essa história se expandiu, dos bisavós dele. E aí ele detinha um pouco mais do conhecimento da história dos pais, um pouco na Alemanha e um pouco no Brasil quando viraram pais dele, e essa história foi assim fermentando... Essas histórias são curiosas, porque elas têm uma dinâmica. Tem até uma imagem que nasceu, de uma conversa, é como fazer um pão, você pega uma matéria prima e com fermento, trabalho e dedicação etc. Essa história vai crescendo e alimentando uma tradição.

Foi feita alguma consulta ao longo da construção do livro com historiadores e outros pesquisadores da área?

Sim, ele (*Ronaldo*) fez um trabalho jornalístico bastante bom, inclusive, porque a família do pai tem uma particularidade. A família do pai do pai dele, é um sobrenome de uma família que se estabeleceu em uma região na Alemanha, que ele conseguiu estabelecer por uma historiadora dessa região na Alemanha. Que é de Münster na Westphalia. Tinha uma historiadora que se interessou pelo início da comunidade judaica lá na Alemanha, então ela fez um estudo sobre a família do Ronaldo. Então, quando ele começou a pesquisar, ele descobriu esse trabalho dessa historiadora, entrou em contato com ela, que tinha estudos de teologia, e conhecia uma outra historiadora⁵¹ e que, essa sim, tinha escrito um trabalho bastante alentado sobre os

⁵¹ “Com a ajuda das historiadoras Gertrud Althoff e Gisela Möllenhoff, que eu viria a conhecer pessoalmente ao entrar em contato com seus trabalhos sobre os judeus na Vestfália, consegui estabelecer as origens do primeiro Reingenheim de que se tem notícia e investigar quando e como esse histórico de violência e exclusão alcançara a minha família.” (Trecho de Origens. p. 41)

judeus dessa região. A família dele (*os Reingenheim*) pelo sobrenome que ele (*Ronaldo*) identificou, estava bastante documentada no estudo dessa historiadora alemã. E aí ele trocou muitas mensagens com ela e acabou indo visitá-la na Alemanha.

Durante essa viagem o livro já estava sendo construído? O Ronaldo já estava em contato contigo?

Isso tudo é muito anterior ao livro. Quando a editora foi procurada, ele já tinha... Eu acho que isso é um traço. Normalmente, quando procuram a editora eles (*os clientes*) já têm um desejo e um trabalho, se não organizado como um trabalho jornalístico, até editorial, mas já têm um desejo e um caminho, em que algumas histórias estão identificadas, depositadas em alguns familiares, em algumas fontes de documentação familiar. E, quando eles procuram a editora, o nosso primeiro trabalho é identificar que fontes são essas, em que estágio esse trabalho familiar foi feito e a partir disso a gente utiliza as técnicas de jornalismo e entrevista para amalgamar esse material prévio.

Então, quando ele (*Ronaldo*) procurou a gente, esse trabalho todo já tinha sido feito, já tinha ido à Alemanha, já tinha trocado toda essa relação com os historiadores... Ele trocou mensagens com os museus que se estabeleceram nos campos de concentração por onde ele sabia que a família... A tia dele, irmã do pai, que faleceu em um campo de concentração na Polônia... Ele ouvia a história de que ela (*a tia*) teria passado por um campo. Aí ele entrou em contato, descobriu que tinha um museu, conversou com a responsável pelo acervo, pediu a documentação. Foi quando o trabalho começou... Ele (*Ronaldo*) teve mais segurança de que tinha uma história melhor estruturada para contar. Foi quando ele recebeu desse museu Auschwitz Birkenau, na Polônia, os documentos do campo de concentração, atestando que a tia e o tio – casado com a tia, irmã do pai (*do Ronaldo*) – passaram de fato por lá (*pelo campo de concentração*). Tinha toda a documentação de entrada deles, de eventuais adoecimentos no campo e os documentos de morte também.⁵²

⁵² Ao longo do livro, conhecemos a história de Else e Hermann, tios de Rodolfo: “Embarcados para a última etapa de sua morte, no dia 13 de dezembro de 1941, os dois sobreviveram juntos ao gueto de Riga e ao campo de Kaiserwald, na Letônia, até serem separados em Stutthof, na Polônia, em 1º de outubro de 1944. Com boa saúde no momento da “internação”, Hermann foi enviado como operário ao subcampo Burgrabben, em Gdansk, onde morreria três meses depois, em 30 de dezembro de

No início do livro, quando o Ronaldo está na viagem, ele diz que tinha um diário de bordo. Tu tiveste acesso a algum escrito dele?

Não, não tinha.

Porque me pareceu tão completo... Tem uma hora que tem uma fala até sobre ele ter ido ao banheiro.

Isso aí é a parte simples do jornalismo, porque estava acessando uma memória que é muito recente, contemporânea. Quando ele (*Ronaldo*) foi para a Alemanha, ele já tinha alguma clareza de que ia fazer alguma coisa com todo esse empenho que ele teve ao longo do tempo. Por falta do conhecimento das técnicas de jornalismo e de indexação e de pesquisa, ele fez um trabalho muito completo e aprofundado, mas pouco estruturado. Então, tem muito material que ele tem, inclusive de testemunhos, enfim, documentos que você encontra na internet e que as fontes não estão muito estabelecidas, mas que você consegue verificar que são reais, que não foram inventados. Eu consegui encontrar a maioria dos lugares de onde ele recolheu esses documentos, mas nem todos. E, se ele tivesse talvez conversado... O Ronaldo tem essa particularidade, ele é um senhor muito fechado. Ele fala muitíssimo pouco. Acho que esse é um traço que pelas conversas era mais do pai dele, com quem ele se identifica mais, do que da mãe dele.

Ele acabou não fazendo isso que você se referiu como uma documentação e um diário. Ele foi coletando, coletando, coletando e é isso. Nesse momento, a família achou que uma ajuda talvez... Essa coisa que estava madura na cabeça dele, sem saber exatamente o que fazer com aquilo. Ele estava pronto para começar um trabalho qualquer que o ajudasse a encontrar um caminho, foi o que a gente fez.

Tu consideras que essa história é a história do Ronaldo ou é a história da família Reingenheim? Foi pensando em quem que essa história foi escrita?

1944. [...] Minha tia morreu pouco depois, em 9 de janeiro de 1945, provavelmente sem saber da morte do marido." (Trecho de Origens, p. 195).

O objetivo declarado dele, conversando com ele você percebe... É uma coisa que é quase um clichê desse tormento, dessas famílias judaicas, de lidar com essa memória que está se... Pelo menos a familiar, se esvaindo. Mas tem uma preocupação muito grande de que essa história tão grave não se transforme em uma dessas histórias do livro de história. Que é uma coisa, né... O holocausto, 6 milhões de pessoas foram dizimadas⁵³, o nazismo... A individualidade vai se perdendo. Quando você fala dessa tragédia que se abateu sobre o povo judaico, são 6 milhões de pessoas, quem são esses 6 milhões de pessoas? Cada uma dessas 6 milhões de pessoas têm uma história muito única e particular e, mesmo quando elas têm um roteiro muito parecido, é como a história de cada pessoa. Você senta para conversar com uma pessoa e você entra ali nas impressões que ela tem sobre o que ela viveu... Não tem mais volta, é um negócio sem fim...

Ele (*Ronaldo*) tinha essa preocupação com os netos. Ele via que os filhos ainda tiveram uma vivência com os avós, que viveram o holocausto contemporaneamente. Os netos (*do Ronaldo*) já não tiveram e ele via nos filhos (*do Ronaldo*) um conhecimento muito superficial dessa história, que não é a história do povo judeu, é a história da família dele. O Ronaldo olhava para os filhos e percebia que os filhos não viam em si a história dos avós mais, e que os netos muito menos.

Então, ele declaradamente começou a escrever essa história para os netos mais do que para os filhos. Mas era a história dele, se essa história fosse contada por uma outra pessoa, qualquer outra pessoa da mesma família, ela seria construída de outro jeito. Não só pelas relações estabelecidas pontualmente, as conversas que ele, Ronaldo, teve com o pai, com a mãe e com os avós. Como a irmã dele, que também está viva e o ajudou em parte da história ali. Se fosse uma história contada pela Monica, a irmã dele, seria outra história, outro livro. Até porque, você traz as histórias

⁵³ “Aqui, vale uma nota sobre o número de vítimas do Holocausto. Ainda hoje, muita gente se pergunta, nem sempre bem intencionadamente, como teriam sido contabilizadas as 6 milhões de mortes. A estimativa é atribuída a Wilhelm Höttl, um agente da inteligência nazista com passagens pela SS e pelo SD, o serviço de segurança do governo. Em seu testemunho à corte de Nuremberg, Höttl declarou ter ouvido de Adolf Eichmann – um dos principais operadores da “Solução final” – que em agosto de 1944 cerca de 4 milhões de judeus já haviam sido eliminados nos campos de extermínio e outros cerca de 2 milhões em ações diversas, a maioria em fuzilamentos na União Soviética.” (Trecho de *Origens*, p. 186).

das famílias do seu companheiro, que ali ainda é um núcleo... Que ainda que não seja um núcleo muito... Eles não se consideram, o termo correto não é esse, judaicos praticantes. Eles prezam muito a memória, os rituais tudo isso, mas eles nunca tiveram uma tradição de ir à sinagoga regularmente, tem o Shabat⁵⁴ etc. Então sim, essa é uma história do Ronaldo, do jeito que ele viveu, como ele compreendeu o sofrimento e as dificuldades da família dele.

Os exemplares do livro foram focados para serem entregues aos familiares?

Essa é uma característica da editora. São tiragens que, algumas chegam a mil exemplares. A gente teve dois ou três casos que foram tiragens grandes e que foram às livrarias inclusive, mas via de regra são projetos com circulação direta ligada à família. Sobretudo esse livro, porque ele ficou um livro muito grande e o custo gráfico dele, que no modelo de negócio é bancado pelas famílias, ficou um livro muito caro. Então, ele (*Ronaldo*) até fez uma tiragem bastante grande. Ele imprimiu 200 exemplares, filhos, netos, cunhados, genros e para todas as ramificações que ele conseguiu identificar, ele mandou um livro. Inclusive para os acervos e centros de documentação que o ajudaram na pesquisa: ele mandou um livro para fora, foi recebido na CIP aqui de São Paulo, a Comunidade Israelita Paulista, onde ele trabalhou muito tempo como administrador e tal. Ele foi recebido na Sinagoga, mandou um livro para o Museu Judaico aqui de São Paulo, está fazendo um trabalho lento e tentando identificar de fato quem se interessa pela história para enviar um (*exemplar do livro*).

O André me disse que os livros passam por um processo de devolução para a família, feedback e aí voltam para vocês. Como foi esse processo no Origens?

⁵⁴ Segundo a Congregação judaica do Brasil, “O Shabat é um dia de descanso para cada indivíduo e para toda a comunidade, e de renovação física e espiritual. Procura-se ter a melhor comida e vestimentas no Shabat. O Shabat se inicia no final da tarde de sexta-feira, com o acendimento das velas e um Kidush, à noite, em casa ou nas sinagogas. No Shabat, evitam-se diversos tipos de atividades, chamadas de “melachot” normalmente referenciadas como “trabalho”, tais como, carregar objetos, acender fogo, escrever e cozinhar.” (Fonte: https://www.cjb.org.br/tiferet/culto/tradicoes/33_SHABAT%20REGRAS%20GERAIS.pdf)

Para mim foi surpreendentemente. O André (*Viana*) brinca comigo, porque eu falo que foi fácil. Ele fala: "pô, fácil?" Esse trabalho tem uma particularidade também, ele foi um dos... Não foi um dos primeiros, mas quando a gente começou a atender outros tipos de história, porque antes eram histórias com um foco muito pontual sobre algum personagem, algum aspecto etc. Esse foi o primeiro trabalho que tinha uma visão do contador da história, não nossa, do Ronaldo, maior... De contar uma história em um tempo mais largo... E, quando ela foi apresentada, ela veio com...

Tu dizes várias gerações?

Isso porque ele não estava interessado em contar a história da relação dele com o pai dele. Ele queria contar a história da família, de onde veio, como é que era, quem eram os antepassados do pai, como é que foi a escolha do sobrenome etc. E, como ele já tinha esse trabalho de 10 anos, esse trabalho chegou com as credenciais de: "olha, esse livro está pronto."

Quando a Bia (*filha do Ronaldo*) procurou o André (*Viana*) e falou: "meu pai já trabalha nele há muito tempo. Ele já tem os documentos reunidos e organizados. Então, é um trabalho meio de organizar e tal." Eles fizeram um cronograma de trabalho e estabeleceram um custo que teria etc. Era um trabalho para durar quatro meses e durou quatro anos... Então, eu falei: "André, foi bastante fácil..." Ele (*André*) falou: "Fácil? Era um trabalho para durar quatro meses e durou quatro anos." Então, teve um probleminha aí com o editor do livro na compreensão do desafio que a gente teria pela frente.

No começo, depois desses dois meses, dessas conversas iniciais, onde eu entendi melhor a ambição do que ele gostaria de fazer, do material que ele tinha, de que jeito ele queria contar essa história, o primeiro passo nesse trabalho de escrever... Porque têm dois jeitos de contar essas histórias: um é você assumir e fazer um trabalho jornalístico, com um narrador onisciente, na terceira pessoa etc, que conta todas as histórias, investido deste papel que a família dá para você contar essa história, ou (*o outro jeito*) você escreve em primeira pessoa, em nome de uma pessoa. Aí, tem uma dificuldade que é mais do que identificar que voz é essa.... Eu falei em cavalo de santo

e a metáfora é bastante adequada: que é você tentar reproduzir um fluxo de consciência parecido, um vocabulário parecido, escrever se suas frases são longas, se são curtas, enfim, um estilo de escrita em que a pessoa em nome da qual você vai escrever precisa se identificar.

No começo, você escreve ali umas primeiras páginas, uma introdução... Eu escrevi quase uma explicação do livro, que eu entendi que esse livro precisaria, que eu chamei de *Advertência*⁵⁵. É ele contando porque aquele livro ia ser contado e do que se tratava. Quando eu entreguei para ele, eu falei: “bom, você não sabe direito o que vai acontecer. Eu nunca tinha escrito em nome de ninguém. Assim, escrever em primeira pessoa não sendo eu.”

Foi teu primeiro trabalho assim, então?

Eu já tinha feito outros trabalhos na editora (*Livros de Família*), editando textos escritos pelos familiares na primeira pessoa e escrevendo na terceira também. Ou seja, de fora da história, fazendo um grande relato jornalístico, isso foi a primeira vez.

Quando eu entreguei (*o texto da Advertência ao Ronaldo*) e a gente conversou, ele falou: “ah, não vou ler agora. Vou ler depois, com a Inês”, que é a mulher dele, “depois a gente conversa.” Aí passaram quase 10 dias sem que (*eu*) tivesse um retorno. Aí a gente, eu e o André (*Viana*), falamos: “pô, o livro dele deve estar circulando pela família, para ver o que eles acham.” Mas, no fim, não. Segundo ele (*Ronaldo*), ele releu várias vezes e ficou surpreso como aquilo parecia uma coisa que, se não... Claramente não tinha sido escrito por ele e ele escreve muito pouco. Ele falou: “puxa vida, se eu de fato quisesse escrever alguma coisa, eu gostaria de ter escrito desse jeito.”

⁵⁵ A *Advertência* a qual Tato se refere está nas primeiras páginas de texto do livro (p. 12 e 13). Em trecho da *Advertência*, Tato resume os motivos que levaram à construção do livro: “O que se verá em seguida são registros fragmentários de uma mesma trajetória. Eles seguem brotando das mais variadas fontes, sempre articulados a partir do que nós, a família, não sabemos. Este não é, portanto, um livro clássico de memórias porque nasceu, sobretudo, do esquecimento. Pode parecer estranho, mas foi sempre o silêncio o discurso mais eloquente da história reunida aqui aos pedaços. Nunca houve a possibilidade de uma narrativa clássica, linear, mesmo quando seus principais personagens estiveram vivos. Por uma razão muito simples: não havia como dizer o indizível.” (Trecho de *Origens*, p. 12)

Então, isso foi tranquilo. Ele brincou quando falou: “eu não gostei de nada do que você escreveu.” Eu falei: “como assim, Ronaldo. Por quê?” Ele falou: “não, você fez a Inês chorar.” Que é a mulher dele. Aí eu falei: “ufa! Desculpa, Ronaldo, que ela ficou muito emocionada.” Depois, conversando com ela eu entendi porque ela tinha ficado (*emocionada*). O Ronaldo, por ser um cara muito fechado, a família lida com ele como um cara fechado. Então, eles não perguntam demais, vão só até onde o Ronaldo aceita falar das coisas. Eles tomam cuidado para não desestabilizar o humor do papai etc. Ela viu que aquilo era um jeito de ajudá-lo a se expressar melhor a respeito de coisas que ele sabe, que ele sente, mas que ele não conseguia pôr para fora.

É a história do pai dele que tem na *Advertência*, que esse é um livro em que essas conversas que a família tinha, ele foi construindo a história da família paradoxalmente com o silêncio, porque quanto mais grave o assunto era, mais breves eram as conversas, mas mais ele compreendia que o que ele achava que fazia o pai não falar da história... Ele teve segurança para assumir as coisas que o pai dele não disse para ele, mas ele achava que o pai teria dito para ele. Ele estava descansado até que, a partir das conversas que eu tinha com ele e ele me dizia o que o pai deixou de falar para ele, eu sendo ele, mas ao mesmo tempo não sendo ele a se arriscar, a dizer alguma coisa em nome do pai, ele ficou com vontade que eu tivesse dizendo isso. No fim, ao longo do caminho, ele ficava inclusive esperando: “e aí? O que eu disse? O que eu teria dito?”

Isso foi uma coisa curiosa dessa relação. Foram quatro anos de a gente se reunindo uma vez por semana, foram raras as semanas em que a gente não tenha se encontrado às terças-feiras. A Bia conta uma história que eles sempre encontram a família para almoçar na casa do Ronaldo, ela tem um irmão também, e aí fica todo mundo: “e aí, em que pé está a história? O que vocês conversaram essa semana?” Ele falava: “ah, não, a gente nem falou da família. A gente ficou conversando sobre outras coisas.” Foi divertido assim. Não que seja um processo intencional de você conquistar a confiança de alguém para que ela fique à vontade de te contar alguma coisa. Isso em geral não funciona, mas só com o tempo você consegue criar esse laço em que as pessoas se sentem à vontade para se arriscar mais...

Em algum momento do livro tu transcreveste as falas inteiras dele?

Não, fala não, porque tem essa.... É curioso, as pessoas acham que o livro escrito em primeira pessoa, se você transcreve a conversa, o livro está pronto. Sobretudo as conversas com o Ronaldo, que eram frases muitíssimo breves. Mas todas as conversas foram transcritas. A gente tem uma transcritora e eu reuni quase três mil páginas de transcrição e muitas horas de gravação. Mas frases, eu acho que não têm nenhuma frase textual completa do Ronaldo. Talvez as frases mais de coisas que você identifica como linguajar, como a transcrição do registro verbal, as expressões que ele tinha, mas o encadeamento e a construção das frases são coisas que ele disse, mas que as frases são outra matéria, o discurso falado, transcrito ele não funciona, ele funciona na oralidade, mas na escrita não.

Uma última pergunta, o André (Viana) tinha me falado sobre esse caráter quase terapêutico que o livro proporciona às famílias. Como funcionou isso na produção do Origens e como tu te sentes sobre facilitar esse momento de reflexão histórico e também emocional dessas pessoas?

Como eu me sinto? Assim... É quase que um subproduto do trabalho da gente. Foi muito assim, apesar da personalidade difícil do Ronaldo, que criou uma relação dele com o André, que foi a parte mais fria da operação, de como o livro vai ser, dos pagamentos. Foi uma relação em que ele mostrou esse lado que a gente tem, que não é o lado mais cordial nas relações que a gente estabelece, e isso é uma estratégia que a gente toma. Em geral, quem faz a coordenação editorial, que é cuidar dessa parte mais burocrática e mais fria, quer dizer, quem cuida da história, não se envolve com a parte da coordenação editorial. A gente se altera muito lá na editora, eu, o André e a Marta (Goés)⁵⁶, nesses papéis. Então, quem vai entrar na história e estabelecer essa relação que, na média, quando dá certo, dura dez meses a um ano e meio. Assim, precisa só focar nas questões que dizem respeito à história pessoal e à intimidade. Então, o Ronaldo que se relacionou com o André é muito diferente do Ronaldo que se relacionou comigo.

⁵⁶ Marta Goés é jornalista e faz parte da equipe de colaboradores da Livros de Família.

Quando o livro ficou pronto, ele (*Ronaldo*) reuniu os familiares que ele não via. Veio gente do Rio, veio gente do interior, e várias das pessoas ligadas à família. Ele chamou à casa dele para entregar o livro e falar um pouco da história, que nem todo mundo conhecia em profundidade, o trabalho que ele vinha fazendo. Ele me convidou para esse encontro e lá na reunião ele me apresentou, falando: "esse aqui é meu irmão, esse aqui é meu irmão da história da minha família." E isso é... Eu me senti muito honrado em frente à família dele, num sentido de realizar um trabalho bem-feito, de entender as necessidades acessórias e não só as principais, de entregar uma história bem feita, de fazer as entrevistas bem feitas e de construção fidedigna da história.

Tem esse outro lado também, de você ver que o livro promove, como todo o livro promove, uma relação de autor e leitor. Uma relação, nesse processo, da gente de criação na Livros de Família, a gente estabelece um vínculo que pode ser mais ou menos aprofundado. E, com o Ronaldo, foi... Eu acho que ele encontrou em mim um ouvinte, que as características das relações que ele estabelece com os amigos e com a família, que não eram necessariamente os interlocutores certos para o trabalho que ele gostaria de fazer. Isso muito lentamente. Ele foi criando um espaço maior, que pudesse ser ocupado por mim. No final, eu fiquei até surpreso (*devido ao*) pelo temperamento (*do Ronaldo*), quando ele falou: "esse é o meu irmão da história dos Reingenheim." Me apresentou para a família... Então, eu acho que, como a família esperava, ajudou muito o Ronaldo a se desvencilhar dessa armadilha que ele (*Ronaldo*) criou para ele mesmo.

Foi de fato uma armadilha, quando ele viu, ele estava no meio de um... A família percebeu... Ele estava no meio de uma encrenca, da qual ele não ia conseguir sair se a família não o ajudasse a se relacionar com aquilo, seja lá para o que for, né. Podia ser só uma organização de separar as cartas da mãe e do pai, organizar as fotografias, fazer escaninhos, escanear e salvar em arquivos etc. Então, era um jeito de você lidar com isso. Eles entenderam que tinha mais do que esse desejo de preservar um

acervo, que a mãe dele fez um trabalho notável⁵⁷... Tem fotografias que têm 150 anos quase, tem fotografia estabelecida ali,⁵⁸ das primeiras fotografias comerciais que fizeram. É uma fotografia lá do trisavô dele e está em um estado incrível. Ela está nova assim. Ela é impressa em uma técnica de, sei lá, sensibilização com prata, incrível.

Eu acho que é isso, Tato. Muito obrigada.

⁵⁷ “Ao morrer, na véspera do Natal de 1988, minha mãe deixou seus guardados mais íntimos cuidadosamente arrumados em uma pequena mala de pano para que encontrássemos, por cima de tudo, uma daquelas estrelas de David amarelas que os judeus eram obrigados a exibir no auge da segregação.” (Trecho de *Origens*, p. 17)

⁵⁸ “Sempre achei curioso – eu ia dizer engraçado – o retrato de minha trisavó, Sara Levy Reingenheim. E não apenas pela boca aparentemente sem dentes, o que não deveria ser de todo incomum nos idosos da época. Nascida em 1792, sua idade aparente na foto, em torno dos 70 anos, coloca a relíquia nos primórdios da fotografia comercial, popularizada apenas nos anos 1850. Ter um retrato naqueles tempos pode indicar, senão uma certa condição econômica, ao menos um considerável apreço pelo registro familiar.” (Trecho de *Origens*, p. 46)

APENDICE C – Guia para entrevista

TRAJETÓRIA COMO JORNALISTA:

1. Formação
2. Onde trabalhou?
3. Por que as biografias são um fenômeno editorial?

A EDITORA:

4. Como começou?
5. Atualmente, qual o principal campo de atuação?
6. Por que escrever uma biografia de família?
7. Quais os serviços oferecidos pela editora?
8. Dos ofertados, os serviços mais procurados? Por quê?
9. Vocês fazem divulgação dos livros quando abertos à venda?
10. Quanto tempo leva em média a produção de um livro? Pesquisa, escrita, diagramação, gráfica
11. Qual a melhor parte de escrever Livros de Família? E a pior?

A EQUIPE:

12. Atualmente, quem é a equipe da Livros de Família?
13. Por que estas funções?
14. Como são divididas as tarefas?

O PÚBLICO:

15. Vi uma entrevista em que você afirma que na pandemia a procura pelo serviço prestado pela editora aumentou. Na sua opinião, qual o motivo?
16. Qual/quais os perfis mais comuns das pessoas que contratam a editora? Por que este é o público que mais procura a editora?
17. Quem é o público dos livros?

PRÉ-PRODUÇÃO: PESQUISA

18. Como acontece a apuração?
19. Há entrevistas?
20. Pesquisa de documentos?
21. Quem são as fontes?
22. Checagem das informações?

PRODUÇÃO: ESCRITA

23. Os livros são sempre na primeira pessoa? Um padrão.
24. E os assuntos polêmicos?
25. Já houve problemas com familiares?
26. Quem escreve os livros? jornalistas, familiares, outras áreas
27. Quem assina os livros? Se o jornalista produz, ele assina? Ou é *ghost writer*?
28. Se *ghostwriter*, por que em primeira pessoa?
29. Há exposição das fontes? Dizer quem disse o quê.
30. Quais os critérios de escolha do que vai no livro?

PUBLICAÇÃO

31. Antes de publicados os livros são aprovados pelo autor/família?
32. Os livros sempre têm ISBN (registro da biblioteca central), mesmo que não sejam vendidos ao grande público?
33. Primeiro contato com a família.
34. Quem escreveu o livro?
35. Caderno de bordo da viagem ou da pesquisa genealógica?
36. Se a família escreveu, houve alguma facilitação da equipe da editora?
37. Entrevistas?
38. Os outros registros passaram por checagem? Datas etc.
39. Considera que a história é sobre uma família ou uma pessoa só?
40. Como elencaram as informações mais importantes?
41. Tempo de produção do livro?
42. Público?
43. Finalidade?
44. Quantos exemplares?
45. Aberto ao público ou exclusivo da família?
46. Recepção dos familiares?